

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

O GUARANÁ DE MAUÉS E AS NARRATIVAS ORAIS
NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA DO SOCORRO LIBÓRIO DOS SANTOS

2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**O GUARANÁ DE MAUÉS E AS NARRATIVAS ORAIS NO ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA DO SOCORRO LIBÓRIO DOS SANTOS

Sob a orientação da Professora
Ana Cristina Souza dos Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
2016**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D237 g

DO SOCORRO LIBÓRIO DOS SANTOS, MARIA, 1963-
O GUARANÁ DE MAUÉS E AS NARRATIVAS ORAIS NO ENSINO
DE LÍNGUA PORTUGUESA / MARIA DO SOCORRO LIBÓRIO DOS
SANTOS. - 2016.
124 f.

Orientadora: Ana Cristina Souza dos Santos.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2016.

1. Ensino da Língua Portuguesa . 2.
Interdisciplinaridade. 3. Aprendizagem. I. Cristina
Souza dos Santos, Ana, 1973-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

MARIA DO SOCORRO LIBÓRIO DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 19/12/2016

Ana Cristina Souza dos Santos Profa. Dra. UFRRJ

Elizabete Cristina Ribeiro Silva Profa. Dra. UFRRJ

Maylta Brandão dos Anjos Profa. Dra. IFRJ

Dedicatória

A Deus por ter me dado forças ao longo desse processo;

À minha amada Família e

Ao povo mauesense.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor de toda vida, por ter conduzido minha trajetória, permitindo a concretização deste sonho, dando-me oportunidade de aprender mais, para melhor ensinar e promover a vida.

À professora Dra. Ana Cristina Souza dos Santos pela acolhida, pelo estímulo, pela confiança e, acima de tudo, por ter sido esta grande orientadora que tornou possível esta pesquisa. A você professora, meu respeito, meu carinho e minha eterna gratidão.

A minha ex-aluna Laís Almeida, pelo carinho, companheirismo e contribuição neste percurso.

A todos os alunos que passaram pela minha história de docência, de modo especial, aos alunos do Curso Técnico de Agropecuária, que contribuíram com esta pesquisa: Alessandra, Alison, Alan, André, Arlindo, Bruno, Camila, Eloíse, Élen, Elian, Izabele, Iana, Fabíola, Francilene, Marta, Marcos Paulo, Sandro, Tiago Matos, Tiago Lucas, Virna, Vinícius e Zózimo.

Ao Professor Gabriel e à Professora Rosa Cristina, nos quais eu agradeço a todos os professores do Programa de Pós- Graduação em Educação Agrícola PPGEA da UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que não hesitaram em expandir conhecimento para os lugares mais longínquos deste país.

À minha tia Diomélia, pelo apoio e incentivo no período de minha adolescência e pelo grande companheirismo de minha prima/irmã Mitsi.

Ao meu pai Nicolau Libório, a minha saudosa mãe Aparecida que me ensinaram sábias lições da vida e a todos os meus irmãos e irmãs, pela convivência fraterna e carinhosa, e de um modo especial, a Graça, pelo apoio, ao Nicolau pelo incentivo à minha vida acadêmica, ao Antônio pelo grande apoio em fases dos meus estudos, e ao Betão, companheiro de muitas horas.

Aos professores (as) do IFAM/*Campus* Maués, tanto os que contribuíram participando desta pesquisa, como os que compreenderam o período em que eu me ausentava do *Campus* para este estudo.

À professora Leonor Ferreira Neta Toro, ex-diretora do IFAM/Maués, por ter lutado e acreditado em cada mestrando.

Ao meu marido Ribamar e meus filhos Neto, Lucas e Tiago. A vocês eu ofereço esta conquista, marcada pelo amor, compreensão e estímulo que vocês dispensaram a mim ao longo dessa trajetória.

RESUMO

SANTOS, M. S. L. **O guaraná de maués e as narrativas orais no ensino de língua portuguesa**. Seropédica: UFRRJ, 2016. 124 f. Dissertação - Mestrado em Educação em educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – PPGA/ UFRRJ, Seropédica, RJ. 2016.

Esta pesquisa situa-se na área de ensino de Língua Portuguesa em uma perspectiva interdisciplinar. Pesquisadores na área de ensino de Língua Portuguesa no Brasil afirmam que a escola tem se limitado ao ensino de gramática e especificamente, ao ensino de gramática como uma única modalidade da Língua Portuguesa. Assim, hoje, um dos maiores entraves observados na sala de aula nas turmas de primeiro ano do Instituto Federal do Amazonas do *Campus Maués* está relacionada à leitura e à escrita. No presente estudo, discutimos o processo de aprendizagem em Língua Portuguesa por meio de um projeto de ensino interdisciplinar que teve como participantes os alunos do primeiro ano do Curso de Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM/*Campus Maués*. A cidade de Maués tem uma vocação autêntica com o guaraná (*Paullinia cupana*), produto importante tanto do ponto de vista econômico como do ponto de vista cultural. O cultivo da planta do guaraná remonta a época dos nativos indígenas – os mawé – até os dias atuais. Ao fruto estão associados valores energéticos, afrodisíaco, medicinal e cultural, marcado principalmente por uma riqueza de narrativas orais. Acreditamos que ao trazer tais narrativas para a sala de aula promoveremos múltiplas possibilidades de entrada do mundo exterior para esse espaço de ensino. Da mesma forma, essas questões poderão se exteriorizar de maneira diferenciada, articulando-se a outros conceitos e disciplinas. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi analisar o processo de aprendizagem em Língua Portuguesa comparando as manifestações verbais de alunos antes e depois de uma experiência de ensino que trabalha gêneros narrativos com a mediação de tema dominante no contexto econômico, social e cultural de onde residem os alunos - “o guaraná de Maués”. A metodologia que conduziu nossa pesquisa foi de cunho qualitativo, a amostra constituiu-se em textos produzidos na categoria de contos e poesias, por meio de oficina Interdisciplinar. Além disso, utilizamos, como instrumento de coleta de dados, questionários no início e no final. Assim, além dos textos analisados, as manifestações verbais dos envolvidos nesta pesquisa, evidenciaram que, os conhecimentos não são estanques e se articulam, e trazer elementos do cotidiano para a sala de aula, mais motivados eles estarão para construir novos conhecimentos. Logo, nossa prática pedagógica, à luz da linguística textual e da interdisciplinaridade contribuiu de forma significativa para a aprendizagem da língua portuguesa.

Palavras-chave: Ensino da Língua Portuguesa – Interdisciplinaridade - Aprendizagem

ABSTRACT

SANTOS, M. S. L. **The guaraná of malés and the oral narratives in the teaching of Portuguese language.** Seropédica: UFRRJ, 2016. 124 p. Discourse (Masters Degree on Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

This research is located in the area of Portuguese Language teaching in an interdisciplinary perspective. Researchers in the area of Portuguese language teaching in Brazil state that the school has been limited to the teaching of grammar and specifically to the teaching of grammar as a single modality of the Portuguese Language. Like this, today, one of the biggest obstacles observed in the classroom in the first year classes of the Amazon Federal Institute, Campus Maués is related to reading and writing. In the present study we discuss the learning process in Portuguese Language through an interdisciplinary teaching project that had as participants the first year students of the Agriculture and Livestock Course of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Amazon - IFAM / Campus Maués. The city of Maués has an authentic vocation with guaraná (*Paullinia cupana*), an important product both from the economic and cultural point of view. The cultivation of the guaraná plant goes back to the time of the native natives - the Mawe - to the present day. The fruit is associated with energy, aphrodisiac, medicinal and cultural values, marked mainly by a wealth of oral narratives. We believe that by bringing such narratives into the classroom we will promote multiple possibilities of entry from the outside world into this teaching space. In the same way, these questions can be externalized in a differentiated way, articulating with other concepts and disciplines. Thus, the objective of this work was to analyze the learning process in Portuguese Language comparing the verbal manifestations of students before and after an educational experience that works narrative genres with the mediation of dominant theme in the economic, social and cultural context of where they reside The students - "Maués's guaraná". The methodology that led to our research was qualitative, the sample consisted of texts produced in the category of short stories and poetry, through an Interdisciplinary workshop. In addition, we used, as a data collection tool, questionnaires at the beginning and at the end. Thus, in addition to the texts analyzed, the verbal manifestations of those involved in this research, evidenced that, knowledge is not watertight and articulate, and bring elements of everyday life into the classroom, the more motivated they will be to build new knowledge. Therefore, our pedagogical practice, in the light of textual linguistics and interdisciplinarity, has contributed significantly to the learning of the Portuguese language.

Keywords: Teaching Portuguese Language - Interdisciplinarity - Learning

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Orla da cidade de Maués.....	3
Figura 2 Oficina de contos de histórias com o Mestre Barrô.....	29
Figura 3 Interdisciplinaridade materializada pela produção de texto no laboratório de informática.....	35
Figura 4 . A- Alunos em visita técnica à EMBRAPA, recebendo informação sobre o cultivo do guaraná. B- colheita do guaraná. C- lavagem do guaraná. D- Dia de Campo. E-Torração de guaraná. F- Comercialização do guaraná – artesanato .G- Comercialização do guaraná	36
Figura 5 Participação dos alunos do IFAM na III Feira de Agronegócio de Maués.....	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO DA PESQUISA.....	3
1.1 O município de Maués	3
1.2 O Guaraná em foco	4
1.2.1. Mito e Lenda.....	5
1.2.2. O Mito do Guaraná.....	5
1.3 Maués e suas Narrativas Oraís	8
1.4 O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas- <i>Campus</i> Maués	9
1.5 O Curso Técnico em Agropecuária – caracterização	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 Fragilidades e desafios no ensino da língua	11
2.2 Concepções de linguagem.....	12
2.3 A linguística textual	14
2.4 Texto e textualidade	14
2.5 Tipos e gêneros textuais	17
2.5.1. Gênero Narrativo	17
2.5.1.1. Conto	18
2.5.1.2. Poesia.....	18
2.6 Narrativas Oraís.....	18
2.7 Interdisciplinaridade e Contextualização no Ensino da Língua	19
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	25
3.2 Projeto Interdisciplinar	26
3.3 Instrumento de Coleta de dados	26
3.3.1. Da seleção dos textos.....	26
3.4 Oficinas Pedagógicas de Produção de textos	27
3.4.1. Lenda do Guaraná e o Romance Iracema	28
3.4.1.1. Mito do Guaraná e o Romance Iracema	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
4.1 Perfil diagnóstico do aluno.....	37

4.2	Diálogo entre os textos clássico e o contemporâneo.....	40
4.3	Balanco dos resultados das Oficinas de produção de texto.....	44
4.4	Análise dos contos produzidos pelos alunos	45
4.4.1.	Tema e Título.....	47
4.4.2.	Adequação Discursiva	47
4.4.3.	Adequação Lingüística	47
4.4.4.	Coesão e Coerência	47
4.4.5.	Convenção da Escrita	47
4.4.6.	Análise qualitativa das poesias	57
4.5	Exposições de textos na Feira de Agronegócio na Festa do Guaraná.....	64
4.6	O que dizem os alunos	65
4.7	O que dizem os Professores Participantes.....	1
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
7	APÊNDICES	76
8	Anexos.....	82
	Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	83
	Anexo B – Termo de Concessão.....	85
	Anexo C – Termo de Concessão 2.....	86
	Anexo D – Termo de Concessão e Autorização de Pesquisa	87
	Anexo E – Textos dos escritores locais trazidos pelos alunos (contemporâneos).88	
	Anexo F - Textos dos alunos na primeira escrita.....	93
	Anexo G – Textos dos alunos após a reescrita	107
	Anexo H – Poesias	118

INTRODUÇÃO

O guaraná (*Paullinia cupana* var. *sorbilis*) é um arbusto com grande cultivo no Estado do Amazonas, uma planta genuinamente brasileira, de grande importância econômica, social, cultural, principalmente, na Região Amazônica. Os índios Sateré-Mawé foram os pioneiros a cultivarem a planta do guaraná para consumo.

No município de Maués, a cultura do guaraná constitui um produto econômico, gerando riqueza e qualidade de vida, ao mesmo tempo, que se constitui em uma fonte inspiradora de vida e poesia. É o guaraná que identifica o mauesense e representa simbolicamente a força e a determinação de seu povo. A este fruto estão associados valores energéticos, medicinais, cultural, marcado, sobretudo, por uma riqueza de narrativas orais.

Neste contexto, está inserido o Instituto Federal do Amazonas-*Campus* Maués. Como professores de Língua Portuguesa, temos enfrentado constante desafio em ensinar tal disciplina neste Instituto, apesar destes estudantes já serem, devidamente, alfabetizados e estarem cursando o nível médio.

Convém ressaltar que, assim como em outras escolas, nossos alunos também recebem livros didáticos, e, não podemos negar a importância deste instrumento pedagógico para o ensino da língua, mas ressaltamos também que a maior parte desses livros são descontextualizados da realidade dos nossos alunos. Por isso, vimos a necessidade de buscar outros textos fora do espaço escolar que contemplem os aspectos culturais e regionais do nosso alunado.

Nesse mesmo raciocínio, Verceze (2008) observa que certos livros didáticos trazem propostas elitistas que não atendem às necessidades de todas as camadas sociais e regionais, não considera a realidade cultural do aluno, fator importante para aproximar o ensino-aprendizagem à visão de mundo que cada aluno traz ao chegar à escola.

Hoje, um dos maiores problemas no ensino de língua portuguesa detectado pela maioria dos professores, principalmente nas turmas do primeiro Ano do IFAM *Campus* Maués, está relacionado à dificuldade de leitura, interpretação e a escrita, por parte dos alunos. A leitura bem conduzida de forma que o aluno interprete e entenda os conteúdos que o leve às reflexões para o uso da escrita e de boas práticas comportamentais, culturais e intelectuais.

Por não conseguirem interagir com aquilo que eles leem, estes alunos podem também não ver a construção de sentidos para escrever, por isso eles apresentam um “aparente” descaso com as atividades desenvolvidas na sala de aula e isso também gera desinteresse pelas demais disciplinas.

Neste sentido, levantamos as seguintes questões: O que fazer para melhorar as condições do ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa? Como se comparam manifestações verbais de alunos de uma turma antes e depois de uma experiência de ensino que trabalha gêneros narrativos com mediação de tema dominante no contexto econômico, social e cultural de onde residem os mesmos alunos?

Na perspectiva de promover o ensino de Língua Portuguesa e valorizar a cultura local onde o aluno está inserido, buscar-se-á entender a relação que tem o município de Maués com o guaraná e o incremento desse conhecimento popular no cotidiano acadêmico.

Beber o guaraná não é apenas beber um suco, é fazer parte de um ritual que ultrapassa o tempo: reunir a família, ralar o bastão na língua do pirarucu – ou na pedra como faziam os índios mawé -, atingir a idade – sinal de pertencimento – para fazer parte do ritual e envolver-se no mundo mítico das narrativas.

Estas e outras informações adquiridas acerca do guaraná poderão instrumentalizar as produções de textos dos alunos, aguçando e facilitando o raciocínio, uma vez que o tema

gerador para os textos parte de suas próprias experiências, da sua relação de afeto e de identidade. Esta prática possibilitará um diálogo entre os elementos dos textos narrativos clássicos com a lenda, com o mito e com os relatos orais sobre guaraná.

Aproveitar esse contexto cultural para trabalhar uma proposta curricular para o primeiro ano – conto, crônica, poemas - pode ser uma forma agradável de produzir conhecimento, uma vez que se articula a leitura e a escrita, fatores imprescindíveis para democratizar o acesso à cultura letrada, como também para promover a autonomia do aluno.

Assim, o presente estudo tem por objetivo geral analisar o processo de aprendizagem em Língua Portuguesa, comparando as manifestações verbais de alunos antes e depois de uma experiência de ensino que trabalha gêneros narrativos com a mediação de tema dominante no contexto econômico, social e cultural de onde residem os alunos - “o guaraná de Maués”.

Para contemplar o objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: discutir a intertextualidade e a interdisciplinaridade na construção/elaboração de textos por parte dos alunos; analisar o nível de domínio da escrita dos alunos, por meio do processo de reescrita textual dos gêneros narrativos na forma de conto e poesia sobre o tema “guaraná de Maués”.

Para desenvolver esta pesquisa, primeiro procuramos conhecer as Funções da Linguagem, dentre as funções estudadas a que melhor embasa nosso trabalho é a linguagem como processo de interação, que é vista como interação humana, marcada por sua natureza interlocutiva. Para isso, vimos na Linguística Textual e na Interdisciplinaridade as bases teóricas para fundamentar nossa pesquisa.

Quanto à apresentação, a dissertação está estruturada em tópicos assim distribuídos:

O primeiro tópico caracteriza e contextualiza o local da pesquisa com um breve histórico da cidade de Maués, do guaraná com seus vários aspectos, e nesse cenário, o Instituto Federal.

O segundo tópico apresenta a fundamentação teórica, na qual se revisa a literatura que embasa esta pesquisa sustentada pela Linguística Textual e pela Interdisciplinaridade, numa perspectiva de promover o ensino da língua.

O terceiro tópico apresenta a metodologia adotada, com a apresentação do perfil dos sujeitos da pesquisa, bem como os instrumentos e procedimentos da coleta de dados.

O quarto tópico apresenta a análise do *corpus* com resultados e discussões, momento em que avaliamos resultados obtidos. Por fim, as considerações finais, onde se faz uma retomada do estudo desenvolvido, sintetizando os resultados obtidos e a relevância desta pesquisa para o ensino.

1 CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO DA PESQUISA

1.1 O município de Maués

O nome Maués tem sua origem na língua tupi, adjetivo traduzido por curioso, abelhudo. A forma Mawé é usada para designar a nação indígena que habitava na região, e se traduz por “Papagaio curioso e inteligente”. No decorrer da história, este lugar recebeu os seguintes nomes: Luzeia, Vila da Conceição e Maués.

A cidade de Maués pertence à Mesorregião do Centro Amazonense e Microrregião de Parintins. Conta com uma população estimada de 59.983 habitantes, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2015.

A cidade está localizada à margem direita do Rio Maués-Açu (rio grande) (Figura 1). Ela foi fundada em 1798 por Luiz Pereira da Cruz e José Rodrigues Preto, ficando à distância de 268 km, em linha reta, e 356 km pela via fluvial, da cidade de Manaus.



Figura 1. Orla da cidade de Maués.

Maués é uma cidade cheia de características interessantes: uma bela paisagem com praias emolduradas por água doce, lagos, rios, etc. Na entrada da cidade se visualiza o encontro das águas esbranquiçadas do Paraná do Urariá com as águas de tonalidades negras do Rio Maués-Açu. Possui também uma cultura indígena e um povo alegre e hospitaleiro.

Sua economia está baseada nos setores primário, secundário e terciário da seguinte forma:

No setor primário, a pecuária tem pouca expressividade, mas na parte agrícola, a agricultura familiar é responsável por uma parte do abastecimento interno do município, além disso, temos o pau-rosa, a cana de açúcar, que vem ganhando espaço, e o guaraná que é uma cultura sazonal e o principal produto de Maués.

No setor secundário, temos um sistema agroindustrial ainda com pouca expressividade como o refinamento da cana de açúcar em rapadura, açúcar mascavo e mel, os quais são vendidos para a merenda escolar do Estado e para alguns comércios da localidade, além do guaraná comercializado pela Companhia de Bebidas das Américas, doravante AMBEV.

No setor terciário, é o serviço público que movimenta outra parte do setor secundário -

o comércio local.

Cheia de cantos e encantos, com suas lendas, mitos, casos e causos contados por moradores, Maués é também conhecida como a Terra do Guaraná, produto que servirá de tema na perspectiva desse projeto realizado no município de Maués.

1.2 O Guaraná em foco

O plantio e o cultivo da planta do guaraná remonta a época dos nativos/indígenas – os mawé – até os dias atuais, considerando as transições históricas, técnicas, culturais, a região do Amazonas é conhecida tradicionalmente pela qualidade e propriedades de seu Guaraná. Os índios Saterê – Mawé, primeiros habitantes da região que compreende a região de Maués, Parintins e Itaituba, Amazonas e Pará respectivamente, foram os pioneiros a cultivarem o guaraná para consumo.

O guaraná vem sendo cultivado há muitos anos por diversas tribos indígenas. A área de ocorrência geográfica do guaranazeiro é delimitada pela zona de distribuição do gênero *Hevea*, abrangendo os Estados do Pará, Amazonas e Acre; parte da Venezuela, Bolívia, Colômbia; Loreto, no Peru; e a maior parte das Guianas, chegando até o rio Pindaré, no Estado do Maranhão (PIRES, 1949).

O Brasil é praticamente o único produtor de guaraná, excetuando pequenas áreas da Amazônia venezuelana e peruana, onde não existe cultivo sistemático como ocorre na principal área produtora do Estado do Amazonas – o município de Maués. Ainda foi no Brasil, a primeira coleta realizada em 1853, por Spruce, na região de Panuré, rio Uaupés, local hoje conhecido por vilarejo Ipanoré, no município de Maués, Amazonas.

Entretanto, nos últimos anos, alguns estados brasileiros, como Bahia e Mato Grosso vêm cultivando comercialmente o guaranazeiro, com ótimos resultados (NASCIMENTO FILHO; ATROCH, 2002).

O guaraná é uma espécie de grande potencial econômico para a Amazônia brasileira. É muito conhecido pela composição química de suas sementes, que contêm os maiores teores de cafeína natural, além da presença de teobromina e teofilina, e de outros constituintes químicos (NASCIMENTO FILHO et al., 1990). São, principalmente, esses compostos que lhe atribui propriedades estimulantes e medicinais.

Mesmo não sendo considerado alimento, ele é uma cultura agrícola com grande valor econômico para a região. Por isso, no município ele é muito cultivado por grandes empresas como a AMBEV, pela agricultura familiar, e é objeto de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, denominada EMBRAPA.

Considerando-se que até 1970 a cultura do guaraná era praticamente extrativista (CORRÊA, 1984), pode-se dizer que o guaraná se firmou como cultura após a aprovação da Lei no 5.823, de 14/11/72, denominada “Lei dos Sucos”, que garante o consumo de uma quantidade mínima de 0,2g e máxima de 2 g de sementes de guaraná, ou seu equivalente em extrato por litro dos refrigerantes denominados de guaraná (BRASIL, 1972).

Este é o guaraná conhecido pelos especialistas, comercializado por grandes empresas e medido pelos órgãos governamentais, mas há também um guaraná que é pensado pelas pessoas simples e que fazem dele fonte de inspiração, representa a cultura e a forma de sentir de um povo.

Este fruto identifica o mauesense e estabelece uma linha histórica e cultural por meio da memória dos antepassados. Nesse contexto, o guaraná é uma bebida religiosa, sagrada, pois tomar o çapó¹ é comungar a própria origem, é fazer parte de um ritual que partilha sabedoria e força. Em Maués, há duas versões sobre a origem do guaraná: O Mito do Guaraná e A Lenda poética de Cereçaporanga, que serão apresentados neste trabalho a fim de contribuir para o desenvolvimento deste estudo nas questões culturais relevantes nesta contextualização.

1.2.1. Mito e Lenda

Para melhor compreensão, antes da descrição do mito e da lenda do guaraná, veremos a seguir, sucintamente, os conceitos de cada um.

Os mitos, de modo geral, são narrativas que os povos antigos utilizavam para explicar fatos reais e fenômenos da natureza que não eram compreendidos por eles. Carregado de simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis, o mito tem finalidade de transmitir conhecimento e explicar fatos que a ciência ainda não havia explicado. Segundo Moisés (2001, p. 300) “[...] o mito encadeia-se ao sagrado, traduz o profundo vínculo entre o biológico e o religioso, e contém regras para ação, descortinadas no rito [...]”.

Ainda sobre mito, Girotto e Revoredo, (2011, p. 183) corroboram que “os mitos são uma narrativa do mundo, maneira de conhecer os povos pela sua cultura e por seu período histórico”. Desta forma, podemos considerar mito a narrativa que explica o surgimento do povo sateré mawé.

As Lendas são narrativas passadas oralmente pelas pessoas com o intuito de explicar acontecimentos ou sobrenaturais. Nelas se misturam histórias e fantasias, podendo ser modificadas ao longo do tempo, conforme a imaginação do povo. Segundo Moisés (2000, p. 305) a lenda “Designa toda narrativa em que um fato histórico se amplifica e se transforma sob o efeito da imaginação. [...] A lenda distingue-se do mito na medida em que este não deriva de acontecimentos e faz apelo ao sobrenatural”.

1.2.2. O Mito do Guaraná

Na versão dos sateré-mawé², o guaraná é o fruto que brota dos olhos do índio, filho de Onhiãmuaçabe. Onhiãmuaçabe, figura feminina que é ao mesmo tempo, xamã, esposa, mãe e conhecedora de todas as plantas e seus respectivos usos.

1 Çapó ou sapó é o guaraná ralado na pedra (ou na língua de pirarucu, como faz o índio) e misturado à água para ser consumido por todos os presentes em uma reunião. Quem prepara essa bebida é a mulher do anfitrião da reunião. Mesmo sem vontade, os visitantes não devem recusar, pois por meio desse ritual se partilha sabedoria, e se alguém o rejeita pelo menos um gole, quebra a corrente. Por isso, deve-se bebê-la em goles mínimos, para que seja compartilhada com todos até que a cuia chegue de volta às mãos do anfitrião. Ele a devolve para sua esposa, que continua ralando o guaraná para preparar nova rodada de çapó. Esse ritual também quer dizer que o visitante é bem-vindo.

2 Sateré quer dizer “lagarta de fogo”, referência ao clã mais importante dentre os que compõe esta sociedade e mawé quer dizer “papagaio inteligente e curioso”

Conta o mito³ que três irmãos de uma tribo (Ocumató, Yacumã e Onhiãmuaçabê) viviam tranquilamente confiantes nos poderes que a irmã possuía para reconhecer as plantas num lugar chamado Noçoquém⁴. Lá a índia havia plantado uma castanheira encantada.

Esse era o motivo pelo qual os irmãos da índia não queriam que ela se casasse, para não ter que dividir seu tempo com o marido e filhos. Um dia, porém, quando a jovem passeava no mato, uma pequena cobra tocou-lhe levemente a perna e Onhiãmuaçabê ficou grávida. Os irmãos ficaram furiosos, mas a moça teve o filho e cuidou dele sozinha.

Quando o menino chegou à idade de falar, pediu para sua mãe para comer dos mesmos frutos gostosos que os tios comiam, mas eles não permitiram ao menino aproximar-se da castanheira plantada por Onhiãmuaçabê. Mesmo assim, um dia ela resolveu levar seu filho ao Noçoquém para comer castanhas.

Mais tarde, passando por baixo da castanheira, a cotia avistou no chão os restos de uma fogueira feita para assar castanhas, e foi contar a novidade aos irmãos de Onhiãmuaçabê. Os tios logo souberam que era o sobrinho que estava comendo castanhas, e resolveram agir. Mandaram o macaco-de-boca-roxa vigiar, do alto da árvore, e mandaram que seus guardas matassem quem dali se aproximasse.

O menino foi visto subir, apressado, a castanheira. Os enviados dos tios saíram então de seu esconderijo e esperaram que o menino descesse para, com uma corda, decepá-lo. A mãe, ouvindo os gritos do filho, correu ao local, mas já era tarde: encontrou a criança já sem vida. Arrancando os cabelos e chorando de desespero, Onhiãmuaçabê garantiu:

-Pois bem, meu filho, foram seus tios que mandaram te matar. Eles pensaram que ficarias coitadinho, mas não vais ficar!

Dito isso, arrancou o olho esquerdo da criança e o plantou. A planta que nasceu desse olho não prestou: era o falso waraná – guaraná. Então a mãe plantou o olho direito do filho, e dali nasceu o verdadeiro guaraná. A mãe proclamou:

-Tu, meu filho, serás a maior força da natureza. Farás bem a todos: livrarás os homens de algumas moléstias e os curarás de outras!

Em seguida, juntou todos os pedaços do filho, mascou folhas de uma planta mágica e, com elas, lavou o corpo da criança. Depois, enterrou-o, pedindo ao pássaro *caraxué*⁵ que a avisasse sobre qualquer barulho estranho na sepultura do filho. Passados alguns dias, ouvindo o barulho vindo do túmulo, o pássaro foi chamar Onhiãmuaçabê.

Ela veio, abriu a sepultura e dali tirou o menino. Era seu filho ressuscitado. A mãe sentou a criança em seus joelhos e pôs um dente na boca, feito terra. É por isso, por serem feitos de terra, que os dentes dos maués apodrecem. Enquanto isso acontecia, a árvore do guaraná ia crescendo, crescendo, e os frutos parecendo olhinhos de menino. Por isso, os índios dessa tribo se consideram “filhos do guaraná”.

A Lenda do Guaraná criada pelo poeta Homero de Miranda Leão⁶

3 Versão retirada do livro “Memórias de Maués”, de Alcinei Pimentel, 2012.

4 Na língua tupi significa lugar sagrado, lugar da morada de seus heróis míticos.

5 Denominação empregada na Amazônia para designar os pássaros que, no Sul, chamam de sabiá.

6 Retirada do livro de “Mundurucânia” do poeta Homero de Miranda Leão, 1980.

A Lenda Poética do Guaraná

Cerêçaporanga
era a mais bela
da taba dos “Maués”...
Por isso aquela
afeição dos selvagens
muito mais que às suas irmãs...

Eis que surge, no entanto, em seu caminho

Um índio viril,
E, de pronto,
Violenta paixão
Lhe irrompe
No coração...

Resistência tenaz
Foi-lhe, porém, oposta
A essa união! ...

Mas, Cerêçaporanga
Insubmissa,
Resiste à opressão...
Foge, com o bem-amado!...

A tribo se levanta!...
Tambores vibram!
Índios, afoitos, percorrem
A selva
De flecha
À mão...

É a caça ao sedutor!...Mas... ante o espanto dos “Maués”,
Do bando ante o torpor,
Ao pé de velha árvore,
Fulminados
Por um raio certo,
Dormiam, para sempre,
Os dois enamorados

E dos olhos de Cerêçaporanga,
tempos depois,
no solo verdejante
nascia o Guaraná...
E de seu amor verdadeiro
Amor desfeito pela sorte má –
Ficou esta lenda comovida,
Que diz do amor e da vida
Dos “Maués”....

A lenda poética é mais conhecida pelo público mauesense, mais jovem, que vive na cidade, já o mito, é muito familiar para o povo Saterê Mawê. Existem outras versões do mito com pequenas diferenças no seu interior. Ambos nos fazem entender a identidade cultural do

povo mauesense o qual tem uma vocação autêntica com o guaraná e até hoje se conserva por meio da tradição oral.

1.3 Maués e suas Narrativas Orais

Existe um fabuloso material acumulado na tradição oral da comunidade de Maués - As narrativas de pessoas que fazem parte de um universo cultural particular e rico em significação. São “causos” e “fatos” que povoaram e ainda povoam imaginário popular do mauesense.

A Rua Amazonas, situada no Bairro da Maresia, além de outras características interessantes, é também conhecida pelo fato de por lá residirem renomados contadores de histórias. Pessoas como o Seu Mário, Seu Armando, Seu Raimundo Freitas, O Bento, Dona Joana Cruz, Dona Lili e Dona Áurea incorporam a postura de narradores e, nos finais de tarde, repassam para os interessados as histórias contadas pelos seus antepassados.

Seja nas histórias de pescador ou nas histórias de assombração, os narradores recorrem à memória, e de forma singular conseguem dar vida a cada história contada. Com riqueza de detalhes, com gestos, com a entonação de voz, vai-se criando uma atmosfera harmoniosa e atraindo e prendendo a atenção do ouvinte.

A conservação dos relatos e literaturas possuem uma função social, pois é o reconhecimento do próprio ser, são as lembranças dos mais velhos ou dos antepassados a direcionar o presente para um futuro. Bosi (1994, p.80), diz que “uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. [...] O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição de um estágio antigo, mas uma reparação”.

Além dessas histórias, existem também outras muito apreciadas pelo povo saterê - são as narrativas que explicam a origem do guaraná como o mito, que passa mais autenticidade para este povo que acredita ser realmente filho do guaraná e a lenda que é vista de uma forma mais romântica, simbolizando, dentre outros, a bravura da mulher mauesense. O fato é que essas narrativas desencadearam/desencadeiam outras narrativas.

O senhor Waldo Mafra Monteiro, conhecido como Mestre Barrô⁷, o Josiel⁸ e outros moradores de Maués e do interior conhecem com precisão essas histórias. São experiências vividas e compartilhadas ao longo dos anos. Histórias simples de um povo simples, mas de uma imensidade, profundidade e legado imensuráveis.

Essas histórias, para alguns, são formas de entretenimento, para outros significa crenças, conhecimento, informações e experiências vividas. Por meio delas são criadas relações de afeto, são passados valores de solidariedade, humildade, respeito à natureza, além de conservar e dar continuidade a manifestação de saberes da comunidade mauesense.

O texto narrativo pode ser muito oportuno para o exercício da leitura e da escrita, pois ele oportuniza ao aluno a organização das suas ideias para externar sua subjetividade, sua criatividade. Desta forma o aluno vai adquirindo gradativamente autonomia e autoria para usar e produzir posteriormente, nos textos argumentativos.

7 Um dos representantes da cultura popular mauesense, pelos inúmeros trabalhos da tradição popular de Maués.

8 Pedagogo da aldeia “Nova Esperança” situada no Rio Marau, no município de Maués.

Neste contexto, percebemos a importância desses historiadores natos, da temática em estudo, no sentido de contribuir para um maior diálogo entre os saberes, questão essa defendida numa instituição que valoriza diversos temas transversais e oferece curso Técnico Agrícola, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

1.4 O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas- *Campus* Maués

A segunda expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, ocorrida em 2007, em cooperação com os estados e municípios, somados ao conjunto de políticas para a educação profissional e tecnológica concorreu para a implantação dos Institutos Federais em todo o País. O plano de expansão objetivava a ampliação dos espaços de formação profissional e a elevação do nível de escolaridade de um número cada vez maior de jovens e adultos. (BRASIL 2011).

Neste cenário, surge o projeto de criação e implantação do *Campus* Maués, fruto da parceria entre o Ministério da Educação, representado pelo antigo Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas (CEFET) e a Prefeitura de Maués.

A autorização para o funcionamento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM em Maués se deu por meio da Portaria Nº 687, de maio de 2010, do Ministério da Educação, publicado no Diário Oficial da União em 28 de maio de 2010.

As atividades letivas iniciaram no dia 06 de abril de 2010, em três salas de aula cedidas no prédio da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, enquanto a construção do prédio do IFAM estava sendo concluída. Hoje em prédio próprio, o IFAM *Campus* Maués atende à comunidade de Maués e entorno, no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, inserindo também em suas ações, os diversos Programas do Governo Federal.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas -IFAM/*Campus* Maués é uma Instituição Pública Indireta, com natureza jurídica de autarquia, integrante da Rede Federal de Ensino, está vinculada ao Ministério da Educação e é supervisionada pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC).

Há seis anos no município, o IFAM/*Campus* Maués vem ofertando à comunidade os cursos de Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio nas áreas de Administração, Agropecuária e Informática, nas modalidades Integrada, Subsequente e Programa de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. Considerando os sujeitos da presente pesquisa, discentes do curso técnico integrado em agropecuária, faremos uma breve caracterização do curso, implantado desde a criação do IFAM/CMA-2010.

1.5 O Curso Técnico em Agropecuária – caracterização

O objetivo do Curso Técnico em Agropecuária é qualificar jovens por meio da capacitação técnica e escolarização integrada de nível médio, desenvolvendo suas competências e habilidades, capacitando-os para atuar em diversos seguimentos da cadeia produtiva local, no caso o guaraná, ressaltando a valorização ética, da diversidade, do meio ambiente, da responsabilidade social e do contínuo auto aperfeiçoamento humano, contribuindo para o desenvolvimento da economia regional (BRASIL, PCCT, 2011).

O referido Curso de Agropecuária se apresenta na forma integrada, no nível de Educação Profissional Técnica de nível Médio, no eixo de Recursos Naturais, com

funcionamento no turno diurno. Apresenta uma carga horária de formação geral de 2.960 horas, na formação profissional de 1.360 horas, carga horária de Estágio Supervisionado de 300 horas, integralizando no total de 4.620 horas.

A matriz curricular do Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária está constituída por disciplinas específicas do curso e de disciplinas que possibilitam uma maior compreensão das relações existentes entre os conhecimentos acadêmicos, o mundo do trabalho e o contexto histórico e social no qual o futuro Técnico em Agropecuária está inserido.

2 REVISÃO DE LITERATURA

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”

Paulo Freire

De acordo com os objetivos traçados para a nossa pesquisa, vimos a necessidade de rever alguns conceitos teóricos para ajudar na análise e discussão do nosso *corpus*. Dentre esses conceitos estão A Linguística Textual e a Interdisciplinaridade.

2.1 Fragilidades e desafios no ensino da língua

Embora as pesquisas tenham avançado sobre métodos e estratégias para o ensino da língua materna, o ensino da língua, na maior parte das escolas brasileiras, ainda vem sendo ensinado, desde as séries iniciais, sob uma visão normativa/estruturalista, de forma extremamente mecanizada, focada na apropriação de nomenclatura gramatical e não contribui para desenvolver a competência comunicativa do aluno, desconsiderando a função social que tem a língua.

Conforme consta nos PCN (BRASIL, 2000), os estudos gramaticais estão presentes nas propostas curriculares desde as séries iniciais, ainda assim, é visível a baixa qualidade de proficiência comunicativa com que chegam os alunos no ensino médio. Isso retrata a fragilidade que ainda se encontra o ensino da língua materna, em que os alunos ao chegarem a esse nível de ensino apresentam pouca capacidade reflexiva, dificultando o acesso a outros conhecimentos. Sobre isso, Geraldi alerta que:

Confunde-se estudar a língua com estudar Gramática, e a gramática, tal qual de ordinário se cursa nas escolas, não só não interessa à infância, não só, enquanto benefícios que se lhe atribuem, se reduz a uma influência totalmente negativa, senão que onde atua positivamente é como elemento de antagonismo ao desenvolvimento intelectual do aluno. (GERALDI, 2013 p.119)

É objetivo da escola, criar condições para que o aluno aprenda a norma culta da língua, uma vez que ele já aprendeu a falar o português no seu cotidiano, mas para que isso aconteça, muito mais que um ato pedagógico, o ensino da língua deve ser visto como um ato político e social. Para Almeida, (1986 p.16) “alunos passam anos na escola sem saber que poderão acertar o sujeito da oração, mas nunca serão sujeitos da própria história”. A leitura e a escrita são modalidades incontestáveis para que haja inclusão do indivíduo na sociedade, cabendo à escola a responsabilidade de sistematizar esses saberes.

Conforme o inciso I Art 36 da Lei 9394 de 1996 (LDB) a função da língua portuguesa no currículo escolar é possibilitar a comunicação com vistas ao acesso ao conhecimento e ao exercício da cidadania.

I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania. (BRASIL, 1996, Art. 36)

Para tal dever-se-á adotar “metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a

iniciativa dos estudantes” (BRASIL, 1996, Inciso II, Art 36). No entanto, a principal estratégia que envolve o ensino de Língua Portuguesa ainda vem sendo a utilização do livro didático. A crítica que se vem fazendo, ao longo do tempo, ao uso desse material didático, desde seu surgimento até os dias de hoje, é que ele é um agente — engessador da função do professor no processo de ensino-aprendizagem, por sua natureza estereotipada que cerceia a atuação desse profissional, bem como a recepção do aluno-leitor, considerando-se que lhe é tirada a oportunidade de manifestação de uma leitura e impede a projeção de novas realidades e do uso de subjetividade.

Neste sentido, Geraldi (2013) alerta sobre as práticas propostas pelo livro didático onde toda lição parte de um texto para a leitura. Como essas leituras não correspondem aos interesses imediatos, que no caso são os alunos, a relação interlocutiva deve ocorrer fora dela.

Por outro lado, o ensino de literatura, na forma como vem sendo estruturado atualmente, pouco contribui para o ensino de língua ou literatura, uma vez que apresenta textos fragmentados e exercícios que utilizam o texto literário para o ensino de gramática, que além de não considerar as diversas funções que a literatura oferece para promover o desenvolvimento social, emocional, cognitivo e crítico do aluno, não incentiva sua leitura e sua escrita.

Ensinar a língua de forma fragmentada e mecânica não envolve os alunos às necessidades interacionais do seu cotidiano e é totalmente fora de propósito. De acordo com Freire (2005, p.101) “É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação”. Diante disso, faz-se necessário que o professor tenha ciência das concepções da linguagem, pois delas implicarão sua proposta metodológica.

2.2 Concepções de linguagem

Geraldi (2005), seguidor dos pressupostos bakhtinianos, no Brasil, apresenta as três concepções de linguagem: a linguagem como expressão do pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como forma de interação. Para melhor compreensão destas concepções de linguagem, apropriamo-nos das ideias e fundamentos pautados no quadro síntese proposto por Doretto e Beloti (2011).

A linguagem como expressão do pensamento é vista de forma monológica, sendo apenas monológica, em que a capacidade de escrever é consequência do pensar. Logo, se considerarmos a linguagem como tal, somos levados a afirmações de que os indivíduos que não conseguem se expressar, não pensam, isto é, “quem não escreve bem é porque não pensa bem” (DORETTO; BELOTI, 2011, p.93).

Os estudos tradicionais são regidos por esta tendência e as práticas linguísticas são baseadas na gramática prescritiva, com imposição da língua culta, como princípio fundamental, com conteúdos isolados e não contribui para despertar a criatividade e a expressividade, fatores importantes para o uso linguístico satisfatório.

Nessa concepção o regionalismo é ignorado, não considerando as variações linguísticas regionais, preconiza o ensino da gramática com expressão de regras de bem falar e escrever herdadas da tradição greco-latina em que o “certo” e o “errado” aparecem de forma determinante, produzindo o preconceito linguístico e assim aquilo que não está em consonância com regras gramaticais não é aceito para expressar-se na sociedade.

A unidade básica de análise parte da palavra nesta concepção, e, o objetivo ao ensinar é voltado à metalinguística para dominar a norma culta: estudo das regras e nomes, com principais atividades de ensino que preconizam a classificação de palavras, análise lógica e

regras gramaticais.

A linguagem como instrumento de comunicação, o aluno deve respeitar modelos para construir e transmitir mensagens. Ela é percebida como fenômeno externo, que não faz parte da natureza humana, vindo na língua um conjunto de signos que se combinam segundo regras, servindo como canal para a comunicação entre as pessoas.

Nessa concepção, a língua é estudada de forma isolada do seu uso, sem considerar os interlocutores, a situação e o momento histórico. A linguagem é competência, o sujeito, determinado e assujeitado, ao codificar sua mensagem. As práticas descritivas são baseadas na gramática descritiva, com um conjunto de regras a serem seguidas. A função da língua nessa concepção é transmitir informações e o objetivo ao ensinar está em atividades metalinguísticas para reconhecer as estruturas da língua e segui-las.

A produção de textos, ainda nesta concepção, segue os modelos já existentes, baseados nas tipologias textuais: narração, descrição e dissertação, já a unidade básica de análise parte da frase e as principais atividades de ensino se propõem em seguir modelos, preencher lacunas, repetir, treinar, a oralidade começa a ser considerada.

A linguagem como forma de interação além de possibilitar uma transmissão de informação, é visualizada aqui como um lugar de interação humana, construída socialmente e marcada pelo seu caráter interlocutivo. Nessa concepção, ela não é percebida, simplesmente, como um código para transmitir informações ou uma forma de exteriorizar o pensamento, e sim a perspectiva de interação comunicativa buscando a produção e construção de significados, de sentidos, e de elaboração de conhecimento.

Nessa perspectiva, a gramática é internalizada, com função de realizar ações, agir sobre o outro e, por isso o predomínio está nas interações verbais sociais. A linguagem é o próprio lugar de interação. Nesta concepção, o texto produzido de modo interativo e dialógico com os demais sujeitos, a partir de reais necessidades, com finalidade, interlocutores e gênero discursivo definidos. A leitura e a escrita são práticas fundamentais nessa concepção.

Outras características marcantes nesta concepção são: a unidade básica de estudo é o texto; considera a oralidade; promove o desenvolvimento das habilidades linguística e discursivas, as variações linguísticas são valorizadas, de acordo com o contexto, os objetivos e as circunstâncias. Avalia, considerando o que é adequado ou inadequado a cada situação social de comunicação, preconizando a gramática contextualizada.

É nessa terceira concepção de linguagem como forma de interação que vimos a possibilidade de trabalhar o ensino da língua para que se tenha uma melhor aprendizagem. Para Marcushi (2008), esta concepção de linguagem relaciona aspectos históricos e discursivos, considera aspectos formais e não deixa de observar a regularidade da linguagem. Segundo Geraldí (2005, p. 41), “É nesta concepção que teremos uma postura educacional diferenciada uma vez que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos”.

Para Freire (2014), é fundamental que o professor se assuma como um ser social histórico, comunicante, formador e realizador de sonhos, mas ressalva que numa prática progressista é imprescindível que se respeite a identidade cultural dos educandos.

Considerando a discussão e a reflexão a respeito do ensino da língua e a proposta estabelecida para trabalhá-la como um processo de interação sócio-comunicativo, convém reunir alguns princípios delimitadores para a produção de texto, no intuito de orientar uma adequação e avaliação dos textos produzidos pelos alunos, sujeitos desta pesquisa. Neste processo orientador, entra a linguística textual.

2.3 A linguística textual

A linguística textual é uma ciência cujo objetivo é tomar o texto como unidade básica para comunicação, considerando os fatores que envolvem a sua produção e recepção. Conforme Koch (1989, p.14) “Essa ciência toma como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto”.

Segundo Marcuschi (2008), a linguística textual surgiu nos anos 60 do século XX, em vários países de dentro e de fora da Europa Continental. Inicialmente, esta ciência tratava dos textos escritos e com o processo de produção, só depois considerou os textos orais. Foram ampliados seus interesses e objetivos. Ela parte da premissa de que a língua não se dá em unidades isoladas, mas sim em unidades de sentido chamadas textos, sejam orais ou escritos.

Nessa mesma linha de pensamento Geraldi (2013 p.105) afirma: “Se quisermos traçar uma especificidade para o ensino de língua portuguesa, é no trabalho com os textos que a encontraremos. Ou seja, o específico da aula de português é o trabalho com textos”.

Ao refletirmos que o texto é nosso ponto de partida para ensinar e aprender a língua, nele está à oportunidade de extrapolar os estudos linguísticos e outras situações da língua, como também um meio de interlocuções, dando vez e voz para o aluno, colocando-o numa posição de sujeitos construtores de conhecimento. Diante disso, buscamos compreender, a seguir, o significado da palavra texto.

2.4 Texto e textualidade

A palavra texto é oriunda do latim *textu* e significa tecido. Todo texto deve sempre considerar o seu contexto. Costa Val (1993, p. 3) define texto como: “ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal”.

Para Koch (2002), o conceito de texto depende das concepções que se tem de língua e de sujeito. Para a autora, numa concepção de língua interacional, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, e o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos.

Por outro lado, Marcuschi (2008. p.72), o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade e de um artefato sócio-histórico. Ele é uma unidade comunicativa que forma uma unidade de sentido, tanto oral como escrito, considerando que as duas modalidades discursivas têm relevâncias fundamentais.

Por isso, seja oral ou escrito, num texto deve haver conexão entre as palavras. É o encadeamento que se estabelece entre as palavras que o constitui como texto e o torna dotado de sentido, podendo este ser pretexto para a produção de novos textos. Para ser considerado como um texto deve haver textualidade.

A textualidade faz com que uma ocorrência (texto) seja percebida como uma unidade de linguagem em uso e não um amontoado de palavras. Beaugrande e Dresler (1981) citado por Koch (2014, p. 11) apontam como fatores de textualidade sete elementos: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intencionalidade e aceitabilidade, intertextualidade.

Serão apresentados, sucintamente no decorrer da revisão de literatura os sete elementos responsáveis pela textualidade, haja vista que eles compõem categorias de análise

do nosso *corpus*, mas, especificamente, pretende-se analisar os processos de intertextualidade em textos produzidos pelos discentes. Este fator é importante porque possibilita o aluno a recorrer ao conhecimento prévio de outros textos, uma vez que um texto é resultado de outro.

Coesão textual são as articulações gramaticais que existem entre palavras, orações, frases, parágrafos e partes maiores de um texto assegurando uma conexão sequencial e a unidade sua unidade. Para Koch, (1997) coesão textual é o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual encontram-se interligados por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido. Segundo Marcuschi:

Os processos de coesão dão conta da estruturação da sequência [superficial] do texto (seja por recursos conectivos ou referenciais); não são simplesmente princípios sintáticos. Constituem os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos. (Marcuschi, 2008, p. 99)

Coerência textual é o resultado da articulação das ideias de um texto; em que todas as frases se relacionam entre si capaz de compor um todo significativo conciso. Segundo Costa Val (1993 p.6): “A coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual – o mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso”.

Ainda sobre coerência, ela se constrói na integração que o leitor/ouvinte estabelece com o texto. Para Koch (2014, p.17). “A coerência, responsável pela continuidade do sentido no texto, não se apresenta, pois, como mero traço dos textos, mas como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional.”

Informatividade é mais um fator de textualidade citado por Beaugrande e Dresser *apud* Costa Val (1983) referente à imprevisibilidade da informação que tem a recepção. Um discurso menos previsível é mais informativo, porque a sua recepção embora mais trabalhosa, tem uma recepção mais interessante e envolvente para o leitor.

Situacionalidade refere-se à relevância e a adequação que tem um texto a determinada situação, ou a um determinado contexto. Em uma situação de produção textual, a estética, o discurso vai refletir todo um contexto sócio-histórico cultural de uma determinada época e considerando a época em que ele é escrito, é natural que se observe em todo tecido, suas especificidades. Para Beaugrande e Dresser *apud* Costa Val (1993, p.12) “é a situacionalidade, que diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sócio-comunicativa”.

Intencionalidade diz respeito à intenção que todo escritor tem ao produzir seu texto. É ela que vai orientar toda produção textual. Para Beaugrande e Dressler *apud* Costa Val (1991 p. 10):

A intencionalidade concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa [...] informar, ou impressionar, ou alarmar, ou convencer, ou pedir, ou ofender, etc.

A aceitabilidade constitui parte oposta da intencionalidade, enquanto a primeira é responsabilidade do leitor passar para o receptor um texto de acordo com a sua intenção e

objetivos, a aceitabilidade é a ação do receptor em associar ao que está sendo lida a alguma coerência e interpretá-lo de forma que achar adequada.

Costa Val diz (1993) que aceitabilidade diz respeito à expectativa de quem recebe a mensagem em associar um conjunto de ocorrências com que se defronta para que seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor.

Na aceitabilidade, tanto o emissor quanto o receptor procuram compreender um ao outro por meio de mecanismo linguístico que lhe foram passados.

Intertextualidade são as relações que se estabelecem entre um texto e outros textos. Além de todo conhecimento sobre o código linguístico, para o exercício da leitura e da escrita é necessário que se tenha conhecimento também de outros textos, uma vez que um é produto de outro.

Os contos, os poemas, as crônicas ou os textos de ordem científica remetem a outros de autores reconhecidos, podemos dispor desse elemento ao compararmos e analisarmos as narrativas escritas com as narrativas que ainda estão no plano da oralidade. De acordo com Beaugrande e Dressler (1983) *apud* Costa Val (1993 p. 15): “Inúmeros textos só fazem sentido quando relacionados a outros textos, que funcionam como seu contexto”.

Quando se diz algo em um texto, é dito em resposta a outro algo que foi dito em resposta a outro algo que foi dito em outros textos. Dessa forma, um texto é sempre oriundo de outros textos orais ou escritos, isto é, todo texto é sempre embasado em outro.

A intertextualidade é um meio de diálogo entre textos, e pode acontecer em diversos gêneros textuais, podendo ser contextualizados de acordo com a realidade vivida. Ao fazer uma relação de um texto ao outro, o interlocutor visualizará na intertextualidade uma das estratégias para a construção de leitura e conseqüentemente de produção de outro texto.

Pode-se observar a intertextualidade numa paródia, numa paráfrase, numa estilização, numa pastiche citação e outros. Pelo fato dos nossos alunos a terem utilizado nas produções de texto, faremos uma breve revisão em alguns elementos da intertextualidade, conforme abaixo:

O termo paródia derivado grego (*parodes*) e significa canto ou poesia semelhante a outra”. A paródia é um tipo de relação intertextual em que um dos textos cita o outro com o objetivo de fazer-lhe uma crítica ou inverter ou distorcer suas ideias. É imitar de modo cômico ou burlesco as ideias de uma obra séria. É estabelecer diálogo, de forma irônica, tirando o tônus solene do texto original. A paródia representa uma ruptura com o texto original, buscando explicar algo próximo da sua realidade.

O termo paráfrase vem do grego (*paraphrais*) e significa a “reprodução de uma sentença”. Ela faz referência a um ou mais textos sem que a ideia original seja alterada. Na paráfrase são alteradas as palavras, mas a ideia do texto é confirmada pelo novo texto. É dizer com outras palavras o que já foi dito. Sobre paráfrase, Didio (2013, p. 173) diz que: “Parafrapear um texto significa apreender e captar a(s) ideia (s) do seu autor e desenvolvê-la(s) com as próprias palavras”.

O termo pastiche é derivado do latim (*pasticium*) e significa feito de massa ou amálgama de elementos compostos, uma vez que produz textos novos oriundos de outros textos. Para Dídio (2013, p.174), “diz respeito à imitação do estilo de uma obra literária ou artística.” A autora diz ainda que “a percepção das relações intertextuais, das referências de um texto a outro, depende do repertório do leitor, do seu acervo de conhecimentos literários e de outras manifestações culturais”. A pastiche é um recurso utilizado para ajudar o aluno na produção de novos textos, sem necessitar de humor crítico, o que o difere da paródia.

2.5 Tipos e gêneros textuais

Com os avanços dos estudos acerca da linguística textual, muito vem se discutindo e reconstruindo o conceito de gênero textual, além da concepção clássica de gênero literário, há também uma concepção moderna que leva em conta outras modalidades de texto. Cada texto apresenta suas características formais e estilísticas comuns às tipologias textuais que se apresentam sob a forma materializada particular que encontramos na nossa vida diária.

Não é propósito aprofundar o sentido do texto em si, mas suas diversas formas de expressão e comunicação. Como nos diz Marcuschi (2008, p. 154): “[...] toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. Ainda com relação a essa discussão Bazerman (1994), “ Os gêneros são rotinas sociais do nosso dia a dia.”

Neste sentido, será utilizado o gênero textual pra descrever o processo de aquisição de conhecimento e a influência do contexto cultural neste processo. Segundo Marcuschi:

[...] Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciados e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas [...]. (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Ainda para o autor, em contraposição aos tipos de textos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Para Marcuschi (2008), tipo textual designa uma espécie de construção teórica, definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). Em geral, os tipos textuais abrangem categorias conhecidas como: narração, descrição, exposição, injunção. Essas categorias são possíveis de se materializarem nos diversos gêneros.

2.5.1. Gênero Narrativo

O termo “narrar” vem do latim “*narratio*” e quer dizer o ato de narrar acontecimentos reais ou fictícios situados em tempo e lugar determinados, envolvendo uma ou mais personagens, podendo se concretizar de diversas formas, utilizando-se de distintas linguagens. Quanto à temática, as narrativas podem ser histórias policiais, de amor, de ficção, etc.

Analisando as concepções de Cereja, temos que:

São gêneros narrativos modernos, o romance, a novela, o conto, e a crônica.

Qualquer um desses gêneros tem como elementos básicos de sua estrutura os fatos narrados numa sequência de causa e efeito, as personagens, o tempo, o ponto de vista do narrador. (CEREJA, 2013, p. 32)

O fato é que todas as obras narrativas possuem elementos estruturais e estilísticos como narrador, tempo, espaço, enredo, personagens, conforme descrição abaixo:

Narrador: é aquele que narra à história, tem conhecimento dela e dos personagens, observa e conta o que está acontecendo ou aconteceu, podendo participar da história.

Tempo: é um determinado momento em que as personagens vivenciam as suas experiências e ações. Podendo ser cronológico.

Espaço: lugar onde as ações acontecem e se desenvolvem.

Enredo: é a trama, o que está envolvido na trama que precisa ser resolvido, e a sua resolução, ou seja, todo enredo tem início, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Personagens: através dos/das personagens, seres fictícios ou não da trama, encadeiam-se os fatos que geram os conflitos e ações. Ao personagem principal dá-se o nome de protagonista e pode ser uma pessoa, animal ou objeto inanimado, como fábulas. Considerando o teor e os sujeitos envolvidos na proposta de trabalho, bem como as potencialidades culturais da região onde foi desenvolvida a presente pesquisa, serão revisados sucintamente o conto e a poesia.

2.5.1.1. Conto

O conto é um texto curto que pertence ao grupo dos gêneros narrativos ficcionais. Caracteriza-se por ser condensado, isto é, apresentar poucas personagens, poucas ações e tempo e espaço reduzidos, contendo todos os elementos de uma narrativa, revisados acima.

2.5.1.2. Poesia

Segundo Beltrão (2009, p. 241) “A palavra poesia oriunda da palavra grega *poiesis*, que significa “ação de fazer algo” poesia pode se fazer presente numa escultura ou pintura, numa mensagem, numa dança e podendo ser também narrativa. A palavra poema, do grego *poiema*, significa “o que fazer”.

A poesia é um texto que se difere dos demais por sua manifestação de beleza e estética retratada pelo poeta em forma de palavras, comovendo e despertando sentimento. Constitui-se como elementos da poesia: rima, ritmo, métrica, as figuras de linguagem.

A poesia também pode narrar histórias, embora as narrativas apareçam, normalmente em forma de prosa. A narrativa em verso tem sua origem na literatura oral. Desafios de repentes, literatura de cordel, cantigas de ninar, composições musicais ilustram as narrativas em verso.

2.6 Narrativas Orais

A riqueza de um povo não é medida apenas pelo acúmulo do capital, pela posse do dinheiro e bens, mas pela capacidade de manter viva a memória dos antepassados e reelaborar sua própria identidade através de suas histórias.

As narrativas orais fazem parte do imaginário popular, resultam de um processo coletivo e muitas delas são passadas de geração a geração. Essa é uma prática milenar e pode revelar identidade, crenças, tradições, sentimentos, etc. “São os primeiros gêneros

ficcionais que as diferentes sociedades utilizaram para contar fatos marcantes, provavelmente/realmente ocorridos, mas que traziam em si um grau significativo de mistério”. De acordo com Barthes:

O narrar se faz presente nos muitos tempos e lugares em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar algum povo sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida (BARTHES, 2009, p.19).

Além de outras funções, as narrativas podem proporcionar satisfação tanto aos adultos como às crianças, assim como servir para armazenamento e transmissão de conhecimentos, podendo manter viva as diversas realidades que compõe a história de um povo, comunicando suas experiências, sendo, portanto, meios de interação e socialização. Segundo Ecléa Bosi (2001), toda narrativa, uma forma artesanal de comunicação, mescla-se com a história dos próprios narradores.

As narrativas orais têm forte relação com o ensino da literatura. Carregadas de misticismo ou do cotidiano podem suscitar no aluno o gosto pela leitura e pela escrita. Giroto e Revoredo (2011, p. 184) fazem a seguinte reflexão: “[...] as narrativas míticas tornam-se, também, fundamentais ao processo de apropriação da língua, vista em seu uso e valor social, e não como sistema”.

Tendo em vista estes processos adotados para o ensino da língua: a Linguagem como processo de interação, na qual os sujeitos são vistos como atores e construtores que interagem entre si e com seu meio social, e a Linguística textual que toma o texto como elemento básico de estudo, é necessário estabelecer um viés interdisciplinar, do qual descreveremos a seguir.

2.7 Interdisciplinaridade e Contextualização no Ensino da Língua

O conhecimento interdisciplinar não é recente, na história sabemos que os gregos já demonstravam sua preocupação em favor de um ensino integral. Os filósofos, por sua vez, tinham domínio de vários conhecimentos, pois além de formar o homem, era papel da escola formar o cidadão, e era nesse modelo de educação chamado *Paideia*⁹ que se formava não só o homem, mas o homem cidadão.

Com o início da era da especialização, o conhecimento começa a ser fragmentado. Essa fragmentação do saber se faz presente tanto na organização social como na educacional, incidindo no modo de ser e pensar dos sujeitos. A interdisciplinaridade surge, então, como um chamado para estabelecer relações entre as disciplinas.

De acordo com Fazenda (1999), a interdisciplinaridade surgiu na Europa, precisamente, na Itália e na França, por volta de 1960, num período marcado por movimentos por parte de professores e alunos que reivindicavam a criação de um novo estatuto de

⁹ Paideia termo grego, usado para o modelo de educação usado na sociedade grega clássica e refere-se a um processo de educação no qual os estudantes eram submetidos a um programa que procurava atender a todos os aspectos da vida do homem.

universidade e escola, com um ensino mais sintonizado com as questões de ordem social, econômica e política da época. Como esses problemas não poderiam ser resolvidos por uma única disciplina ou área do saber surge a interdisciplinaridade como resposta a tais reivindicações.

Dessa forma, começou um movimento em favor da interdisciplinaridade, que contou com alguns teóricos que deram grandes contribuições com suas ideias acerca do termo. Assim, começa-se a questionar as barreiras entre as disciplinas, suas fronteiras e limitações, buscando investigar sobre o saber tradicional que subdivide as áreas do conhecimento no currículo.

No Brasil, desde a década de 70, a necessidade da desfragmentação do currículo escolar na educação básica está sendo discutida largamente na literatura especializada. Um dos primeiros autores a refletir sobre o termo interdisciplinaridade foi Hilton Japiassu,¹⁰ e em seguida Ivani Fazenda. Ambos os autores, influenciados por Georges Gusdorf,¹¹ tornaram-se os maiores disseminadores da interdisciplinaridade neste país.

Com a influência da Lei de Diretrizes e Bases Nº 5692/71, a interdisciplinaridade ganha legitimidade no Brasil, e foi se acentuando ainda mais com a nova LDB nº 9394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), cujo objetivo era de nortear a educação, visando à articulação e a integração dos conhecimentos num processo de interdisciplinaridade e contextualização.

Na obra “Práticas Interdisciplinares na Escola”, organizada por Ivani Fazenda (2013), quanto ao termo interdisciplinaridade, Ferreira faz a seguinte observação:

O prefixo ‘inter’ dentre as diversas conotações que podemos lhes atribuir, tem o significado de ‘troca’, ‘reciprocidade’, e ‘disciplina’, de ‘ensino’, ‘instrução’, ‘ciência’. Logo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo a troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências, ou melhor, áreas do conhecimento. (FEREIRA in FAZENDA, 2013, p. 26 -27).

Convém enfatizar que, para embasar nossa pesquisa, muito mais que entender a palavra no sentido etmológico, foi necessário buscar maior entendimento e abrangência do seu significado na prática no contexto escolar. Anjos nos ajuda a entender que:

Ao contrário da razão disciplinar, que reduz a relação dialógica e o potencial crítico, diminuindo a ação do professor na sua capacidade criadora, a interdisciplinaridade conduz a uma nova estrutura de pensamento que auxilia no transcorrer de saberes, conferindo maior autonomia e segurança no que se pensa, fala e cria. (ANJOS, 2015, p.38)

Santos (2014) afirma que a interdisciplinaridade que se postula hoje não é a simples justaposição que se praticava e ainda se pratica, unindo disciplinas de áreas afins, decorrente à

10 JAPIASSU foi um epistemólogo e professor de filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Foi o primeiro pesquisador brasileiro a escrever sobre o tema em estudo no livro “Interdisciplinaridade e a patologia do saber”, em 1976.

11 George Gusdorfe – filósofo e epistemólogo francês.

lógica clássica. Muito mais que unir as disciplinas é necessário que elas se articulem, havendo a interlocução dos saberes.

Esses conceitos nos ajudam a esclarecer que o trabalho interdisciplinar se apresenta como uma nova dinâmica, auxiliando o trabalho do professor, possibilitando uma prática de ensino mais significativa, uma vez que os conhecimentos não são estanques e dialogam entre si.

Ainda nesse mesmo raciocínio observamos nos Parâmetros Curriculares do Ensino Médio a orientação que a interdisciplinaridade vai além da justaposição das disciplinas, evitando a sua dissolução.

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. (BRASIL, 1999, p. 89).

Podemos observar que as recomendações se voltam para uma integração de conteúdos entre as disciplinas do currículo escolar, isto é, não se trata de negligenciar conhecimentos, eliminando disciplinas, mas de torná-las comunicativas entre si, sendo a interdisciplinaridade um instrumento dessa prática de ensino e aprendizagem. Para estruturar essa prática pedagógica, é importante considerar a contextualização.

A contextualização, de acordo com as contribuições oferecidas pelos (PCN), vem como proposta de facilitar a comunicação entre conteúdos e tentar superar a sua fragmentação, dando significado àquilo que o aluno aprende na escola e a sua aplicação nas diversas situações do dia a dia, seja na resolução de problemas na escola ou nas questões sociais do cotidiano.

Lopes (2005) analisa que as propostas curriculares podem ser interpretadas como um híbrido de discursos curriculares produzidos por processo de recontextualização e contextualização nas atuais políticas de currículo no Brasil, como descreve a autora:

Particularmente nas atuais políticas de currículo no Brasil, as mesclas entre construtivismo e competências; currículo por competências, currículo interdisciplinar ou por temas transversais e currículo disciplinar; valorização dos saberes populares, dos saberes cotidianos e dos saberes adequados à nova ordem mundial globalizada são exemplos de construções híbridas que não podem ser entendidas pelo princípio da contradição. (LOPES, 2005, p.57)

Lopes (2005, p. 57) descreve que não se trata de elementos contraditórios e sim discursos ambíguos, marcada pelas interconexões estabelecidas em uma bricolagem, visando à sua legitimação. “Dessa forma, os múltiplos discursos das políticas assumem a marca da ambivalência, pela qual há possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria”.

Anjos (2015) ao relatar sua experiência com a interdisciplinaridade postula que a integração e a contextualização permitem ao aluno relacionar aspectos presentes da vida pessoal, social e cultural, mobilizando seus conhecimentos para reconstrução de novos conceitos e ações.

Nessa perspectiva, a relação dos conteúdos diz respeito aos aspectos como: a relação entre sujeito e objeto, o papel do aluno como participante e não como sujeito passivo; o ato de

compreender, inventar, reconstruir, incentivando com isso a sua criticidade e autonomia intelectual. A contextualização supõe a interdisciplinaridade, na medida em que aponta para o tratamento de certos conteúdos como contexto de outros, e com isso, vai-se tecendo conteúdos científicos com o cotidiano dos alunos. Sobre isso, vale a pena citar trecho dos PCN:

A integração dos diferentes conhecimentos pode criar as condições necessárias para uma aprendizagem motivadora, na medida em que ofereça maior liberdade aos professores e alunos para a seleção de conteúdos mais diretamente relacionados aos assuntos ou problemas que dizem respeito à vida da comunidade. (BRASIL, 2000 p.22).

Considerando ainda que numa escola de ensino profissionalizante, cujo currículo escolar se estrutura de modo fragmentado, e os alunos precisam aprender os conhecimentos técnico e o propedêutico, deve-se pensar um ensino de língua não fragmentado, uma vez que as estruturas sociais dependem dessas relações, pois pela linguagem perpassam conhecimentos que não são utilizados isoladamente, mas sempre como um conjunto que interagem num determinado contexto. A respeito disso, Santos et al (2014) dizem que:

Nas séries iniciais do ensino fundamental, os métodos globalizados possibilitam ao professor regente a contextualização desejada. No entanto, nas séries mais avançadas, quando o conhecimento se apresenta mais especificado e separado, torna-se necessário mobilizar os profissionais de cada unidade em trabalho de equipe. Isso requer a organização metodológica, seja por meio de Projetos Inter/Transdisciplinares, Temas Transversais ou outras. (SANTOS, et. al. 2014, p. 94).

Em relação ao ensino da Língua Portuguesa, o domínio da modalidade escrita requer o exercício de todo o mecanismo de linguagem, por isso é necessário, que além de conhecer as estruturas e os elementos textuais, o aluno se aproprie de outros conteúdos para poder articular seu discurso, organizar e expor suas ideias. Isso requer um desafio em inter-relacionar diferentes conhecimentos, seja os que ele já traz do seu contexto cultural aos adquiridos na escola. Essa possibilidade pode se concretizar por meio de uma prática interdisciplinar. Para Fazenda:

Muito mais que acreditar que a interdisciplinaridade se aprende praticando ou vivendo, os estudos mostram que uma sólida formação à interdisciplinaridade encontra-se acoplada às dimensões advindas de sua prática em situação real e contextualizada. (FAZENDA, 2002 p.14)

Para Abaurre e Pontara (2013), o ensino da língua portuguesa é, no ambiente escolar, um dos espaços mais favoráveis para desenvolver propostas interdisciplinares. Além de integrar um programa de três campos de saber considerados importantes na matriz curricular como a Gramática, a Literatura e a Produção Textual, ela permite a articulação de conhecimentos tecnológicos, históricos, sociais e culturais que vão se inter-relacionando a outros saberes. Todos esses conhecimentos são construídos com a intermediação da linguagem.

No entanto, compreendemos que um ensino-aprendizagem satisfatório em língua portuguesa envolve muito mais que tais propostas. Além dos campos de saberes e das disciplinas que integram a área da linguagem, sentimos a necessidade de uma interação entre outras áreas do saber e do próprio cotidiano do aluno. “É preciso entender, também, que o

conhecimento interdisciplinar não se restringe à sala de aula, mas ultrapassa os limites do saber escolar e se fortalece na medida em que ganha a amplitude da vida social.” (Barbosa, 2013, p. 76).

Tendo em vista essa perspectiva, as informações que vão subsidiar as escritas dos alunos são facilitadas, considera que, grande parte é adquirida por meio da leitura que está presente em todas as disciplinas. Nesse sentido, Antunes (2003, p. 45) postula: “Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do não ter o que dizer”.

Além disso, numa concepção de linguagem cujo sujeito constrói seu conhecimento a partir de interação social se concebe a interdisciplinaridade, como prática que aborda conhecimentos que se voltam para o cotidiano do aluno. Esses dois aspectos contemplam não só a inserção dos conhecimentos acadêmicos, como permite a democratização de todo o conhecimento.

Trazendo essa concepção para a prática da sala de aula, pode-se afirmar que o aluno, ao chegar à escola, já traz consigo uma bagagem de conhecimento, resultante de sua prática social, vivenciado através de sua cultura. Utilizar tais conhecimentos como ponto de partida para o processo de ensino e de aprendizagem é valorizar seus saberes e dar a oportunidade para que ele interaja com outros que lhes serão acrescentados, ou melhor, é criar situações de construção e reconstrução de conhecimento. Nesse sentido, Paulo Freire nos diz:

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 2002 p.14).

A “Interdisciplinaridade é o processo de integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos.” Luck (2001, p.64). Propor um ensino de Língua Portuguesa nessa perspectiva, nos leva a considerar a importância de projetos interdisciplinares, no sentido de promover maior articulação entre os saberes. Sejam os saberes escolares ou as experiências trazidas pelos discentes por meio de temas que se presentificam no seu cotidiano social ou cultural.

As narrativas orais são instrumentos que podem aproximar o texto literário da vivência dos alunos, transformando a leitura e a escrita numa estimulante aventura. A propósito, vale ressaltar o que diz Geraldi:

Ora, estes, para produzirem, precisam voltar-se para sua própria experiência (real ou imaginária) para dela falarem: buscam e inspiram-se nela para extrair daí o que dizer. E ao dizê-lo, desvelam as categorias (ou sistema de referências) em que interpretam estas experiências, suas vidas. (GERALDI, 2013 p. 170).

A literatura expressa a concepção da realidade e está atrelada ao contexto histórico, social e econômico de determinada época, sofrendo influência do tempo. Por meio dela, o indivíduo pode satisfazer suas necessidades, denunciar uma situação, manifestar seus sentimentos e pensamentos e assumir determinadas posturas.

Dentro dessas manifestações culturais estão as narrativas orais que expressam a

cultura de um povo, na medida em que revela costumes, crenças, personagens, casos e causos. Podemos dizer que ambas fazem parte da nossa vida em vários aspectos. Logo, a literatura não pode estar desvinculada da cultura, além dos atributos citados, elas apresentam grande contribuição que podem agir na formação dos discentes e docentes.

Para Oliveira (2015), os educadores precisam ter consciência de que a educação numa perspectiva interdisciplinar também pode partir de um objeto de estudo curricular formal, como de um que seja informal, para estabelecer diálogo com outras disciplinas e promover múltiplos conhecimentos.

Logo, essas narrativas, permeadas de misticismo e de outros conhecimentos que povoam e sustentam a memória de um povo, podem estabelecer relações dialógicas tanto com os conhecimentos técnicos de um curso profissionalizante como também com poemas e narrativas da literatura clássica. Assim, acreditamos que o ensino de Língua Portuguesa nessa perspectiva é de fundamental importância na formação dos educandos.

3 METODOLOGIA

*“Caminhante, não há caminho.
Faz-se o caminho ao andar.”*

Antônio Machado Ruiz

Por envolver a realidade local de um povo a partir dos relatos sobre guaraná, analisando o conhecimento que o aluno possui para promover a construção de gêneros narrativos, por meio de projeto interdisciplinar, esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa. Para Creswell (2010, p. 209), “A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem. Suas interpretações não podem ser separadas de suas origens, história, contextos e entendimentos anteriores”.

Nessa perspectiva, nosso propósito não foi contabilizar quantidade, e sim procurar compreender as percepções dos participantes envolvidos nesta pesquisa, sobre esta metodologia proposta para o ensino da língua portuguesa, haja vista que não podemos mensurar as subjetividades dos sujeitos.

Para tanto, foram consideradas as produções textuais como também as manifestações dos participantes, por meio da utilização de perguntas do tipo abertas e fechadas, culminando num universo livre e complexo, onde se presentificaram experiências individuais, comportamentos e pontos de vistas que nos auxiliaram nas interpretações dos dados coletados no presente estudo.

3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

A pesquisa teve como sujeitos os alunos do 1º Ano do Curso Técnico em Agropecuária do Centro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas/*Campus* Maués. Dos 38 alunos que, voluntariamente, aceitaram participar do projeto de pesquisa, somente 25 desenvolveram todas as atividades, em função disso, nossos dados são baseados nesse último número.

Esses alunos são oriundos do ensino fundamental de diversas escolas da cidade, além disso, o Instituto recebe alunos de cidades vizinhas do município. Nessa turma, a maioria é da cidade de Maués.

Convém ressaltar que algumas oficinas foram realizadas à noite ou em horários diferentes dos tempos normais de aula, e por conta disso, alguns alunos não participaram de todo o processo da pesquisa. Embora a Direção Geral do *campus* tivesse concedido parecer favorável à pesquisa (ANEXO D), o Departamento de Ensino sugeriu que as atividades relacionadas às pesquisas fossem em horários diferentes das aulas convencionais.

A escolha da turma se deu em função de se abordar nesse curso conteúdos específicos relacionados à agricultura, tendo em sua matriz curricular a disciplina de produção vegetal, o que possibilitou interligar o tema guaraná às disciplinas de formação técnica e, em especial, ao Plano de Curso que deve considerar as especificidades dos arranjos produtivos locais do

município.

O primeiro procedimento para começar nosso estudo foi apresentar aos alunos, na sala de aula, a proposta que seria desenvolvida. Depois, convidamos os pais destes para uma reunião com objetivo de informar a respeito do projeto, de modo especial, para o caso de aluno menor de idade.

A reunião com os pais aconteceu no espaço da instituição (IFAM *campus* Maués) em momento anterior ao início do projeto. Após tomarem conhecimento da proposta de ensino/pesquisa que seria desenvolvida com os alunos, os pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo a participação dos alunos envolvidos (ANEXO A).

Foi aplicado um questionário aos alunos que aceitaram, a fim de obtermos informação sobre a história escolar e de vida de cada um deles. Isso possibilitou obtermos informações quanto suas habilidades e necessidades e assim tivemos material que serviu de base para estabelecermos um perfil geral dos sujeitos da pesquisa. Ao final do projeto, foi aplicado um novo questionário para obter as informações dos alunos sobre a proposta de ensino trabalhada.

3.2 Projeto Interdisciplinar

O primeiro passo para o desenvolvimento do presente trabalho foi uma conversa com alguns professores a fim de convidá-los a participarem no projeto a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Planejou-se a forma mais adequada para desenvolver/construir os conhecimentos com os alunos participantes da proposta. Por falta de maior articulação com todos os professores, a interdisciplinaridade se materializou neste projeto por meio das seguintes disciplinas: Química, História, Produção Vegetal e Informática, além de outros conhecimentos trazidos pelos contadores de história, assim como, textos da literatura clássica e outros poemas de autores locais, conforme exposto no anexo E.

3.3 Instrumento de Coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de: (1) questionário; (2) observações no desenvolver da pesquisa; (3) produções de textos dos alunos e; (4) entrevistas com professores envolvidos no estudo. As coletas de informações aconteceram entre o período de março a novembro de 2015.

As atividades foram conduzidas da seguinte forma: 1) aplicação de questionário individualizado com todos os alunos, com o objetivo de obter informações sobre a vida escolar; 2) realização de oficinas de prática de produção textual com os alunos, seguidas de avaliação onde foi aplicado outro questionário com a finalidade de saber a opinião dos sujeitos participantes da pesquisa com relação ao método de ensino proposto; e 3) realização de entrevistas com os professores envolvidos no projeto, com o intuito de investigar a opinião destes referentes à metodologia de ensino e o desenvolvimento dos alunos envolvidos no contexto da pesquisa.

3.3.1. Da seleção dos textos

O processo de seleção dos textos consistiu na escolha dos gêneros textuais que os alunos, no período da pesquisa, produziram e na escolha dos textos que serviram como

referência, isto é, a chamada da intertextualidade, para essas produções.

Para a produção de textos, escolhemos conto e poesia, em função de ser uma proposição da matriz curricular da turma participante da pesquisa (1º ano); quanto à escolha dos textos que serviram de intertextualidade, para as produções dos alunos, consideramos as seguintes situações: trazer os clássicos da literatura brasileira, também sugerido na matriz curricular, e os contemporâneos da literatura mauesense, sem proposição de trabalho na matriz.

Tanto os textos que apresentávamos, como os que os alunos traziam, eram lidos e socializados na classe, mas elegemos para o trabalho os seguintes: o romance “Iracema” de José de Alencar e a “Canção do Exílio”, (literatura clássica brasileira) de Gonçalves Dias. Quanto aos textos da literatura contemporânea, elegemos a lenda e o mito do guaraná, e a poesia “Minha Terra” da poetisa mauesense Rosana Oliveira Barbosa (Literatura Contemporânea Mauesense), pelas relações que se estabelecem entre eles.

Ainda sobre o texto “Canção do Exílio” temos muitos exemplos de intertextualidade com outros textos clássicos. Escritores da Literatura Brasileira como Murilo Mendes, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade o utilizaram como referência, uns em forma de estilização e outros em forma de paródia. Fato que pode motivar nossos alunos a escreverem.

3.4 Oficinas Pedagógicas de Produção de textos

Para a produção dos textos foram elaboradas oficinas de produção textual. As atividades das oficinas ocorreram em lugares e horários distintos como: na sala de aula com algumas leituras seguidas de discussões e no laboratório de informática.

Considerando que o local de desenvolvimento desta pesquisa é uma instituição que integra Educação, Ciência e Tecnologia, optamos por realizar as produções de texto dos alunos no laboratório de informática, pois não poderíamos deixar despercebida a tecnologia em nosso trabalho interdisciplinar. De acordo com Marconi e Pulga (2010, p.3) “A plena participação no mundo letrado também inclui conhecimento tecnológico, cuja mediação está pautada no trabalho docente”.

Por ser concebido como um projeto de caráter interdisciplinar, também foi realizado visitas técnicas à Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária - que trabalha com pesquisa de guaraná no município e a um viveiro (de mudas) de guaraná. As visitas foram realizadas sob a responsabilidade do professor de Química que pesquisava sobre a composição química e a adubação do guaranazeiro.

Assim, na disciplina Química os alunos discutiram sobre a composição e adubação do guaraná; na disciplina História, eles trataram sobre a História do Guaraná e a relação com o município de Maués; na disciplina Informática, os professores criaram um ambiente virtual para os alunos com o compartilhamento de documentos com o uso de ferramentas da internet, especificamente o *Google Drive*®, para que todos trabalhassem de forma colaborativa e simultânea, além de orientarem sobre a formatação dos textos.

Paralelo a essas atividades, foi organizado um mural no pátio do Instituto que era com poesias, lendas, mitos, notícias, pesquisas e descobertas sobre o guaraná.

Foram realizadas oficinas para as categorias de Conto e Poesia que serviram como instrumento de avaliação do desempenho do aluno e construção de conhecimentos acerca do tema estudado. Convém enfatizar que algumas oficinas foram realizadas no contra turno por conta de recomendação do Departamento de Ensino que considerou não conveniente trabalharmos nossas pesquisas nos horários normais de aula.

Em função disso, não houve participação mais efetiva de todos os alunos,

correspondente ao número de sujeitos aqui apresentados.

Primeira Oficina – contos

Para a oficina dos contos, primeiro tivemos uma aula expositiva sobre os gêneros narrativos com seus respectivos elementos. Em seguida, foram apresentadas aos alunos, algumas narrativas da literatura clássica para que eles pudessem continuar observando a linguagem e os recursos utilizados pelos escritores brasileiros na construção desses gêneros. (2 horas)

Foi solicitado a eles, também, que pesquisassem e lessem em casa e, depois trouxessem para a próxima aula a lenda e o mito do guaraná. A maioria dos alunos mauesenses tem conhecimento desses textos, por serem teatralizados com frequência na cidade, seja nas festas do guaraná ou outras festas culturais, e por outras fontes de informações.

Por ser um romance com temática indianista e poder estabelecer relações com a lenda e o mito do guaraná, elegemos o romance “Iracema” de José de Alencar para leitura. Por conta do tempo, fizemos a leitura do resumo da obra, sendo explorado no momento da explicação. Além de que nossa proposição de trabalho eram os contos, e conversamos que o romance citado seria visto na íntegra na série seguinte.

Após a leitura desses gêneros, propusemos estabelecer diálogos entre os textos, levantando algumas questões, conforme abaixo:

3.4.1. Lenda do Guaraná e o Romance Iracema

De acordo com os conceitos estudados sobre gênero textual, vamos ver a semelhança e a diferença existentes na estrutura desses textos. Todos eles apresentam elementos próprios de um texto narrativo? Quanto ao enredo, há diferença entre os textos? Em qual temos maior número de personagens? Por quê?

Uma das características do romantismo é a idealização do herói, no Romantismo brasileiro o herói é o índio. Pela descrição dos personagens quem são os heróis no romance Iracema, na Lenda e no Mito do guaraná? De que forma eles são idealizados? Qual é o tipo de narrador presente nas narrativas? Vocês sabem qual é o significado dos nomes Cereçaporanga e Iracema? Quanto ao enredo, as índias Iracema e Cereçaporanga vivem um amor livre ou proibido? Por conta desse amor proibido, o desfecho da narrativa é feliz ou trágico? Quanto à lenda, vocês perceberam que no final, a índia faz um pacto de morte com seu amado e ambos morreram juntos? Vocês conhecem outra narrativa com o mesmo final? Tanto no romance Iracema, quanto na lenda, as índias (protagonistas) morrem. Esse sacrifício deu origem a quem?

3.4.1.1. Mito do Guaraná e o Romance Iracema

Quanto ao mito do guaraná, como se chama a índia e o que ela tem em comum com Iracema? Como é descrita a relação da natureza com Iracema e com Onhãimuaçabê? Em que momento Iracema perde o posto de guardiã da natureza? O que acontece com Onhãimuaçabê quando ela fica grávida? Quem era a companheira inseparável de Iracema? Quem era o companheiro de Onhãimuaçabê? Iracema ao morrer, nasce o primeiro brasileiro. Como ele foi chamado? No mito, o indiozinho, filho de Onhãimuaçabê morre e é ressuscitado, nascendo o primeiro sateré mawé. Como ele foi chamado? Vocês perceberam

que quando a índia enterrou o olho esquerdo do indiozinho, nasceu o guaraná falso, e quando ela enterrou o direito, nasceu o guaraná verdadeiro. Quem já leu ou ouviu narrativas bíblicas que mencione o lado esquerdo e o lado direito?

Algumas questões os alunos respondiam com facilidade, outras, era preciso fazer a intervenção e depois eles iam interagindo. Os alunos também leram outras lendas e contos amazônicos. No decorrer das leituras e pesquisas, era sempre chamada a atenção para a relação estabelecida entre as narrativas clássicas e as narrativas orais, para que os alunos percebessem a possibilidade de também produzirem seus textos, isto é, por meio da intertextualidade.

Outra atividade realizada nessa oficina foi à socialização das Histórias Empíricas trazidas pelos alunos, relacionadas ao guaraná, como também as que foram contadas por outras pessoas. O Senhor Waldo Mafra Monteiro, conhecido na cidade de Maués como “Mestre Barrô”¹² (Figura 2) e o Senhor Josiel Santos dos Santos, da etnia sateré mawé, pedagogo na comunidade Nova Esperança, participaram das oficinas contando algumas histórias. O último contou sobre o surgimento do guaraná até o significado e a importância do çapó.



Figura 2 Oficina de contos de histórias com o Mestre Barrô.

Momento da escrita

Para a produção dos textos, utilizamos o Laboratório de Informática. No local havia, além dos computadores, recursos como projetor de multimídia televisão, vídeo e quadro

¹² Mestre Barrô- nome atribuído por ele ser considerado um pesquisador popular da cultura mauesense.

negro. Foi um total de 10 oficinas com duração de 2 horas para as produções e reescrita de textos.

Conforme mencionamos acima, embora os conteúdos trabalhados nas oficinas fizessem parte da matriz curricular, o Departamento de Ensino não permitiu que elas fossem realizadas nos horários convencionais de aula, sendo realizadas, na sua maior parte, à noite. Em função disso, nem todos os alunos puderam participar de todas as atividades propostas na pesquisa.

Após a escrita dos contos, o primeiro passo da reescrita foi apresentar aos alunos um roteiro para que eles pudessem rever suas escritas. No roteiro, as recomendações eram as seguintes:

1. Se o texto apresenta uma narrativa curta;
2. Se o título é convidativo à leitura e adequado;
3. Se o enredo obedece a uma ordem narrativa: introdução, enredo e desfecho;
4. Se há descrição de lugares;
5. Se os nomes próprios estão grafados com iniciais maiúsculas.

Após isso, os alunos tiveram alguns minutos para reverem seus textos e deu-se por encerrada a atividade.

Na atividade de reescrita seguinte foi realizado o aprimoramento dos textos de forma coletiva e individual. Para o aprimoramento coletivo, a dinâmica foi utilizar, com autorização do aluno, sem mencionar seu nome, um dos contos escritos na oficina anterior para análise e reescrita. Na reescrita individual foram anotadas orientações em cada texto para que os alunos pudessem aperfeiçoá-los.

Como forma de avaliação desta atividade, foram atribuídos pontos aos elementos essenciais que deveriam conter nesta categoria. Com intuito de avaliar o desempenho dos alunos nesta modalidade foi realizada uma avaliação antes e depois da reescrita dos textos.

A análise dos textos foi realizada atribuindo pontuação em que tomamos como base os requisitos relevantes para esta categoria de texto produzido (conto) segundo Cereja (2013) e conforme metodologia da Olimpíada de Língua Portuguesa (2015) que consta no Quadro 1.

Quadro 1. Critérios estabelecidos para a análise dos textos na forma de contos

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO	DESCRITORES/O QUE OBSERVAR
Título	1,0	É convidativo à leitura e adequado? Imprime pertinência entre o título e o texto?
Tema	1,0	O texto se reportou, de forma singular, a alguns aspectos do tema trabalhado?
Adequação discursiva	2,5	A organização geral obedece à uma ordem narrativa: introdução, enredo e desfecho?
Adequação linguística	2,5	As vozes do texto (narrador e personagens) se intercalam de forma organizada e bem marcada?

Coerência e coesão textual	2,0	Fatores importantes para garantir a textualidade.
Convenção da Escrita	1,5	O texto atende às convenções (ortografia, pontuação, acentuação?)

Os resultados foram apresentados, primeiramente, na forma de um texto reescrito de forma coletiva, procurando identificar as principais dificuldades da primeira produção, seguido das respectivas adequações linguísticas na sua reescrita. Nele foram observados vários aspectos linguísticos de sua estrutura.

Em seguida, foram apresentados e discutidos outros textos ilustrando cada categoria analisada no gênero como: título, tema, adequação discursiva, adequação linguística, coerência e coesão textual e convenções da escrita.

Segunda Oficina - Poesia

Na oficina de poesia, primeiramente foi realizada uma aula expositiva sobre o gênero, abordando os conceitos e alguns elementos como métrica, rimas, ritmo e estrofes. Em seguida, os alunos socializaram algumas poesias trazidas por eles.

Além dessas poesias trazidas pelos alunos foram apresentadas a eles outras poesias dos clássicos da nossa literatura, como Carlos Drummond de Andrade, Thiago de Melo e Gonçalves Dias. Deste último, utilizamos a Canção do Exílio como intertexto, para que eles pudessem ver a possibilidade de construção de um novo texto, com o tema “Guaraná”. Algumas poesias trazidas pelos alunos constam nos anexos do presente estudo.

O início da nossa pesquisa foi próximo ao período do carnaval, e, aqui na cidade de Maués acontece disputa entre blocos carnavalescos. Na sala de aula, os alunos comentavam e discutiam a respeito de plágio na letra da música de um dos blocos, quando na verdade, o autor se utilizou do recurso de intertextualidade para homenagear um grupo musical.

Considerando que é comum entre os alunos, por não saberem fazer tal distinção, recorrerem quando aparece situações dessa natureza, tentando anular composições em concursos literários e culturais, achamos conveniente falar sobre plágio e intertextualidade.

Primeiro mostramos o conceito de plágio, como também das consequências que alguém pode ser apenado ao cometê-lo. Após isso, trouxemos um exemplo de intertextualidade, como recurso para construção de novos textos. Para tanto, trabalhamos a canção “Monte Castelo”, de Renato Russo, que integrava o grupo Legião Urbana que estabelece relações dialógicas com um soneto de Camões e com um trecho da Bíblia, conforme a seguir:

Monte Castelo

Ainda que eu falasse a língua dos homens.

E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.

É só o amor, é só o amor.

Que conhece o que é verdade.

O amor é bom, não quer o mal.

Não sente inveja ou se envaidece.

O amor é fogo que arde sem se ver.
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.

É um bem querer mais que bem querer.
É solitário andar por entre a gente.
É um não contentar-se de contente.
É cuidar que se ganha em se perder.

É um estar-se preso por vontade.
É servir aquém vence, o vencedor;
É um ter com quem nos mata a lealdade
Tão contrário a si é o mesmo amor.

.....

É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.

Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.

Vejamos algumas questões que trabalhamos com os alunos para mostrar a intertextualidade.

Quem já leu ou ouviu em outro lugar os versos da primeira e da segunda estrofe?

E das outras estrofes? Vamos ler de novo?

O que há em comum entre as definições de amor?

A canção de Renato Russo, além de incorporar boa parte do soneto de Camões, cita também o trecho da Bíblia estabelecendo com eles relações de intertextualidade. Observando o texto bíblico no qual Renato se inspirou para compor sua canção, qual é o sentimento ou a virtude humana destacada nesse trecho da Bíblia?

Que alteração Renato Russo fez no texto original em relação a esse sentimento ou virtude humana?

Perceberam qual o tema da canção? Renato usou trecho da Bíblia e do soneto de Camões para falar de que?

Percebemos que a ideia geral da canção é demarcada pela exaltação do amor, que prevalece em ambas as criações. Renato vai criando uma relação dialógica simplesmente para falar das diversas formas de amor.

Vimos que a quarta estrofe da canção em estudo é parte de um poema de Camões, a quinta estrofe é um texto bíblico; Na sexta ele fez uma releitura dos versos e complementa os versos de Camões.

Com isso, nós percebemos as relações entre os textos. À medida que ampliamos nossas leituras, compreendemos melhor as relações intertextuais.

Dentre os vários poemas da literatura mauesense contemporânea, trazidos e socializados pelos alunos, elegemos o poema “Minha Terra” pelo fato de ele exemplificar a intertextualidade.

Na medida em que eram realizadas as leituras dos poemas “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, e “Minha Terra” trazido pelos alunos, eram destacados também as relações que se estabeleciam entre ambos os textos. Para isso, planejamos algumas questões, conforme abaixo:

Poema “Canção do Exílio” e o poema “Minha Terra”

Conforme estudamos sobre poesia, o poema “Minha Terra” apresenta a mesma forma quanto às rimas, a métrica e o número de estrofes, que o Poema “Canção do Exílio”? Quanto à métrica, como podemos classificar os versos de “Canção do Exílio” e de “Minha terra”? Quanto às rimas, os verso são bem rimados nos dois poemas? Quanto ao conteúdo dos poemas, o eu lírico sente orgulho da terra natal em qual poema? Em qual poema o eu lírico está longe da terra natal? Quais elementos representam símbolo de identidade nos respectivos poemas? Quem é mencionado no poema “Minha terra” representando a mulher mauesense? Qual verso da Canção do Exilio serviu de referência para o verso “As cereçaporangas daqui” no poema “Minha terra”? Aconteceu intertextualidade entre os poema? Vocês viram que a partir do Poema de Gonçalves Dias, foi possível produzir outros poemas, inclusive “Minha terra” que vocês trouxeram que foi produzido por uma adolescente como vocês? Viram como os textos dialogam uns com os outros?

Momento da escrita

Esse momento foi subdividido em três momentos:

1º Momento: Planejamento do texto:

Solicitamos aos alunos que levassem em conta as orientações a seguir:

1. Perfil do leitor – no final das oficinas eles teriam a oportunidade de expor textos em um mural, ou varal de poesias para serem apreciadas pelos colegas da sala e de outras salas, professores, e os demais servidores do Instituto.
2. Características do gênero a serem observadas - combinamos com os alunos que eles deveriam utilizar ritmo, rimas e outras sonoridades.

2º Momento: Aquecendo e produzindo:

Para isso, fez-se um exercício coletivo de combinar rimas. Elencamos vários conteúdos que envolviam o guaraná e que foram tratadas nas diferentes disciplinas como: Química e Produção Vegetal, nas palestras, em outras leituras. Com esses conhecimentos os alunos ficaram livres para compor seus poemas.

3º Momento: Revisão e Reescrita:

Considerando que para esta categoria, o escritor se vale de inúmeros recursos linguísticos como as figuras de linguagem, a licença poética e as subjetividades expressas por meio de imagens, não utilizamos tabela para avaliação.

Foi solicitado aos alunos que observassem em seus textos se foi levado em conta as características do gênero, o perfil dos leitores, a correção e adequação da linguagem, musicalidade, coerência com o tema, estética. Consideramos mais importante observar à presença de intertextualidade e interdisciplinaridade nas produções dos alunos.

Esta oficina contou com o apoio do professor de Informática Fredy Veras dos Santos, também mestrando do PPGEA- UFRRJ que pesquisava sobre Inclusão e Letramento Digital, que orientou os alunos quanto à criação do ambiente virtual. Os textos foram produzidos de maneira colaborativa¹³, de acordo com as etapas a seguir:

1º Momento: Planejamento do texto

Como se tratava de um Cordel foi necessário rever algumas informações importantes referentes ao gênero e ao conteúdo para serem escritas.

Para subsidiar a escrita dos alunos, além das contribuições dadas pelo professor de História, sobre a História de Maués e a relação com o guaraná; do professor de Química, sobre os elementos químicos na adubação da cultura, foram necessárias outras discussões acerca do tema guaraná.

Considerando que nas primeiras oficinas os alunos retratavam tanto o índio como o guaraná de forma idealizada e romântica, não havendo criticidade, sentimos a necessidade de problematizar o tema em estudo. Para isso abrimos a discussão com os seguintes questionamentos:

Como é tratado o nosso produtor de guaraná?

Qual é o valor que tem o produtor de guaraná?

Qual é o apoio que o governo está dando para incentivar a produção deste produto no nosso município?

No período da festa do guaraná, o índio e a índia aparecem idealizados no palco. Na lenda poética, vimos a figura de Çereçaroranga, representando a bravura da mulher mauesense, no mito vimos a índia que enterra e desenterra seu filho, é o índio que morre para dar vida a um fruto. Enquanto essa teatralização ocorre no palco, algumas índias estão se prostituindo, e outros índios estão embriagados, ou drogados, caídos ao chão. Será que não está na hora de incorporarmos esse espírito destemido que se apresenta na índia e no índio?

A cada pergunta, pouco a pouco os alunos iam emitindo seus pontos de vistas, exemplificando com fatos que no período da festa do guaraná já haviam presenciado ou ouvido algum comentário. Esses questionamentos ajudaram os alunos interagirem, com certa criticidade. Em seguida, propusemos a escrita.

Momento da escrita

13 A escrita colaborativa pode ser definida como um processo no qual os autores com diferentes habilidades interagem durante a elaboração de um documento [...] A elaboração de um texto de forma coletiva é um processo que exige criar ideias, confrontá-la com os outros e entrar muitas vezes em negociação para chegar a um consenso. Assim sendo, a escrita colaborativa permite o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. (BARROSO; COUTINHO, 2009, P.14)

O professor de Informática solicitou o e-mail individual para toda a turma, em seguida compartilhou um documento da ferramenta *Google Drive*® para que todos trabalhassem de forma colaborativa e simultânea.

2º Momento: Escrevendo o texto

Para esta atividade, foi adotado um texto único para ser escrito por todos ao mesmo tempo. Combinamos que neste texto, contaríamos a história do guaraná, tanto no seu aspecto cultural, social, industrial e econômico. Para isso, elaboramos um roteiro a fim de agrupar os assuntos por estrofe, obedecendo a uma sequência lógica.

3º Momento: Revisão e reescrita

Revisão e reescrita coletiva do texto.

A revisão do texto foi realizada de forma colaborativa, momento em que participávamos fazendo a intervenção e interação com os alunos, realizando a reescrita de forma conjunta e simultânea. Convém ressaltar que, mediante as nossas observações, esta foi a oficina em que percebemos mais envolvimento e entusiasmo por parte dos alunos.

A figura 3 traz o registro de uma atividade interdisciplinar materializada pela produção de cordel no laboratório de informática. Já na Figura 4 procuramos mostrar o conjunto de atividades que envolvem a cultura do guaraná e a sua relação com o IFAM – *Campus* Maués. Assim, em torno da cultura do guaraná muitos conhecimentos estão relacionados indo desde o plantio, o cultivo, a comercialização, além do aspecto sócio-cultural. Desta forma, uma metodologia numa perspectiva interdisciplinar é uma forma de estabelecer diálogos com várias áreas do conhecimento, promovendo uma aprendizagem significativa.



Figura 3 Interdisciplinaridade materializada pela produção de texto no laboratório de informática.

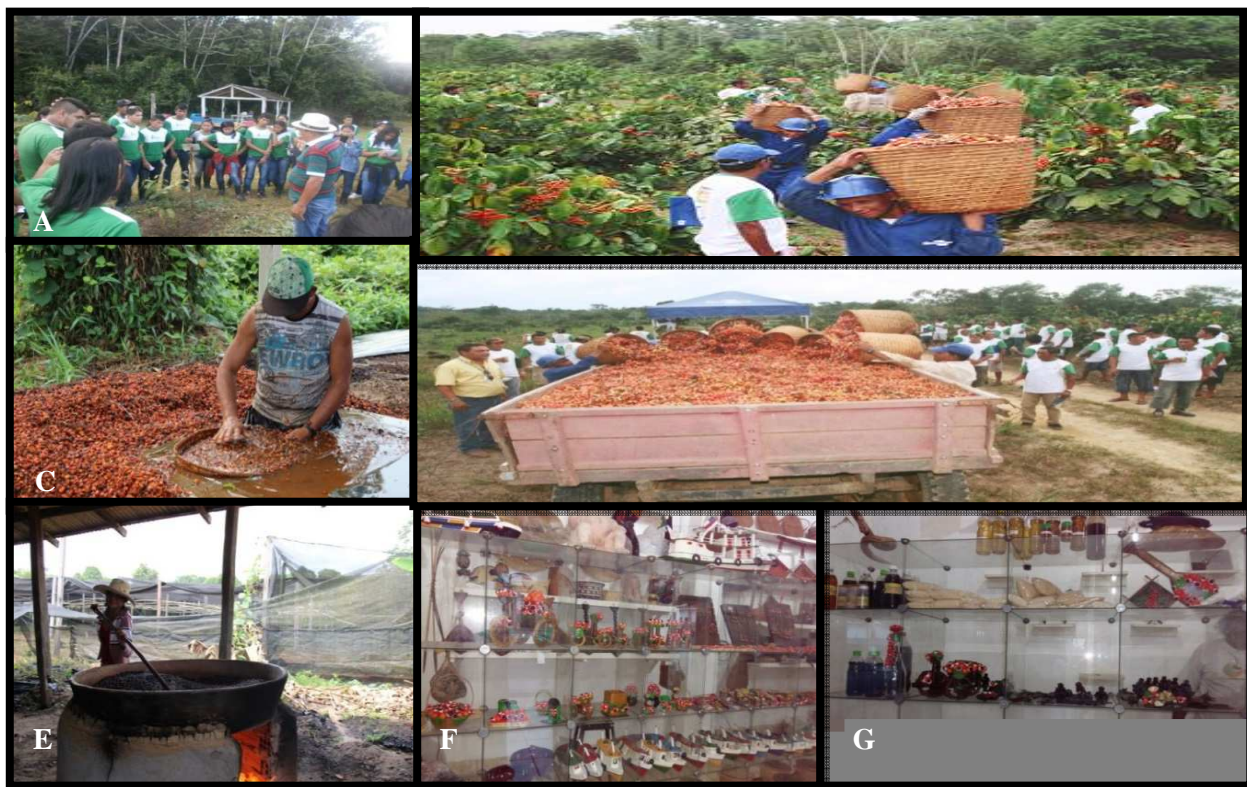


Figura 4 . A- Alunos em visita técnica à EMBRAPA, recebendo informação sobre o cultivo do guaraná. B- colheita do guaraná. C- lavagem do guaraná. D- Dia de Campo. E-Torração de guaraná. F- Comercialização do guaraná – artesanato .G- Comercialização do guaraná

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

4.1 Perfil diagnóstico do aluno

O primeiro questionário foi aplicado como forma de sondagem do perfil dos alunos, sujeitos da pesquisa. Por meio deste instrumento colhemos dados individuais dos alunos, assim como informações sobre suas necessidades, habilidades e seus interesses. Em síntese, este instrumento de coleta de dados tinha o intuito, de saber como os alunos viam a língua portuguesa enquanto disciplina e as principais dificuldades que permeavam o seu desempenho linguístico.

Para melhor visualização desses dados obtidos, podemos observar os gráficos a seguir com seus respectivos percentuais.

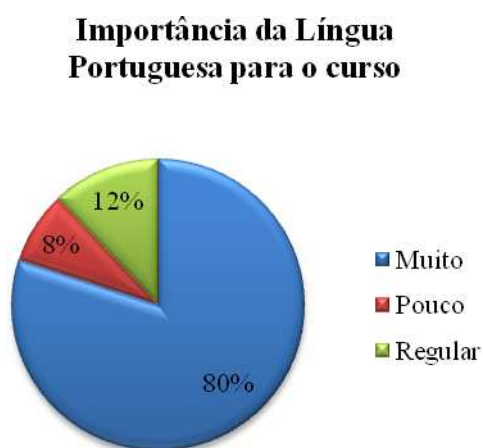
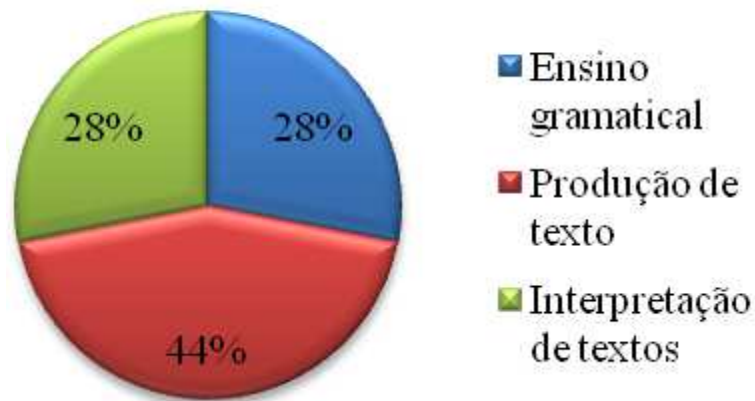


Gráfico 1. Grau de importância do ensino da língua portuguesa ministrado no IFAM/*Campus Maués* para a formação profissional, segundo os alunos e alunas.

Dificuldades Apresentadas pelos alunos

De acordo com as respostas dos alunos, 80% reconhecem a importância profissional da língua portuguesa, refletindo a necessidade de aprender a Língua Portuguesa, haja vista que a competência comunicativa deve ser inerente a qualquer profissional.

Compreendemos a postura dos alunos diante dessa questão como positiva, considerando que eles precisam interagir com informações das disciplinas técnicas, assim como das demais disciplinas apresentadas na grade curricular. Isso significa que aprender a língua vai além do estudo tradicional com ênfase em exercícios gramaticais, mas sim, compreender e se apropriar dos diversos mecanismos que viabilizam a comunicação



acordo com as respostas dos alunos, 80% reconhecem a importância profissional da língua portuguesa, refletindo a necessidade de aprender a Língua Portuguesa, haja vista que a competência comunicativa deve ser inerente a qualquer profissional.

Compreendemos a postura dos alunos diante dessa questão como positiva, considerando que eles precisam interagir com informações das disciplinas técnicas, assim como das demais disciplinas apresentadas na grade curricular. Isso significa que aprender a língua vai além do estudo tradicional com ênfase em exercícios gramaticais, mas sim, compreender e se apropriar dos diversos mecanismos que viabilizam a comunicação

Compreendemos a postura dos alunos diante dessa questão como positiva, considerando que eles precisam interagir com informações das disciplinas técnicas, assim como das demais disciplinas apresentadas na grade curricular. Isso significa que aprender a língua vai além do estudo tradicional com ênfase em exercícios gramaticais, mas sim, compreender e se apropriar dos diversos mecanismos que viabilizam a comunicação

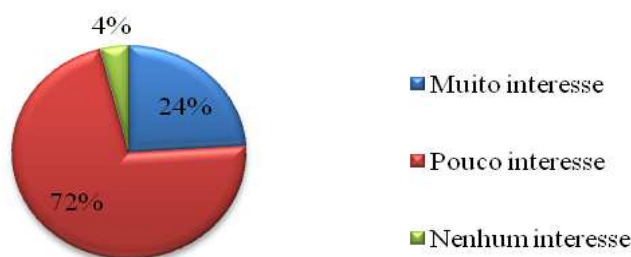
Gráfico 02. Dificuldades apontadas pelos alunos referentes às atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa.

No que concerne às dificuldades pontuadas pelos alunos referentes às atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, o gráfico acima nos mostra um percentual de 28% em ensino gramatical e 28% em interpretação de textos e 44% em produção textual.

Esses índices apresentados nos mostram um grau maior de dificuldade em produção textual.

Além dos nossos alunos, essa realidade também é vivida por outros, pois enquanto para alguns, o ato da escrita é tarefa prazerosa, para outros é extremamente massacrante e não existe receita pronta para

Nível de interesse despertados pelos livros didático:



isso. Além de inúmeros fatores que implicam nessa prática, como social, histórico e pedagógico, é necessário pensarmos em estratégias para superar essa problemática.

Gráfico 3. Nível de interesse que o livro didático de Língua Portuguesa, usado no IFAM/*Campus* Maués, desperta quanto às propostas de leitura e de produção de textos, segundo os alunos.

Ao investigarmos os alunos se as propostas de leituras e produções textuais apresentadas no L.D de Língua Portuguesa, obtivemos os percentuais representando o seguinte nível de interesse: 24% muito interesse; 72% pouco interesse e 4% nenhum interesse.

Ao comparar esses dados com o resultado do Gráfico 2, que apresenta um alto nível de dificuldade em produção de texto por parte dos alunos, inferimos que este problema pode estar atrelado à falta de motivação por conta das proposta do livro didático para se trabalhar esta modalidade.

As análises das questões acima nos permitem perceber que as propostas de leituras e produção textual não são atrativas para o estudo da língua portuguesa, mas sabemos da relevância que esta disciplina tem para qualquer que seja o curso. Isso suscita em nós, professores da referida disciplina, inquietações e questionamentos de como buscar estratégias para superar essa falta de motivação, por parte dos nossos alunos.

A proximidade do contexto cultural nos livros didáticos

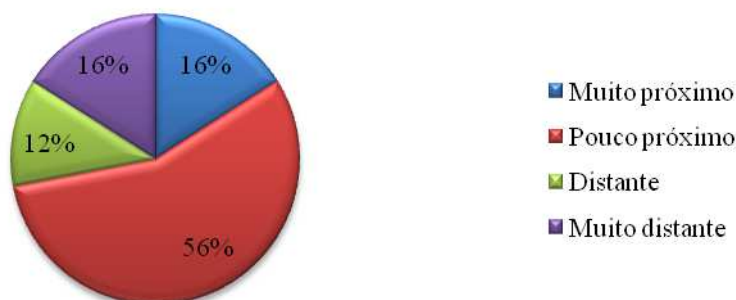


Gráfico 4. A proximidade com o contexto cultural expresso nos livros didáticos segundo os alunos.

Os índices apresentados no Gráfico 4 revelam pouca proximidade do livro didático e o contexto cultural do aluno. Diante disso, interpretamos que as propostas de estudo para a língua portuguesa, apresentadas neste instrumento de ensino despertam pouco interesse nos nossos estudantes.

Neste sentido, Geraldi (2013) adverte sobre as práticas propostas trazidas no livro didático, onde toda a lição parte de um texto para a leitura. Como essas leituras não correspondem aos interesses imediatos, que no caso, são os interesses dos alunos, a relação interlocutiva deve ocorrer fora dela.

Importância das modalidades de Língua Portuguesa

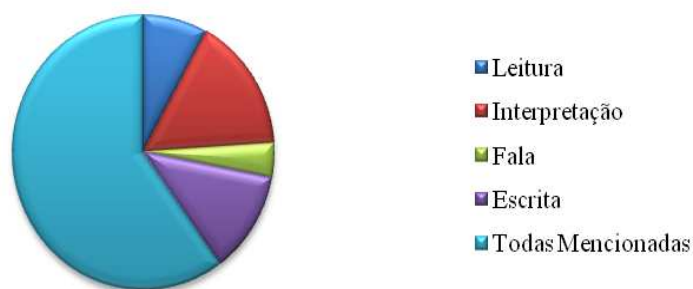


Gráfico 5. Grau de importância das modalidades que se inserem no ensino de Língua Portuguesa segundo os alunos

Com relação à leitura, à interpretação, à escrita e à fala, 60% dos alunos reconhecem que todas essas modalidades são de muita relevância no ensino da Língua Portuguesa.

Consideramos importante o fato de que a maioria dos alunos, (60%) reconhecem o valor da competência linguística na sua vida profissional, haja vista que todas as modalidades são necessárias na articulação do discurso para um ato comunicativo. Nesse sentido, Neves (1999, p. 58) corrobora: “[...] Falar, ler, escrever e movimentar-se, ajudam as pessoas a organizarem como se sentem as suas subjetividades”.

Convém ressaltar ainda, que as demandas oriundas do mercado de trabalho como falar em público, trocar correspondências, redigir relatórios, informar, enfim, usar a língua em conformidade às diversas situações que lhes serão apresentadas deve ser inerente a qualquer profissional.

Esses dados foram importantes para traçarmos nossas propostas metodológicas no decorrer da pesquisa, no sentido de poder contribuir com a melhoria do ensino de Língua Portuguesa. Para tanto, mostraremos que é possível trazer para a sala de aula temas do contexto dos alunos sem negligenciar a proposição da matriz curricular.

4.2 Diálogo entre os textos clássico e o contemporâneo

De acordo como mostramos na metodologia, a respeito das oficinas, mostraremos aqui a relação dialógica que estabelecemos entre os textos trazidos pelos alunos e um clássico da literatura. Por meio desta prática, os alunos perceberam que o ensino não é algo distante deles e a possibilidade da produção de seus textos.

A relação dialógica que segue é entre a Lenda poética do guaraná, o mito e o romance Iracema de José de Alencar.

Diálogo – Lenda Poética e Iracema

Quanto ao gênero textual, é uma lenda - a “Lenda poética do guaraná”, a personagem é uma índia, chamada Cereçaporanga (a mais bela entre as belas) idealizada tanto na sua forma física, de acordo com o próprio nome, “ *Cereçaporanga era a mais bela da taba dos maués/*” como no aspecto psicológico - romântica e ao mesmo tempo guerreira.

Em Iracema, temos um romance, também carregado de poesia, cuja personagem principal é uma índia chamada Iracema, anagrama de América. A personagem também é apresentada de forma idealizada nos aspectos físico e psicológico.

No aspecto físico, no início da narrativa, a jovem índia é assim descrita: “ *[...] nasceu Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que as asas da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como o seu sorriso.*”; quanto ao aspecto psicológico, Alencar mostra no decorrer da narrativa, uma jovem dócil, amorosa, romântica, mantendo uma forte relação com a natureza.

Na lenda, a índia viveu um romance proibido com um índio de uma tribo inimiga, e fugiu para viver com ele. Em seguida, foram perseguidos, lutaram e ao perderem as forças, e certa de que seu amado seria morto, ela propõe um pacto de morrer junto com seu amado, e com um raio forte os dois morrem juntos em baixo de uma árvore, fato que também remete a outra narrativa, ao casal Romeu e Julieta, (Shakespeare), (mas não é nossa proposta analisar).

Após a morte de Cereçaporanga, seus irmãos pediram a Jaci que não deixasse que o espírito de Cereçaporanga os abandonasse, atendendo ao pedido, Jaci fez nascer dos olhos da índia, uma planta cujos olhos amadurecidos ficam semelhantes aos olhos humanos e a esse fruto foi dado o nome de guaraná. Com esses frutos, os índios teriam: uma bebida energizante para as caçadas, a beleza física de Cereçaporanga e uma vida bem mais longa que a da índia.

Em Iracema, a jovem índia se apaixona por Martim, representando o colonizador europeu, também vive um amor proibido, desse amor nasce seu filho Moacir. Quase para morrer, Iracema entregou seu filho a Martim e pediu que a enterrasse aos pés de um coqueiro.

As narrativas dialogam convergindo em alguns momentos e divergindo em outros. Em ambas as narrativas, as jovens índias têm uma forte relação com a natureza, e tanto Cereçaporanga como Iracema se apaixonam e abandonam seu povo em busca do amor.

As narrativas ainda dialogam convergindo no seu desfecho, culminando na morte das jovens índias, mas divergem no fato de que na lenda, com morte de Cereçaporanga, nasce o guaraná, que simboliza o elixir que alonga a vida – A herança cultural deixada por Cereçaporanga; em Iracema, a jovem morre e nasce Moacir, o primeiro brasileiro, o filho da dor, retratando a colonização e a perda da cultura de um povo.

Diálogo – Mito do Guaraná e Iracema

No mito do guaraná, o início da narrativa, já mostra que a personagem principal, a índia Onhiãmuçabê tem forte relação com a natureza, na sua descrição como portadora de poderes, por conhecer as qualidades das plantas, era, portanto a guardiã da natureza.

Onhiãmuçabê, (na história do guaraná, significa a esposa e mãe) vivia com os irmãos

no Noçoquém, (lugar encantado) e possuía o poder para reconhecer as plantas, tanto as benéficas quanto as que faziam mal ao homem.

“Por conta disso, seus irmãos não queriam que a jovem tivesse marido, para não dividir seu tempo com ele e com filhos. Ao ser engravidada por uma cobrinha, seus irmãos ficam furiosos, mas mesmo assim, a índia resolve ter seu filho sozinha.”

Em Iracema, no capítulo V, percebe-se também a forte relação da índia com a natureza quando Alencar se refere ao “Segredo de Jurema” – *uma espécie de alucinógeno que conduz aquele que bebe a um estado de sonho, e somente à virgem era permitida o preparo dessa bebida, no entanto, quando a jovem se entrega a Martim, perde o posto de guardiã.*

O segredo de Jurema pode nos remeter a uma metáfora da alma brasileira que permitia o homem sonhar em ser feliz, usufruindo tudo de mais belo que tem a natureza. Em ambas narrativas as jovens são descritas como guardiãs da natureza.

Além dessa relação do “Segredo da Jurema”, Iracema tinha a jandaia como companheira inseparável, mas no momento em que a jovem se envolve com Martim (branco colonizador), o pássaro foge. Essa fuga representa a ruptura da harmonia entre Iracema e a natureza, considerando que a virgem traiu sua função sagrada ao entregar-se a Martim.

Mais adiante quando Iracema é enterrada embaixo do pé de uma palmeira, a jandaia volta para cantar; no mito, o pássaro Curaxué era o guardião da sepultura, até que o menino ressuscitasse.

Outro diálogo estabelecido entre os textos “Iracema e o Mito do guaraná” foi visualizado em Iracema quando a jovem dá a luz a um menino chamado Moacir, o primeiro brasileiro; no mito, a jovem ressuscita seu filho em que se chamou Guaraná, o primeiro sateré-mawé, *-Pois bem, meu filho, foram seus tios que mandaram te matar. Eles pensaram que ficarias coitadinho, mas não vais ficar!*

Dito isso, arrancou o olho esquerdo da criança e o plantou. A planta que nasceu desse olho não prestou: era o falso waraná – guaraná. Então a mãe plantou o olho direito do filho, e dali nasceu o verdadeiro guaraná.

A partir de nossas análises, observamos outras relações intertextuais que o mito estabelece com outros textos. Ao enterrar o olho esquerdo e nascer o guaraná falso, e o olho direito, nascer o verdadeiro guaraná, vimos a relação com a Profissão de fé da religião católica: *“ Creio em Deus Pai, todo poderoso, Criador do Céu e da Terra e em Jesus Cristo, [...] subiu ao céu e está sentado à ‘direita’ de Deus pai”*. Neste caso temos uma intertextualidade implícita, pois em ambos os textos o lado direito simboliza o bem.

“Em seguida, juntou todos os pedaços do filho, mascou folhas de uma planta mágica e, com elas, lavou o corpo da criança. Depois, enterrou-o, pedindo ao pássaro caraxué que a avisasse sobre qualquer barulho estranho na sepultura do filho. Passados alguns dias, ouvindo o barulho vindo do túmulo, o pássaro foi chamar Onhiamuaçabê.”

Compreendemos que nesse poder da índia em ressuscitar seu filho, as plantas tiveram grande importância. Na sabedoria popular, muitas enfermidades são curadas com vegetais. Ao trazer esse conhecimento empírico para a sala de aula, promovemos a entrada do contexto cultural para o espaço de ensino. Logo, essas questões foram articuladas com outros conceitos e outra disciplina, no caso das plantas, “Produção Vegetal”.

Diálogo – “Canção do Exílio” e “Minha terra”

Desde muito tempo, o poema “Canção do Exílio” vem sendo ponto de referência para outros textos. Murilo Mendes, Carlos Drummond Andrade, Oswald de Andrade e outros, de tempos diferentes já se utilizaram dele para criar novos textos, seja estilizando ou parodiando.

Vejam os diálogos intertextuais do referido texto com outro contemporâneo, trazidos pelos alunos:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Gonçalves Dias)

Minha Terra

Minha terra tem sateré-mawé
Onde se colhe o guaraná
As cereçaporangas daqui
Não existem em outro lugar

Essa cidade com lindas belezas
Que aqui se formou
E essa magnífica natureza

Foi Deus quem a criou
Muitos que aqui moram
Não querem isso reconhecer
Os gringos com os olhos a adoram
Logo cedo no amanhecer
Na minha terra tem saterê-mawé
Com o seu verdadeiro guaraná
E quem dessa bebida experimenta
Não quer mais Maués deixar

.....
(Rosana Oliveira Barbosa)

O poema “Minha Terra” e “Canção do Exílio” estabelecem diálogo intertextual em alguns aspectos. Nossa análise começa pela parte formal, e em seguida, quanto ao conteúdo.

O poema “Minha Terra” Quanto à forma, apresenta estrofes com o mesmo número de versos, mas os versos não apresentam a mesma metrificação; as rimas quanto ao valor, misturam-se entre pobres e ricas.

No poema “Canção do Exílio” o poeta utiliza recursos expressivos simples, dando certo aspecto de leveza em todo o tecido poemático, tornando sua leitura chamativa, conforme análise a seguir: Quanto à métrica, ele usa versos redondilhos que dão ao poema ritmo bem marcado e popularmente muito apreciado; quanto à rima, o poema possui alternância de versos rimados. Em quase todo o poema as palavras “sabiá”, “cá” e “lá” se repetem, e os dois versos “*Minha terra tem palmeiras*” “*Onde canta o sabiá*” funcionam como um refrão.

Quanto ao conteúdo, o poema “Minha terra” apresenta um eu lírico que enaltece a terra natal, tendo o *sateré mawé* e o guaraná como símbolo de identidade, “*Minha terra tem sateré mawé*”/ “*Onde se colhe o guaraná*”. Continuando o poema, o eu lírico afirma nos versos a seguir que “*As cereçaporangas* daqui” / “*Não existem em outro lugar*”, ao fazer essa afirmação, ele usa a letra inicial minúscula para o nome da índia relacionando-o às mulheres mauesenses.

Em todo o tecido poemático, percebemos a exaltação à natureza. Para finalizar o eu lírico retoma as palavras *saterè-mauwé* e guaraná, retratando-o de forma muito significativa para o povo mauesense como também para os visitantes em que o guaraná é visto como uma bebida de grande valor simbólico, com um sentimento de pertencimento “*E quem dessa bebida experimenta*”/ “*Não quer mais Maués deixar*”.

Na “Canção do Exílio”, entre os diversos elementos da natureza presente no poema, o “sabiá” e a “palmeira” ganham destaque e se tornam símbolo da pátria “*Minha terra tem palmeiras*”/ “*Onde canta o sabiá*”.

Percebemos aqui uma intertextualidade estilística em que a jovem se baseou para escrever o seu poema. A relação da voz no poema “Canção do Exílio”, considerado cânone na literatura brasileira, e a intertextualidade entre o poema “Minha terra” exemplifica a possibilidade da produção de texto por meio de outros textos como referência.

4.3 Balanço dos resultados das Oficinas de produção de texto

Ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa, os alunos e as alunas produziram 26 textos, sendo 15 contos, 10 poesias e um poema em forma de Cordel. Para este último, utilizamos o mecanismo da escrita colaborativa. Os poemas foram expostos na Feira de Agronegócio de Maués, Período da Festa do Guaraná.

Após as visitas, os alunos, por meio da oralidade, comentavam o que haviam aprendido e integravam essas informações com as que eles já tinham sobre o guaraná. Com essa troca de experiência eles iam aumentando seu repertório sobre a cultura do guaraná que instrumentalizou as produções textuais, ilustrados nos diversos contos e poesias compostos pela turma.

4.4 Análise dos contos produzidos pelos alunos

Na tabela 1 apresentamos a avaliação do desempenho dos alunos antes e após a reescrita do texto do gênero conto, conforme os critérios descritos no Quadro 1. A análise quantitativa seguiu o modelo expresso nos quinze textos, sendo assim, selecionamos quatro textos considerando os critérios como: título, tema, adequação discursiva, adequação linguística, coesão e coerência textual e convenção da escrita para a discussão na presente dissertação.

Nos textos foram grifadas, com marcações diferentes, as infrações referentes a cada critério avaliado. Os demais textos reescritos constarão nos anexos desta dissertação. Primeiramente, faremos um balanço, de modo geral, dos critérios avaliados nos textos produzidos pelos alunos. Em seguida, aprofundaremos a análise relacionando esses critérios aos respectivos textos.

Tabela 1. Avaliação dos textos antes e após a reescrita.

	T1		T2		T3		T4		T5		T6		T7		T8	
Crítérios	antes	depois	antes	depois	antes	depois	antes	depois	antes	depois	antes	depois	antes	depois	antes	depois
Título (1,0)	0,5	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,5	1,0	1,0	1,0	0,5	1,0
Tema (1,0)	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0
Adequação discursiva (2,5)	1,0	1,5	1,5	2,5	1,5	2,5	0,5	1,5	2,5	2,5	1,5	2,0	1,0	2,0	0,5	2,0
Adequação linguística (2,5)	1,0	1,5	1,5	2,5	1,5	2,5	0,5	1,5	2,0	2,5	0,5	2,0	1,0	2,0	1,0	2,0
Coerência e coesão textual (1,5)	1,0	1,5	1,0	1,5	1,0	1,5	0,5	1,0	2,0	2,5	0,5	1,0	0,5	1,5	1,0	1,5
Convenção da Escrita (1,5)	1,0	1,5	1,0	1,5	1,0	1,5	0,5	1,0	1,0	1,5	1,0	1,5	0,5	1,5	1,0	1,5
	T9		T10		T11		T12		T13		T14		T15			
Crítérios	antes	depois	antes	depois	antes	depois	antes	depois	antes	depois	antes	depois	antes	depois	antes	depois
Título (1,0)	1,0	1,0	0,5	1,0	1,0	1,0	0,5	1,0	0,5	0,5	0,5	1,0	0,5	0,5		
Tema (1,0)	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0		
Adequação discursiva (2,5)	1,5	2,0	1,5	2,5	2,0	2,5	1,0	2,0	1,0	1,5	2,5	2,5	2,0	2,0		
Adequação linguística (2,5)	1,0	1,5	1,5	2,5	2,0	2,5	1,0	2,0	1,0	1,5	2,5	2,5	2,5	2,5		
Coerência e coesão textual (1,5)	0,5	1,0	1,0	1,5	1,0	1,5	0,5	1,5	1,0	1,5	0,5	1,0	0,5	1,0		
Convenção da Escrita (1,5)	0,5	1,5	1,0	1,5	0,5	1,0	0,5	1,5	1,0	1,5	1,0	1,5	1,0	1,5		

4.4.1. Tema e Título

O comportamento dos alunos em relação ao critério Tema, antes e depois da reescrita do texto, expresso através da análise dos dados, revelou um resultado satisfatório, pois a fuga ao tema se apresenta de forma quase que inexpressiva.

Quanto ao título dos textos produzidos pelos alunos, de acordo com o critério estabelecido no quadro 1, de modo geral, apresentavam-se em consonância com o tema, adequados e imprimiam pertinência entre o texto.

4.4.2. Adequação Discursiva

No que diz respeito à adequação discursiva do gênero, percebemos que as ideias e os conteúdos apresentados no texto dos alunos, de modo geral, contribuíram para construir o tipo de texto solicitado, com as devidas adequações no momento da reescrita, isso nos dá indício da possibilidade de trazeremos essas narrativas para o espaço da sala de aula para serem retextualizadas.

4.4.3. Adequação Lingüística

O processo de evolução dos alunos em relação à articulação do discurso no texto, no sentido de intercalar as vozes do narrador e dos personagens revelou-se positiva. No processo de reescrita, eles conseguiram superar tais deficiências e adequá-las de acordo com o gênero em estudo.

4.4.4. Coesão e Coerência

Quanto aos mecanismos de coesão, os textos dos alunos antes da reescrita, apresentaram um grau de infração maior, como por exemplo: usos indevidos de conjunção, falhas de articulação por conta da repetição de palavras no mesmo período, frases com sentido incompleto, dificultando o encadeamento das ideias.

Este critério está ilustrado no texto nº 09, intitulado “O guaraná e o Jurupari” que compõe o *corpus* desta pesquisa, especificamente no primeiro parágrafo, onde apresentou maior número de infrações, por conta de muita repetição de palavras, comprometendo a coesão.

Quanto à coerência, os ajustes feitos com relação à coesão, iam contribuindo para que as ideias fossem se articulando, sendo capaz de compor um todo significativo, isto é, as ideias organizadas e estruturadas de forma lógica no texto.

4.4.5. Convenção da Escrita

Na primeira escrita, o emprego da pontuação destoava do que prescreve a gramática normativa. Não havia obediência às regras estabelecidas com relação ao uso, sobretudo, da vírgula. Na reescrita o emprego das pontuações foram tratados e os erros corrigidos.

De acordo Figueiredo (1994 *apud* Prestes 2001, p. 10) “Escrever não é um dom nem um privilégio inato de gênios, mas um trabalho aturado e orgânico, um trabalho que envolve o

fazer e o refazer”. Esta prática possibilitou um amadurecimento linguístico nos alunos, uma vez que foi permitindo a apropriação e a aplicação dos conceitos linguísticos de maneira adequada.

No quadro abaixo, constam os códigos correspondentes às respectivas infrações encontradas nos contos produzidos pelos alunos. Esses códigos estão de acordo com os critérios estabelecidos no quadro 1, o qual adotamos para ajudar nas avaliações desses textos.

Em razão de o maior grau de infração ter sido nos itens de convenção à escrita e coesão textual, utilizamos códigos somente para esses dois critérios.

Códigos das infrações encontradas nos textos:

**Coerência e coesão
textual**

Δ – Repetição de palavras

Convenção da escrita

P – Pontuação
O – Ortografia
©- Conjugação verbal
α - Acentuação
≠- Problemas de sintaxe (sintaxe de concordância, sintaxe de regência, colocação pronominal, paralelismo sintático, etc)

Análise do texto “Um presente para a Lua” (TEXTO 2)

Destaque dos critérios avaliados no texto “Um presente para a Lua”

Um presente para a lua

Certo dia, o índio mais forte da tribo dos maués resolveu construir uma escada para levar um presente até a lua, ele chamou toda sua família e passou meses construindo uma escada^A degrau por degrau até que a escada^A ficou pronta e ele viu que já podia até deitar nas nuvens. todos os dias, ao chegar a^O noite^P ele esperava a lua surgir para tentar conversar com ela^P e um dia de tão curiosa^P a lua o perguntou:

- Índio^P o que de tão interessante tu queres me mostrar?

O índio lhe responde:

- Quero ti mostrar um dos mais belos frutos que cultivamos em minha tribo o “ guaraná “, ele cura muitas doenças, dá energia e deixa as pessoas mais alegres, só que tão querendo estragar com ele, usando muito veneno para ele produzir muito e não estão pensando na nossa comunidade, nas futuras gerações.

A lua fica muito surpresa com a notícia e resolve lhe dar outro presente em troca.

- Pode deixar^P índio^P eu vou falar com o sol e juntos vamos mandar chuva de fertilidade para toda eternidade e assim ninguém mais precisaria[©] usar adubos artificiais para acelerar o processo de crescimento do guaraná’.

O índio ficou feliz, e de lá pra cá, ficaram muito amigos.

TEXTO 2

Algumas histórias contadas pelos narradores adicionadas às informações adquiridas acerca do guaraná, no percurso do nosso estudo, deram vazão para a criatividade e a expressividade dos alunos. O Texto intitulado “Um presente para a lua” (TEXTO 2) vai descrevendo, em seu enredo, o guaraná e sua utilidade, o perigo dos agrotóxicos, como também sua relação com a natureza.

Nele são destacados os elementos avaliados conforme os critérios descritos no Quadro 1.

O texto se reporta aos aspectos do tema trabalhado, demonstrando certa familiaridade e identidade, mostra a figura do índio, o valor da sabedoria popular que acredita nos mistérios da natureza ajudando na plantação, além de externar seu sentimento com relação ao uso exagerado de agrotóxicos, assunto discutido em uma das aulas.

No quarto parágrafo, o produtor reproduz a fala do índio (da etnia em que se conservam as práticas tradicionais de produção do guaraná) que entende como veneno tanto o que mata as doenças da planta, como o adubo que não seja de origem orgânica, pois em

algumas comunidades indígenas não é permitido o uso de agrotóxicos nem de fertilizantes químicos. Como houve infração na terminologia de conceito das disciplinas técnicas, o texto foi revisado pelos professores das áreas técnicas, refeito pelo aluno e se apresenta corrigido nos anexos.

No que diz respeito à adequação discursiva, a narrativa obedece a uma ordem de: introdução, momento que ele apresenta a história, situando-a no tempo, mas não situa o lugar; quanto ao enredo, mostra a sequência dos acontecimentos que constitui essa narrativa, conduzindo o leitor para o seu desfecho.

Com relação à adequação linguística, o autor articula as vozes do narrador com as vozes do personagem, de forma bem marcada. Ele faz uso da linguagem coloquial para reproduzir a fala do personagem, no caso, a do índio no verbo estar “*só que tão querendo*” e também usa o termo veneno para se referir aos *agrotóxicos*; já gramatical, ele a usa no momento em que narra a história. Além disso, os sinais de pontuação, no uso do discurso direto, são observados.

Quanto à microestrutura, ele apresenta alguns problemas com relação à coesão, à pontuação, ao emprego de crase, que foram anotados e devolvidos ao aluno para as devidas adequações, e constará nos anexos, pois não é nossa proposta analisar estes aspectos aqui neste critério.

A produção de texto por meio da prática interdisciplinar viabilizou a articulação entre outras disciplinas da área técnica da matriz curricular, como também, com a sabedoria popular, contribuindo para que os alunos enriquecessem seus conhecimentos que deu subsídio à escrita destes.

Com relação ao exposto, destacam-se as orientações presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN +) que diz:

Disciplinas da área de linguagem e código devem também tratar temáticas científicas ou humanísticas, assim como disciplinas da área científica e matemática, ou da humanista, devem também desenvolver o domínio da linguagem e códigos da área de ciências da natureza e matemática devem tratar aspecto histórico e geográficos e culturais e vice-versa, as ciências humanas devem também tratar de aspectos científicos-tecnológicos e das linguagens. (BRASIL, 2002.p.17).

O Cura-cura

Em uma vila, do interior de Maués, morava um menino que ninguém sabia o nome dele, ele era conhecido como o filho do curador. Ele gostava de brincar e caçar sozinho. Certo dia, ele viu seu pai curar uma menina de 13 anos. Então ele pediu ao pai que ensinasse ele a curar. Seu pai respondeu que sim, mais^O para isso o menino tinha que se entregar a um espírito da floresta, mas quando chegasse o tempo certo, o pai lhe contaria essa História.

Certo dia, o pai do menino, sentindo-se cansado, chamou o filho para iniciar o processo de cura. O menino todo empolgado assumiu a responsabilidade, sabendo que havia uma paciente a sua espera. Então seu pai lhe contou a história sobre a origem do Guaraná.

O waraná era o nome do menino que morreu na pajelança e sua mãe e sua mãe ao enterrar seu olho dizia: meu filho, tu ainda vai ser conhecido no mundo todo. Ainda vai curar muitas enfermidades, ainda vai ser muito cobiçado. E a partir daí existem muitos mistérios sobre o Waraná, hoje guaraná.

Após contar esta história para seu filho, falou que o espírito da floresta que o menino teria que invocar era o espírito do Waraná, mas para invocar o waraná^O, era preciso fazer uma coisa - O menino então seguiu: tomou uma cuia com guaraná ralado, invocou o espírito do waraná^O e curou a menina que sofria de uma doença no coração. O pai do menino^P orgulhoso^P passou sua confiança a seu filho.

Em pouco tempo^P o menino já havia curado a vila toda, mas logo começou a ficar orgulhoso e se negar a atender as pessoas. O pai do menino sempre falava: Meu filho^P você recebeu esse dom^P então não deve se negar de fazer o bem para as pessoas, mas o menino, já estando rapaz^P não ligava.

Foi então que seu pai, ficando bem velhinho, ficou muito doente. Então o menino fez uma promessa ao espírito do Waraná: Caso o espírito desse mais uns anos de vida a seu pai, ele voltaria a curar as pessoas. O waraná deu mais uns anos de vida para seu pai. O menino então voltou a curar as pessoas. Quando seu pai morreu, o menino ficou conhecido como o cura-cura.

TEXTO 4

Análise do texto “O Cura-cura” – (TEXTO 4)

O Texto intitulado “O Cura-cura” (TEXTO 4) apresenta, em sua estrutura geral, começo, meio e fim. O produtor utiliza todos os elementos que compõem um texto narrativo. Ao começar a narrativa, ele apresenta os fatos iniciais, as personagens e as situa no espaço e no tempo. No conto “O Cura-cura”, o personagem principal (o menino) é mencionado no primeiro parágrafo, e ao longo da narrativa vamos conhecendo melhor sobre ele e sobre a

trama que se desenvolve.

Percebe-se também no texto a complicação (conflito) que vai desencadear o enredo, no momento em que, o pai se sentindo cansado, contou o segredo da cura ao filho, seguindo o desfecho de forma coerente com o conteúdo da narrativa. Quanto ao discurso, ele usa o discurso indireto, caso usasse o discurso direto, o texto seria mais atrativo para a leitura.

Quanto à análise de conteúdo, percebemos fortes traços de intertextualidade no texto “O cura –cura” com o “Mito do guaraná”, pois em parte do seu desenvolvimento o autor menciona o episódio da índia enterrando o olho do seu filho e profetizando que seu filho ressuscitaria e curaria doenças.

Percebemos também no texto traço dos costumes do povo sateré mawé: quando o filho atinge a maior idade, as informações e segredos são repassados a ele, no momento que o menino quer saber o segredo da cura “*mas quando chegasse o tempo certo, o pai lhe contaria essa História.*” Além disso, tem a presença da cuia usada no ritual do çapó, momento de reunião em que se socializam informações e comungam sabedoria.

Quanto ao aspecto linguístico, no sentido microestrutural, o texto apresenta infrações quanto a ortografia representado no texto pelo código (O) e pontuação representado pelo o código (P), conforme análise seguir:

Quanto à ortografia, observamos infração no trecho “*Seu pai respondeu que sim, mais^o para isso o menino tinha que se entregar ao espírito da floresta*”. Ele usou o advérbio “mais” quando deveria ter usado a conjunção “mas”, pois o contexto dá ideia de adversidade. Para corrigir, além da reescritura foi feito um exercício para que eles percebessem o uso das duas formas: “mais” quando fosse referente à intensidade e quantidade e “mas” para estabelecer ideia de adversidade.

Além desse problema de ortografia apresentado acima, o nome waraná foi grafado com inicial minúscula, sendo neste contexto, o nome próprio do indiozinho, logo deveria ser grafado com inicial maiúscula, mas foi corrigido no momento de reescrita do texto.

Por falta de domínio dos critérios de pontuação, o autor cometeu infrações nas seguintes situações, conforme as amostras abaixo:

-Ausência da vírgula para separar aposto: No quarto parágrafo: “*O pai do menino orgulhoso passou sua confiança a seu filho.*” O pai ficou orgulhoso porque o filho conseguiu curar a jovem, o vocábulo “orgulhoso”, neste contexto, tem a função de aposto, o logo deve vir entre vírgulas .

Após a intervenção, o período reescrito ficou assim:

“*O pai do menino, orgulhoso, passou sua confiança ao seu filho.*”

-Ausência da vírgula para separar adjunto adverbial deslocado:

“*Em pouco tempo o menino já havia [...]*”

Após a intervenção, o período ficou assim:

Em pouco tempo, o menino já havia curado [...]

-Ausência da vírgula para separar vocativo:

“*Meu filho você já recebeu esse dom, [...]*”

Após intervenção, o período ficou assim:

“ Meu filho, você já recebeu esse dom, [...]”

-Ausência da vírgula para separar orações:

“[...]você recebeu esse dom então não deve se negar de fazer o bem para as pessoas, mas o menino, já estando rapaz não ligava. Por não dominar [...]”

Após a intervenção, o período ficou assim:

“[...] você recebeu esse dom, então não deve se negar de fazer o bem para as pessoas, mas o menino, já estando rapaz, não ligava. [...]”

Percebe-se ainda, o uso da linguagem coloquial e gramatical, “mas logo” duas conjunções numa só informação; muito usada na da linguagem coloquial. O autor poderia ter usado essa forma, se fosse para caracterizar uma fala, mas no caso, ele está narrando, logo é necessário o uso da linguagem gramatical, ensinada na escola.

Análise do texto “O Guaraná e o Jurupari” – (TEXTO 9)

O Guaraná e o Jurupari

A história começou numa fazenda, onde existia um guaranazal^Δ, onde^Δ havia uma família^Δ que fazia plantio do guaraná. chegados recentemente na fazenda uma família^{ΔΔ}, que não sabia o que existia no guaranazal então a família^Δ começou a dar continuidade no plantio de guaraná^Δ, e depois de três meses aconteceu algo inexplicável^O no guaranazal^Δ, aparece um monte de aves pretas para ruer^O o plantio de guaraná.

Enquanto as aves roíam o guaraná, aparece um homem saindo do guaranazal^Δ não era bem um homem era um bicho feio com um grito, barulho muito esquisito, espantava as aves fazendo com que as aves^Δ fossem embora.

Com o passar de alguns dias quase todo o começo de noite o barulho acontecia no guaranazal a família começou a se desesperar^P pois o barulho aumentava e cada vez mais tava[©] vindo em direção a casa e da família^Δ os cachorros começaram a latir e latir.

Então o pai desesperado pegou toda a sua família^{ΔΔ} e colocou ela na canoa, num rio que dava no final do quintal da casa e começou a remar desesperadamente, até que então ficaram a noite toda no meio do rio. E quando foi de manhã assim que o sol apareceu voltaram a^ü fazenda e os cachorros aviam^O sumido e a casa tava[©] do mesmo jeito.

Até hoje, dizem que era o espírito do Jurupari que tinha comido aquele indiozinho, que deu origem ao guaraná.

TEXTO N° 09

O “Guaraná e o Jurupari” teve como referência outra lenda do guaraná, que consta nos anexos, a qual deu origem a outras narrativas presentes na memória coletiva de povo de Maués. O principal problema encontrado neste texto está relacionado à coesão, representado pelo seguinte código (Δ).

A coesão se dá por meio de elementos que contribuem para o encadeamento do texto, auxiliando na produção da coerência, que se refere à possibilidade de interpretá-lo. Para ilustrar este critério analisado transcreveremos fragmentos deste texto, que compõe o *corpus* desta pesquisa, especificamente no primeiro parágrafo, o qual apresentou maior infração no diz respeito à coesão.

As palavras repetidas no texto foram destacadas para que o autor pudesse refazer os períodos de forma articulada entre si, sem repetições. Para ajudá-lo, foram apresentados a ele alguns articuladores como pronomes, advérbios, conjunções, etc.

No início do parágrafo, o aluno começa situando a narrativa e para isso, usa a palavra onde, em seguida a repete para falar da família que ali morava “*A história começa numa fazenda ‘onde’ existia um grande guaranazal, ‘onde’ havia uma família [...]*”

Nesse caso, o aluno poderia ter usado um mecanismo chamado referenciação. A referenciação é o preenchimento de sentido de um elemento a partir de outro elemento linguístico ou extralinguístico, chamado referente. Assim, ele poderia ter construído a referenciação pela retomada do referente, usando a palavra “lá” que é um advérbio de lugar, haja vista que se fala de espaço físico.

No mesmo parágrafo, ele repete palavras como: guaranazal, família, plantio, guaraná, conforme a seguir “*A história começa numa fazenda, onde existia um grande guaranazal, onde havia uma família que fazia plantio do guaraná. chegados recentemente na fazenda uma família, que não sabia o que existia no guaranazal então a família começou a dar continuidade no plantio de guaraná, e depois de três meses aconteceu algo inexplicável no guaranazal, aparece um monte de aves pretas para ruer o plantio de guaraná,*”

Neste caso, ele poderia ter organizado melhor a ideia e ter usado um mecanismo coesivo chamado elipse. A elipse é o apagamento de palavra ou trecho que pode ser recuperado pelo contexto, além da pontuação para tornar o período mais claro.

Após a intervenção, o período reescrito ficou assim:

“*A história começou numa fazenda, onde existia um grande guaranazal. Lá, havia uma família recém-chegada que começou um plantio de guaraná sem saber que já existia outro antes. Após três meses em que a família já estava trabalhando, aconteceu algo inexplicável: um bando de aves pretas apareceu para roer todo plantio.*”

O texto ainda apresentou problemas com relação à ortografia que no processo da reescrita foram corrigidas e com isso, apresentou melhoria tanto nos aspectos microestrutural quanto macroestrutural. A versão reescrita constará nos anexos.

Embora nossa proposta de análise nesse texto fosse em nível microestrutural, mencionamos alguns aspectos macroestruturais de forma sucinta observada no texto como: o título imprime pertinência entre o texto, anunciando de forma sutil o que será apresentado no seu desenvolver, assim como o discurso próprio do gênero solicitado. As articulações das vozes do discurso contribuíram para promover a inter-relação semântica entre os elementos do discurso.

Quanto ao conteúdo do texto, podemos dizer que o intertexto, isto é, a referência é outra lenda do guaraná que tem o jurupari como o antagonista. Por conta dela, outras narrativas, que só existem no plano da oralidade, foram sendo criadas no imaginário do povo mauesense, e que vão sofrendo modificações de acordo com o tempo e com o lugar.

Análise do texto “O lendário Guaraná” – (TEXTO 11)

Com relação ao aspecto microestrutural, que diz respeito à convenção à escrita, o texto nº 11 intitulado “O lendário Guaraná” apresenta infrações referentes à ortografia, à conjugação verbal, à concordância de colocação pronominal e à pontuação:

O lendário guaraná

Há muito tempo atrás nas margens do rio maués^O - açú^P encontrava-se uma aldeia, cuja aldeia^A havia um casal que não podia ter filhos e todos os dias a mulher se encontrava solitária enquanto seu marido trabalhava. Certa vez^P andando pela mata ia questionando sobre sua possibilidade de ter filho, de repente, ela ouviu uma voz dizendo:

- Você vai dar luz a um filho!!!

Assustada e sem saber o que fazer^P responde.

-Como assim? Eu já sei que não vou poder mesmo.

Então^P a voz desconhecida disse^P

-Vai lá no centro da mata sem nenhum tipo de armamento, lá tem uma planta com um formato desconhecido, galhos longos, folhas grandes, cores fortes e um fruto que tem um formato de olhos que resplandecem beleza. Pegará^O o fruto^P farás dele bebida e toma. Pelo valor da bebida e o amor ao teu marido^P darás luz a um filho que será um grande guerreiro, corajoso, destemido e um excelente filho.

Imediatamente^P ela saiu em busca desta misteriosa planta, ao encontrar a planta^A, fez o que lhe foi ordenado.

O tempo foi se passando, com muita felicidade, juntamente com seu marido^P aguardavam ansiosamente a chegada de seu primeiro filho. Nascendo saudável e forte, os pais deram o nome ao menino de RAONE.

RAONE, cresceu, sendo um rapaz amado pelos seus pais e por todos. Ele era destemido, corajoso e possuía uma grande habilidade de caçar. Em uma de suas aventuras pela mata sombria e escura, RAONE^P sem saber como^P se perdeu na mata a qual conhecia como a palma da mão.

Para seus pais juntamente com a aldeia a qual os amavam tanto foram em busca de RAONE, mas infelizmente não tiveram a possibilidade de encontra-lo. O tempo foi passando, certo dia seu pai saiu com aquela esperança de encontrar seu filho novamente, de repente deparou-se com um arbusto e ali se encontrava o punhal, o arco e a flecha de RAONE; triste por aquilo e ao mesmo tempo feliz tornou-se conhecimento que dali daquela planta foi o começo e fim daquele filho tão amado que foi concedido a eles.

Desde então fizeram com que se expandisse territorialmente e se tornasse conhecida aquela magnífica planta que deram-lhe o nome de GUARANÁ, que foi o começo de fim uma história que prevalece em nosso município e se faz presente em nossas vidas até hoje.

TEXTO Nº 11

(1) Quanto à ortografia: “maués” infração quanto ao emprego da letra minúscula por se tratar de nome próprio; em “há muito tempo atrás” a palavra “há” já expressa tempo passado, não havendo necessidade da palavra “atrás”;

(2) Quanto à conjugação verbal e a pessoa do verbo: Em “pegará o fruto” o verbo deve concordar com a sua pessoa, no caso é a 2ª pessoa do singular “tu”, na reescritura deve ficar “pegarás”, em “que tem” está se falando da mesma pessoa “tu” conjugação correta “que tens ao teu marido”;

(3) Quanto à coesão houve infração em:

“ [...] encontrava-se uma aldeia, cuja aldeia havia [...]”

Após a intervenção, o período ficou assim:

“ [...] encontrava-se uma aldeia onde havia [...]”

O termo cuja aldeia está se referindo a aldeia, que é um lugar, podendo ser substituído pelo advérbio onde;

(4) Quanto à pontuação: ela exerce a função de demarcar as unidades e sinalizar limites de constituintes sintáticos, além de reproduzirem nossas emoções, intenções e anseios. Como o produtor não dominava os critérios de pontuação, logo isso foi visível na superfície textual, conforme exemplo retirado dos parágrafos do texto em questão, mostrado a seguir:

-Ausência da vírgula para separar orações:

“ [...] sem saber o que fazer responde”

“ [...] Pegará o fruto farás dele bebida”

“ [...] e o amor que tem ao seu marido darás luz a um filho”

“ [...] Raone sem saber como se perdeu na mata, a qual conhecia como a palma da mão”

Após a intervenção, o período ficou assim:

“ [...] sem saber o que fazer, responde”:

“ [...] Pegará o fruto, farás dele bebida”

“ [...] e o amor que tem ao seu marido, darás luz a um filho”

“ [...] Raone sem saber como, perdeu-se na mata, a qual conhecia como a palma da mão.

Ao avaliarmos o critério “Convenção da escrita”, percebemos evolução dos alunos após a reescrita de texto. As categorias selecionadas em nível microestrutural para a análise linguística no que tange aos aspectos formais foram: ortografia, concordância verbal e nominal e pontuação. Convém enfatizar que os aspectos linguísticos analisados aconteceram mediante as deficiências apresentadas nos textos, no momento da produção.

Diante disso, Geraldi (2013, p. 135) corrobora: “Considero a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo processo de ensino/aprendizagem da língua”.

Desta forma, aprender a língua vai além de estudar regras gramaticais, porque parte do conhecimento consolidado pelos alunos a partir de suas produções textuais, tornando mais significativa a sua aprendizagem. Portanto, é no espaço da escrita que vimos a possibilidade de trabalhar os conceitos linguísticos para que os alunos desenvolvam sua competência comunicativa.

O processo de reescrita permitiu que trabalhássemos conceitos linguísticos de acordo com as deficiências apresentadas nos textos produzidos pelos alunos, isso contribuiu para que os mesmos progredissem com relação à convenção da escrita, considerando que na educação formal, o aluno deve adequar sua escrita com as normas padrão, com a normatização, mediante esta prática.

Geraldi (1997, p. 58), “é nesse movimento alternado, de escrita/leitura/reescrita e releitura, que o aluno vai se apropriando dos mecanismos da língua, optando por este ou

aquele recurso expressivo e excluindo outros, selecionando as estratégias mais eficazes para dizer o que quer dizer na forma que escolheu.”

Foi no espaço da escrita, que tivemos a possibilidade de trabalhar os conceitos e as normas da língua, considerando-a como uma ferramenta de comunicação e interação. Fato que contribui para que os alunos compreendessem o seu funcionamento, sempre que necessitarem das adequações formais e as exigências das convenções referentes às atividades praticadas nelas.

Possenti (2005, p.33) nos alerta que: “O objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido”. Para tanto, a proposta interdisciplinar foi de muita importância para nos ajudar nas articulações de conhecimentos que subsidiaram a escrita dos nossos alunos.

4.4.6. Análise qualitativa das poesias

Para desenvolver a competência linguística dos nossos alunos, visualizamos, como outro recurso, a poesia. A prática interdisciplinar aliada ao mecanismo de intertextualidade favoreceu a interação de vários saberes que instrumentalizaram seu discurso para a concretização da sua escrita.

Na Literatura Brasileira há vários exemplos de intertextualidade, muitos poemas foram criados a partir de outros, seja como forma de tributos, homenagem ou de crítica como é o caso das paródias. Respeitando a subjetividade, a licença poética, a liberdade artística, expressa neste gênero narrativo, a análise das poesias se deu de forma observacional, levando em consideração a interdisciplinaridade e a intertextualidade como modelo para produção de novos textos.

Segundo Koche (2012, p.19), “A intertextualidade estilística ocorre, por exemplo, quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas”.

Análise do poema “Canção do Guaraná”

O poema abaixo “Canção do guaraná” foi produzido por um de nossos alunos e foi baseado na intertextualidade estilística tendo como referência o poema “Canção do Exílio”, do poeta Gonçalves Dias, que expressa um nacionalismo ufânico em todo tecido poemático. Como se observa, o segundo texto imita as palavras de Gonçalves Dias no título e no primeiro verso. Os dois poemas possuem um eu lírico que enaltece sua terra natal.

Ainda sobre intertextualidade, Koch assim se expressa:

Nos casos de intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor/ ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, mais particularmente, é claro, no caso da subversão. Também nos casos de captação, a reativação do texto primeiro se afigura de relevância; contudo, por se tratar de uma paráfrase mais ou menos fiel, do sentido original, quanto mais próximo o segundo texto for do texto-fonte, menos é exigida a recuperação deste para que se possa compreender o texto atua. (KOCH, 2012. p. 31).

A intertextualidade implícita também é percebida no poema “Canção do guaraná” estabelecendo uma relação de diálogo, mais precisamente nos versos da terceira estrofe e nos

dois primeiros versos da quarta estrofe, com o “Mito do guaraná”.

No mito, conforme exposto no início deste trabalho, a jovem moça Onhiamuaçabê ficando grávida de uma cobra, e os irmãos, por ciúme, armaram uma cilada para o filho da jovem que foi morto pelos guardas do Noçokem - os macaquinhos-da-boca-roxa, que deceparam a cabeça do menino, e sua mãe desesperada arrancou os olhos deste e plantou, o desses olhos nasceu o guaraná. No poema, *“Uma linda moça/É traída pelos irmãos/Seu filho, filho de cobra/Foi morto, e seus olhos levados ao chão”*.

Ainda sobre o mito, quando a índia Onhiamuaçabê, chorando, após enterrar seu filho, profetisa dizendo: *“Tu, meu filho, serás a maior força da natureza. Farás bem a todos os homens. Todos te conhecerão. Tu serás grande e curarás doenças de todo o mundo [...] amigos e inimigos falarão teu nome.”* Na quarta estrofe, *percebe-se a relação “Dele surge o mais belo fruto/O milagroso guaraná/índios caboclos europeus/. “Todos queremos nos deliciar”*.

A análise que fazemos com relação a essa estrofe é que não só no sentido do reconhecimento do guaraná em nível nacional e internacional, mas também da cobiça, em que muitos querem lucrar com este produto, e há, embora de forma ainda tênue, certo receio da cidade de Maués em perder esse fruto para outros lugares. Observamos aqui os mesmos assuntos entre os dois textos, o “mito do guaraná” e “canção do guaraná” – a origem do guaraná e sua expansão.

Neste processo de produção de texto por meio da intertextualidade, tem-se a oportunidade de recriar, interpor, repor e atualizar, como vimos no poema composto pelo nosso aluno. Desta forma, vimos a possibilidade de trazer temas do cotidiano para dialogar com os temas da literatura clássica e com isso não negligenciar tais conhecimentos propostos na matriz curricular, tão importantes para os nossos discentes.

A seguir, o poema de Gonçalves dias “Canção do Exílio” que serviu de referência para o texto intitulado “Canção do Guaraná” que foi construído pelo aluno.

Canção do exílio

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

Gonçalves Dias

Canção do guaraná

*Minha Terra tem guaraná
Tem sábio a cultivar
O fruto desta nossa nação
É símbolo de tradição*

*Eu não faço poesia
Poema e nem canção
Mas tenho um grande conto
Que é lenda de tradição
Uma linda moça
É traída pelos irmãos
Seu filho, filho de cobra
Foi morto, e seus olhos levado ao chão*

*Dele surge o mais belo fruto
O milagroso guaraná
Índios, caboclos, europeus.
Todos queremos nos deliciar*

Análise do poema “O guaraná”

O presente poema é composto por quatro estrofes com versos heterométricos e com a presença de rimas, que dão musicalidade em todo tecido poemático, mesmo que na sua maior parte, pobres, apenas dois pares de rimas ricas presentes na 1ª estrofe “raiar” e “guaraná” e na última estrofe “envenenar” e “NPK”. Essas rimas deixam certa musicalidade em todo o tecido poemático.

Quanto à análise de conteúdo, a prática interdisciplinar estabelecida com as disciplinas técnicas, disciplina de Química e associado à intertextualidade, facilitou a apreensão do conteúdo temático, o qual foi adicionado aos seus conhecimentos de mundo que instrumentalizaram sua composição.

Na segunda estrofe, o autor cria um par de rima, com as palavras “medicina” e

“*caféina*” mostrando o valor medicinal do guaraná e que a *caféina* é uma das composições químicas presentes neste fruto.

Já na terceira estrofe, ele mostra o valor econômico do guaraná e cria dois pares de rima com as palavras “*muda*” e “*ajuda*”/ “*plantar*” e “*aumentar*”.

Para concluir o poema, o autor cria uma rima rica em “*envenenar*” e “*NPK*”, esta última é a composição química para a adubação do guaranazeiro, alertando para os perigos do agrotóxico na planta.

Convém mencionar que o presente poema passou por dois processos de correção, considerando que nele foram articulados conhecimentos de disciplinas técnicas. A primeira preocupação foi com o texto. Após isso, passamos para os professores das áreas técnicas e eles observaram infrações nas terminologias de conceitos na última estrofe em “*Pra planta não envenenar*”/ *Evite o agrotóxico/ Basta usar o NPK*”

Considerando que o agrotóxico não é o mesmo que adubo, quando é usada a palavra *basta*, entende-se que o NPK também é agrotóxico. Além disso, ele não especifica se o NPK está na forma orgânica ou sintética. Caso esteja na segunda forma, também apresenta consequências danosas para a planta e para a saúde de quem a consome.

Após essa revisão, o aluno refez a estrofe deixando-a assim: “*Basta você ter cuidado/ Pra planta não envenenar/ Evite o agrotóxico/ E use adubo natural*. Nesse caso, tivemos um par de rimas imperfeitas em “*envenenar*” e “*natural*”, mas não comprometeu a estética do texto.

O guaraná

*Antes do sol raiar
Vai o caboclo pra lida
Após tomar seu guaraná
Alimento que dá vida*

*Com valor na medicina
Traz consigo muita *caféina*
Esse é fruto do guaraná*

*Todos querem uma muda
E na sua roça plantar
Porque seu fruto ajuda
O dinheiro aumentar*

*Basta você ter cuidado
Pra planta não envenenar
Não exagere em agrotóxico
Basta usar NPK*

De acordo como mostram nossos resultados, vários fatores foram importantes na construção dos textos dos nossos alunos: A Linguística textual, por meio dos seus elementos, como: a informatividade, a coerência e coesão textual, sobretudo, a intertextualidade, na qual os produtores recorriam a um conhecimento prévio de outros textos para produzir os seus; o fato de o tema para as produções estar voltado para o contexto cultural do aluno foi muito significativo, uma vez que partiu de suas próprias experiências, da relação de afeto e de identidade.

Apesar de os alunos terem demonstrado sérios problemas de coesão, em relação à articulação dos períodos, podemos evidenciar avanço na aprendizagem no ensino da língua, pois nesse processo de construção e reconstrução de texto, eram trabalhados os conceitos linguístico a partir dos textos por eles produzidos, no sentido de auxiliar sua escrita de acordo com a norma culta.

Além disso, a prática interdisciplinar foi fator de extrema relevância para que os autores relacionassem saberes e ganhassem conteúdos que subsidiou sua escrita, mais que modelos, que normas gramaticais, os alunos precisam ter leituras e informações consistentes para registrar e articular seu discurso.

Análise do poema “O Guaraná, o ouro da plantação”.

As informações por meio das leituras realizadas no período de estudo se presentificam nos textos dos nossos alunos. O poema “O guaraná, ouro da nossa plantação” é outro exemplo desse processo.

“ O Guaraná, o ouro da plantação”

De um lindo fruto
Na cidade de Maués
Nasce uma grande lenda
Da tribo satere mawe
Que serve de tradição
Ralado na própria mão
O fruto que vem do chão
Alimentando a população
Histórias de uma linda índia
Que chorando cai no chão
Vendo seu filho morto
Matado pelo seus irmãos
Mas a índia não desiste e grita
Pedindo compaixão
Para os deuses da etnia
Lhe dê-se atenção
Para índia foi falado
Seus olhos plante ao chão
Nascendo o fruto cobiçado
Sendo o ouro de nossa plantação.

Nos versos “*Que serve de tradição*”/ “*Ralado na própria mão*”/ “*Alimentando a população*” ilustra uma prática do mauesense, sobretudo dos mais velhos, que é que tomar guaraná pela manhã, seja ralado ou em pó, dissolvido na água. Mas de acordo com a tradição, ralar o guaraná na língua do peixe chamado Pirarucu, faz parte do ritual dos mais antigos que acreditam serem alimentados, obtendo sabedoria e ânimo valente para enfrentar as vicissitudes do dia a dia.

Nos demais versos do poema, o autor retextualiza a lenda poética do guaraná. De modo geral, ele apresenta o guaraná com um sentimento um tanto ufânico, ou seja, um nacionalismo sem nenhuma criticidade.

Análise do poema “Cordel do guaraná”

No Cordel do guaraná, por ter sido construído por meio da escrita colaborativa, já se percebe muitas informações a respeito da cultura guaraná. No momento da construção, como foi mostrado na metodologia, parávamos para problematizar a questão do guaraná no município.

Essas reflexões ajudaram os alunos desconstruírem um pouco a visão tão romântica que tinham a respeito do guaraná, pois além do ufanismo ainda mostrado nos seus versos, percebe-se também certa criticidade com a atual situação que se encontra esta cultura no município.

O poema nos mostra uma evolução de um cultivo cultural até a produção industrial, relacionando sua origem a uma lenda local e ao longo dos versos buscando a evolução até as pesquisas tecnológicas, ao citar os pesquisadores doutores da área, enfatizando assim, sua grande relevância para o município.

A criticidade é vista nos versos “*É preciso mais carinho/ Com o produtor de guaraná/ Ele mostra o caminho/ Para o doutor pesquisar/ E precisa ser mais assistido/ Para sua produção melhorar.*” Observamos nestes versos uma chamada de atenção para o devido valor que é negado ao homem do campo, que tem um papel tão importante nessa interação com pesquisadores científicos da planta.

Apesar de nos versos citados não termos uma situação de intertextualidade com outro texto, mas os alunos conseguiram ler uma realidade local, fato importante, pois dentre as funções da literatura, uma delas é estar engajada com as causas sociais e a escrita cumpre seu papel social, seja retratando ou denunciando. Como diz Azeredo (2005, p. 23) “*Cabe também à obra literária a tarefa de ser um instrumento de conscientização das pessoas e de transformação da sociedade*”.

Penso que essa criticidade já é resultado de questionamentos feitos sobre o guaraná e o seu produtor que precisa de acompanhamento técnico para a sua produção, para o escoamento do seu produto, para o preço do guaraná que não lhe é favorável. Além disso, no período da Festa do Guaraná, evento em que se celebra a colheita do fruto, muitos produtores não conseguem desfrutar.

Outra situação que ocorre no período da festa é que no palco das apresentações o/a índio/índia são romantizados, e enquanto isso acontece, algumas índias estão sendo aliciadas e prostituídas e índios embriagados.

Ademais, o poema traz a informação das possíveis formas de se encontrar e consumir o guaraná, falando de sua origem desde o momento da plantação. Por fim, nos seus versos: “*Um apelo às autoridades/ Essa cultura incentivar/ Porque Maués é o berço/ Do gostoso guaraná*”. O eu poético demonstra preocupação, fazendo apelo às autoridades para que

incentivem essa cultura, caso contrário, poderemos perdê-la.

Quanto à forma, apesar de não obedecer às normas das estrofes, própria de um cordel, o poema apresenta ritmo e musicalidade, com uma linguagem simples, própria do gênero.

CORDEL DO GUARANÁ

Meus senhores visitantes
Na festa do guaraná
Preste muita atenção
Pra história que vou contar

Com esta rima verdadeira
Que agora vou decantar
Dos olhos da índia guerreira
Nasceu o nobre guaraná

Se em semente ou é clonado
Ele tem muito valor
Esse fruto cobiçado
Que o sateré plantou

Rejuvenesce e alonga a vida
Ele é o nosso elixir
Encoraja a nossa lida
Coisa igual eu nunca vi

Em bastão ou em pó

De maneira habitual
Compartilho meu *çapó*
Num valioso ritual

Tem valor na medicina
Também na alimentação
Muito rico em cafeína
Ele dá muita disposição

É preciso mais carinho
Com o produtor de guaraná
Ele mostra o caminho
Para o doutor pesquisar

De longe vem o turista
Pra terra do guaraná
Quando vai leva saudade
E fica querendo voltar
E precisa ser mais assistido
Para sua produção melhorar

Um apelo às autoridades
Essa cultura incentivar
Porque Maués é o berço
Do gostoso guaraná

Aqui nós nos despedimos
Agradecendo a atenção
Quem gostou da rima
Bate na palma da mão.
Pode ter em outros lugares
Mas como em Maués, não.

(Coletivo)

De acordo com as necessidades apresentadas nos textos dos alunos, trabalhamos nas aulas convencionais alguns conceitos que achávamos necessário como: pontuação, concordância verbal e nominal e outros.

4.5 Exposições de textos na Feira de Agronegócio na Festa do Guaraná

Nos últimos três anos, a Feira de Agronegócio vem sendo realizada no período da Festa do Guaraná que ocorre normalmente nos últimos três dias do mês de novembro. A feira tem por objetivo oportunizar renda para os produtores de guaraná, associação e pequenos empresários, gerando emprego e renda para o município.

Além do espaço cedido aos produtores, pequenos empresários e artesãos do guaraná, também é cedido espaço aos alunos da Universidade Estadual do Amazonas e aos alunos e professores do IFAM.

Como se trata de uma festa agrícola que celebra a colheita do guaraná, os alunos do IFAM, do curso de Agropecuária, tiveram muitos trabalhos relacionados a este evento, e considerando que o tema gerador para as produções textuais era o guaraná, seus trabalhos foram socializados e nisso percebemos grande envolvimento nessa atividade.

No “*stand*” houve as seguintes atividades e amostras: (1) distribuição de mudas pelos professores e alunos do curso de Meio Ambiente; (2) projeto dos alunos de Agropecuária; (3) a possibilidade de trabalhar Química de forma contextualizada, por meio da adubação do guaraná, onde abordam os fertilizantes aplicados no guaranazeiro, apresentado pelo professor Luiz Antônio, juntamente com seus alunos e para completar e; (4) as produções textuais,

objeto de nosso presente estudo.

Apresentamos um cantinho de poemas em forma de cordel denominado “Cordel do Guaraná”, também muito apreciado por quem por ali passava. A apresentação desses trabalhos na feira foi uma forma de socializar o conhecimento produzido em sala de aula como resultado da interação dos saberes presentes no contexto econômico e cultural dos nossos alunos.



Figura 5 Participação dos alunos do IFAM na III Feira de Agronegócio de Maués.

4.6 O que dizem os alunos

O gráfico abaixo ilustra as manifestações verbais dos alunos, após a execução do projeto que envolveu o ensino contextualizado da língua e de forma interdisciplinar. Seleccionamos apenas as questões que achamos mais relevantes para nossa análise e discussão descritas no Questionário 2.

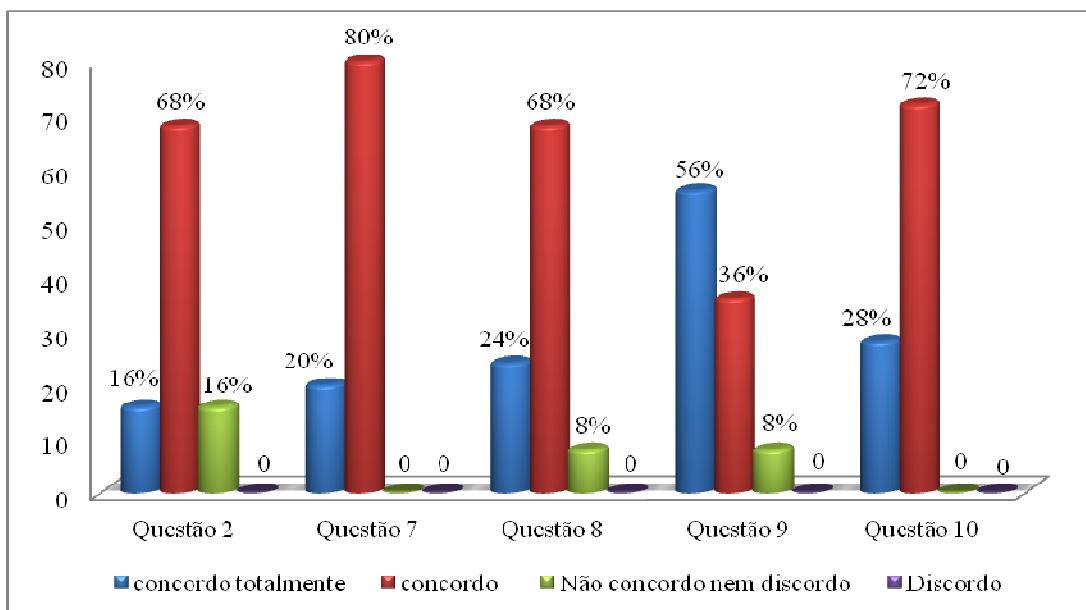


Gráfico 6. Opinião dos alunos em relação ao tema “O Guaraná” abordado nas atividades do

projeto.

Na questão de número 2, os alunos foram investigados se as propostas de leitura e produção de texto trabalhados neste período de pesquisa despertaram neles interesse, 68% (17 em 25 alunos) concordaram; outros 16 % (04 em 25 alunos) concordaram totalmente e os 16% (04 em 25 alunos) restantes, foram indiferentes à pesquisa.

Na questão de número 7, os alunos foram investigados sobre a possibilidade de se estabelecer diálogo com temas do cotidiano e matriz curricular, 80% (20 em 25 alunos) responderam dizendo em concordaram e os 20% dos demais alunos concordaram totalmente, gerando nenhuma discordância ou indiferença. Por esta razão, a questão foi considerada positiva em relação ao *feedback* dos alunos.

Nas informações mostradas na questão de número 8, um percentual de 68% (17 em 25 alunos) concordaram em dizer que o ensino aprendizagem-proposto nas oficinas trabalhadas neste período foi de forma satisfatória.

Com relação à questão de número 9, os alunos foram investigados se gostariam de participar de outros projetos dessa natureza e as amostras foram as seguintes: 56% (14 em 25 alunos) concordam totalmente, 36% (9 em 25 alunos) concordaram e 8% (2 em 25 alunos) se manifestaram indiferente a proposta. Essa questão mostrou melhores resultados em relação às outras, pois foi a única que a opção “concordo totalmente” foi o maior percentual. Constatou-se com esse resultado, um grande interesse por parte dos alunos na participação de projetos desta natureza, logo nossa metodologia demonstrou ser eficaz.

Na última questão, correspondente ao número 10, um percentual de 72% (18 em 25 alunos) concordaram com a possibilidade das narrativas orais trabalhadas nas oficinas estabelecerem diálogos com as narrativas clássicas da literatura brasileira, e o outros 28% (7 em 25 alunos) concordaram totalmente com a questão, mostrando mais uma vez bons resultados referentes a nossa proposta de trabalho.

As respostas nos mostram resultados satisfatórios, inferimos com isso que a metodologia que propusemos teve um significado positivo nesse processo de ensino. Além disso, nas nossas observações, visualizamos os alunos mais envolvidos nas atividades de leitura e escrita desenvolvidas por meio do projeto interdisciplinar, que valorizava aspectos do cotidiano deles.

Com base nestes resultados, vimos que os alunos, por meio da experiência de leitura e de conhecimento das narrativas clássicas e orais, assim como o exercício da escrita, perceberam a intertextualidade e a interdisciplinaridade. Nesse sentido, podemos inferir que o diálogo se materializou entre as disciplinas envolvidas neste trabalho e o contexto cultural dos alunos.

Podemos, por exemplo, trabalhar o contexto cultural do aluno sem negligenciar a matriz curricular proposta para o curso. Giroto; Revoredo (2011) postulam que quando a escola valoriza a cultura da comunidade, ela considera experiências da vida do aluno vivenciadas fora do ambiente escolar. Logo, essas experiências vão sendo adicionadas aos diversos conhecimentos e facilitando a construção e reconstrução de outros.

No trabalho com as narrativas possibilitou relacionar a protagonista do Mito do guaraná, “ Onhiamuaçabê” com a protagonista da obra de José de Alencar “Iracema”, em que a primeira era a guardiã do Noçoquém, e a segunda, a guardiã do segredo de Jurema, além de outros elementos presentes nos textos que ora se convergiam, ora se divergiam. Como também em outras narrativas orais.

Além disso, existem nessas narrativas do guaraná, outras informações relacionadas a crenças como nos informa Anervina (2011), como por exemplo, ritual da regeneração do

guaraná, as plantas como símbolo de fertilidade e riqueza, o poder que a índia tem de conhecer e utilizar as plantas milagrosas, o saber das benzedadeiras, semelhante à reza utilizada pela índia ao enterrar o olho do seu filho, na esperança da ressurreição.

Como se vê, a influência do meio social sobre os alunos facilitou a produção dos seus textos, e podemos perceber a correlação dos saberes do seu contexto social e cultural com os saberes sistemáticos que estimulou a construção de conhecimentos. Mesmo que eles ainda apresentem dificuldades com relação à escrita, o fato de se sentirem motivados para leitura contribuiu para o enriquecimento de informações e articulação da linguagem contribuindo com a prática da modalidade escrita.

A proposta interdisciplinar tanto com disciplinas da matriz curricular como com narrativas trazidas do contexto cultural dos alunos deixou mais dinâmico o ensino de Língua Portuguesa, tornando mais prazerosa e criativa as atividades de produção textual, visto que o acesso às informações contribuíram para que eles desenvolvessem sua linguagem dando voz ao seu discurso.

Algumas falas dos alunos nas perguntas abertas

As falas que seguem são transcrições referentes às duas questões abertas do questionário, cuja finalidade foi complementar as informações fornecidas pelos alunos referentes à concretização do nosso projeto, considerando os pontos positivos e negativos dessa metodologia. Elas estão identificadas pela letra “A”, acompanhadas por uma ordem numérica.

As manifestações dos alunos envolvidos na pesquisa demonstraram satisfação quanto à metodologia trabalhada neste período. Foi significativo para eles considerar e trazer conhecimentos voltados para o seu contexto cultural que possibilitou unir algumas disciplinas, contribuindo para a sua aprendizagem.

Por meio das falas dos alunos, foi externada a significação desta metodologia ao considerar e trazer conhecimentos do contexto cultural destes, possibilitando unir algumas disciplinas, que culminaram para a sua aprendizagem.

Foi relatado também o grande número de disciplinas no 1º ano e a dificuldade em administrar o tempo para estudar e conseguir a apreensão de todo o conhecimento, então como sugestão, trazer alguns assuntos para as aulas de língua portuguesa para discussão e produção de texto, desta forma se faz a integração com outras áreas do conhecimento, promovendo assim a interdisciplinaridade.

“Achei legal do jeito que mais de um professor trabalhou nas oficinas, assim a gente aprende mais.” (A1)

“Acho que aqui no IFAM nós temos muitas disciplinas, e do jeito que nós trabalhamos em várias disciplinas o assunto sobre o guaraná facilitou nossa aprendizagem, não digo que seja só com o tema guaraná, mas com outros assuntos do nosso curso, como exemplo trazer pra aula de português esses assuntos pra gente fazer texto”(A2)

No relato dos alunos A1 e A2 podemos identificar a dificuldade na apreensão dos conhecimentos, haja vista, o número de disciplinas que se tem num ensino integrado, e este, por sua vez, não tem uma organização curricular integrada em seu planejamento.

Foi significativo para os discentes, considerar e trazer conhecimentos voltados para o seu contexto cultural que possibilitou unir algumas disciplinas, contribuindo para a sua

aprendizagem. A nova metodologia vivenciada ajudou a desmistificar a visão do ensino da língua como atividades massacrante e tediosa, observadas nas falas abaixo:

“ O que eu achei muito importante nesse jeito de estudar foram as leituras que a gente aprendia coisas de química, de história e outras disciplinas e depois produzia texto”(A3)

“ Achei legal que não ficou aquela coisa chatona de estudar português, nós lemos e escrevemos e nem foi cansativo.”(A4)

“ Gostei muito de produzir textos no laboratório de informática porque não é aquela coisa chata, lá parece mais legal”(A6)

Essa prática, no ensino da língua portuguesa nos cursos técnicos permite o diálogo não só com os saberes técnicos do curso, mas entre os saberes populares, nas variações linguísticas, por meio das narrativas orais e literárias no processo de retextualização, resultando numa aprendizagem muito mais consistente, rica e significativa.

“ Gostei muito das histórias contadas pelos contadores, e achava legal ouvir e depois fazer texto sobre elas”(A5)

“ Achei legal trazer tema da cultura da nossa cidade para ser estudado em língua portuguesa e também desse jeito interdisciplinar porque aumentou nossos conhecimentos e também porque eu aprendi a escrever textos”(A7)

Como positivo também, inferimos que os alunos valorizaram o espaço dialógico criado nessa metodologia, e conseqüentemente, o estudo da língua portuguesa tenha feito sentido para eles, o ensino contextualizado na cultura permitiu a interlocução com a comunidade e com outras áreas do saber.

“A gente estudou diferente, não fez só aquele montão de exercícios, a gente conheceu outras pessoas, leu, escreveu e foi legal que outras pessoas leram nossas poesias”(A8)

A partir do tema integrador “O guaraná”, tanto nas histórias do imaginário popular como nas narrativas baseadas nos costumes da comunidade referente à cultura deste fruto, foi possível estabelecer diálogo entre as disciplinas assim como os saberes externos à escola. Outro ponto positivo foi perceber o anseio que estes têm para desenvolver sua modalidade escrita, mas não se sentiam motivados para esta prática.

Nessa perspectiva em que trabalhamos a língua, foram considerados para a produção de texto conhecimentos prévios assim como outros conhecimentos linguísticos dos nossos alunos foram acionados e fizeram parte deste cenário de interação tanto o autor quanto o leitor. Quanto ao exposto, Antunes corrobora com a ideia de que:

A tendência centrada na língua enquanto atuação social, enquanto atividade e interação verbal de dois ou mais interlocutores e, assim, enquanto *sistema-em-função*, vinculado, portanto, às circunstâncias concretas e diversificadas de sua atualização, [...] possibilitando uma consideração mais ampla da linguagem e, conseqüentemente, um trabalho pedagógico mais produtivo e relevante. (ANTUNES, 2003, p. 41).

Como negativo foi manifestada a falta do envolvimento de mais professores no projeto. O fato de que tínhamos de fazer reposições de aula quando voltávamos das semanas de formações do mestrado, limitava nosso tempo para reunirmos com os demais professores,

sobretudo, os da área técnica.

“[...] Acho que mais professores podiam ter trabalhado nesse projeto” (A9)

4.7 O que dizem os Professores Participantes

Para corroborar o resultado da nossa pesquisa, foram consideradas as manifestações dos professores que conosco contribuíram de uma forma mais direta, no decorrer desse processo. Nessas manifestações foram considerados os avanços e as dificuldades entre professores.

A reflexão abaixo feita pelo professor da comunidade indígena, vai ao encontro das ideias defendidas por Zabala (1998 p. 28) citado por Kochhann “Educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos e estanques, em capacidades isoladas”

“As ações da nossa vida acontecem no dia a dia, e não usamos conhecimentos separados, nossas crianças não aprendem em caixinhas, não tem uma caixinha pra ciência, outra pra matemática, e outra pra português. Elas aprendem tudo ao mesmo tempo. Acho que se vocês deixarem de ensinar tudo em caixinha, ficará mais fácil para os alunos aprenderem” (Pedagogo da Comunidade indígena).

Embora seja um mecanismo muito importante e muito proveitoso, no processo ensino-aprendizagem é preciso compromisso para trabalhar a interdisciplinaridade, pois ela requer planejamento e bom relacionamento entre os professores. É nessa linha de pensamento que Fazenda (2013, p. 132) afirma: “interdisciplinaridade é muito mais que uma atitude frente ao conhecimento; é impossível pensar em atitudes sem pensar em gratidão e negociação, sem pensar em reconhecimento”.

“Trabalhar a interdisciplinaridade não é fácil não, é preciso planejar, não se trabalha de qualquer jeito, é preciso também um bom relacionamento entre os professores.” (professor de Produção vegetal)

“Trabalhar a interdisciplinaridade melhora a aprendizagem dos alunos como também o relacionamento entre os professores”. (Professora de Informática)

Mesmo requerendo dedicação e tempo para planejamento, o ensino contextualizado e de forma interdisciplinar é de fundamental importância e deve estar presente em nossas práticas pedagógicas, pois isso permitiu, nesse período de estudo, maior envolvimento dos alunos nas atividades propostas, e conseqüentemente melhorar sua aprendizagem.

“Embora precise de tempo maior para planejamento, a interdisciplinaridade e um ensino contextualizado devem estar presentes nas nossas práticas, pois vimos como nossos alunos se mostraram interessados nesse período que trabalhamos desse jeito”. (professor de Química).

Durante o diálogo estabelecido, foi possível visualizarmos que apesar dos percalços para se estabelecer uma prática interdisciplinar, os professores são cientes da importância que ela tem para o processo de aprendizagem. Seja no plano de conteúdos ou da relação que se estabelece entre os docentes, o trabalho torna-se mais coeso e aprendizagem mais significativa para os nossos alunos.

A língua é um processo dinâmico de interação. Somos cientes de que nossas aulas de Língua Portuguesa devem ultrapassar as palavras e frases soltas. Após essa experiência, não

vimos outra forma de trabalhar sem considerar a interdisciplinaridade, por meio dessa prática que envolve saberes diversos, nossos alunos foram enriquecendo seus conteúdos que facilitou o trabalho com a linguagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior”.

Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas

Os resultados deste estudo evidenciam que a interação dos alunos com seu meio, favorece a aprendizagem. Isso nos permite formular algumas considerações referentes às contribuições que esta pesquisa pode trazer para a prática docente voltada para o ensino da Língua Portuguesa.

Diante do grau de dificuldade/resistência apresentado pelos alunos no que tange a leitura e a escrita, foi preciso investigar as possíveis causas e podemos inferir que mesmo sabendo da importância que estas modalidades têm para vida profissional destes, a falta de motivação também estava atrelada a um ensino de língua mecanizada e descontextualizada.

Diante disso, foi necessário encontrar estratégia para que os alunos pudessem desenvolver tais habilidades, haja vista que, como futuros profissionais, terão que enfrentar um mercado de trabalho que exige competência comunicativa, seja nas situações formais ou informais. Desse modo, recorreremos a fundamentos teóricos que indicaram caminhos para embasar a metodologia e solucionar ou amenizar tal realidade.

Na perspectiva de admitir a linguagem como um processo de interação, auxiliada pela luz da linguística textual numa abordagem interdisciplinar, trouxemos temas do contexto cultural dos alunos para o espaço escolar, isso possibilitou a articulação de vários saberes sem negligenciar a matriz curricular proposta para a série escolar em estudo.

A Oficina interdisciplinar de produção de texto foi de grande relevância para essa articulação e apropriação de diversos conhecimentos por parte dos alunos. Além das narrativas orais trazidas para a sala de aula, referente ao guaraná, outras informações adquiridas contribuíram para que eles pudessem pôr em prática sua escrita.

Por meio da análise dos textos produzidos, podemos observar certa evolução nas categorias analisadas, visto que as ideias apresentam-se mais fluentes e as informações mais consistentes, mesmo com deslizes no aspecto gramatical. Como vimos que a linguística textual toma o texto como instrumento de intermediação no processo comunicativo, os conceitos gramaticais foram estudados no momento da reescrita do texto, favorecendo sua melhor compreensão.

Vimos nessas narrativas a oportunidade de compreensão e a articulação da linguagem. Elas favorecem o exercício da leitura e da escrita, pela possibilidade de identificação e interação, e os alunos podem externar suas subjetividades e criatividade, adquirindo

autonomia e autoria para usarem em outras situações discursivas.

Além dos textos analisados, as manifestações verbais dos envolvidos nesta pesquisa evidenciaram que os conhecimentos não são estanques e se articulam, e quanto mais a escola valoriza o cotidiano dos alunos, mais motivados eles estão para construir novos conhecimentos. Logo, nossa prática pedagógica, a luz da linguística textual e da interdisciplinaridade, contribuiu de forma significativa para a aprendizagem da língua portuguesa.

Embora a evidência de que a interdisciplinaridade possibilita uma aprendizagem mais dinâmica e significativa, a escola ainda se mostra receosa em dar espaço para que a prática interdisciplinar se concretize de forma efetiva. No percurso do presente estudo, o Departamento de Ensino do nosso *campus* não achou conveniente que as pesquisas acontecessem em horários normais de aula. Em função disso, algumas oficinas interdisciplinares de produção de texto foram realizadas no contra turno, dificultando o acesso de mais alunos envolvidos neste processo.

Por outro lado, mesmo com os entraves que se apresentaram/apresentam no nosso cotidiano escolar, vamos ousando a cada dia em pôr em prática nossa metodologia, uma vez que ela apresentou resultados satisfatórios. Dentre outros trabalhos de natureza interdisciplinar, após nossa pesquisa, nossos alunos produziram uma mini cartilha referente aos conhecimentos técnicos do curso de Agropecuária, em que se articularam saberes diversos.

Diante do exposto, vimos que nossa proposta metodológica é possível de ser aplicada em sala de aula em horário regular, sem negar os conhecimentos necessários para nossos discentes que chegam à escola, e, a interdisciplinaridade se apresenta como um caminho para termos alunos mais motivados e envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

A relevância desta pesquisa é de promover contínuas reflexões no processo educacional, apresentando práticas pedagógicas que possam contribuir não só para a prática docente dos professores que atuam no ensino da língua em escola de produção agrícola, como também para a democratização do ensino, em que o aluno veja, de fato, significado em estudar a língua materna, no nosso caso, a Língua Portuguesa.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABURRE, M. L. M; ABURRE, M. B.M; PONTARA. M. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 3ª ed. São Paulo: Moderna 2013.

ANJOS, B.M. et.al. **Interdisciplinaridade na condução docente**: Impressões a partir da vivencia. In. PINHO, Maria José de. et. al. (Orgs.) Complexidade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na educação superior. Goiânia. Espaço Acadêmico, 2015.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AZEREDO, Aracy Maria Leal. **Literatura**. Curitiba: IESDE, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação (SEMTC). **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Volume: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL.MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Parecer CNE/CEB nº5/2011.Disponívelem:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9915-pceb005-11-1-1&Itemid=30192. Acessado em: 21 de abr de 2017.

BRASIL, PCCT, INSTITUTO FEDERAL DE **EDUCAÇÃO**, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS *CAMPUS* MAUÉS. PLANO DE CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA INTEGRADO. 20111.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996. Disponível em: < <http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>.> Acesso em 19 de nov. 2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos / Ecléa Bosi. – 3. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: Métodos qualitativos, quantitativo e misto. 3.ed – Porto Alegre: Artmed, 2010.

CORRÊA, M.P.F. **Palestra: A pesquisa com guaraná**. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DO GUARANÁ, 1., 1983, Manaus. Anais...Manaus: EMBRAPA-UEPAE Manaus, 1984. p.43 –

67.

DIDIO, Lucie. **Leitura e Produção de Textos: comunicar melhor, pensar melhor, ler melhor, escrever melhor.** São Paulo: Atlas, 2013.

DOLZ, J. et al. Sequências didáticas para a oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. (Orgs). Gêneros orais e escritos na escola. Trad. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

DORETO, Shirlei Aparecida; BELOTI, Adriana. **Concepções de Linguagem e Conceitos Correlatos: A influência no Trato da Língua e da Linguagem.** Encontros de Vista, S.I., v.2, n. 8. Disponível em: < [http// www.encontrosdevista.com.br](http://www.encontrosdevista.com.br) Artigos>. Acesso em: 30 de mar de 2017.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia.** 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

_____ **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 1994.

_____ (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 49ª ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GERALDI, J. W. (org.) et al. **O texto na sala de aula.** 3ª ed. 10ª impressão. São Paulo: África, 2005.

_____ **Portos de passagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____ **Concepções de linguagem e ensino de português.** In: GERALDI, J. W. (Org.). O texto na sala de aula; leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ **Introdução à linguística textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ **A coesão textual.** 22 ed. - São Paulo: Contexto, 2014.

_____ **Intertextualidade: diálogos possíveis.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LOPES, A. C. Política de Currículo: Recontextualização e Hibridismo. **Currículo sem Fronteiras**, v.5, n.2, pp.50-64, 2005. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol5iss2articles/lopes.pdf>, acesso em 20 de novembro de 2016.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos.** 9. ed.

Petrópolis: Vozes, 2001.

MARCONI, N. M; PULGA, R. V. **O computador no processo Ensino Aprendizagem: Práticas e Atuação de Professores.** Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1735>. Acesso em 20 de abr de 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística do texto: o que é e como se faz.** Série Debates. Recife: UFPE, 1983.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOISÉS, Massoud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

NASCIMENTO FILHO, F.J. do; ATROCH, A.L. **Guaranazeiro.** In: BRUCKNER, C.H. (Ed.). **Melhoramento de fruteiras tropicais.** Viçosa, MG: UFV, 2002. p. 291 - 307.

NEVES, Iara Conceição Bittencourt et. Al (org.) **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas:** Porto Alegre: UFRGS, 1999.

OLIVEIRA, P. S; FERREIRA, A. S. **A interdisciplinaridade a partir da função educativa das lendas amazônicas no universo infantil.** Disponível em: < <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO.pdf> > Acesso em: 04 de abr de 2017.

PÁDUA, E. M. M de. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico - prática.** 17ª ed.- Campinas, S.P: Papyrus, 2012.

CARNEIRO, Alcinei Pimentel. **Memórias do Município de Maués.** Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado e Cultura, 2012.

POSSENTI, Sírio. **Sobre o ensino de Português na escola.** In. GERALD, J. W. (org.) et al. **O texto na sala de aula.** 3ª ed. 10ª impressão. São Paulo: África, 2005.

SANTOS, Akiko et al. **Ensino Integrado: Justaposição ou Articulação?** In: SANTOS; SOMMERMAN, Américo (Org.) **Ensino Disciplinar e Transdisciplinar:** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014. cap s/n, p. 67-118.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOUSA, M. E. V.; PEREIRA, R. C. M. **Leitura e produção de texto.** João Pessoa: Editora Universitária, 2009.

SOUZA, A. **As Lendas Amazônicas em sala de Aula – Apropriação da Cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural.** 2ª ed. – Manaus: Editora Valer, 2011.

SOUZA, R. J.; FEBA, T. L. B. (Org). **Leitura Literária na Escola: reflexões e proposta na perspectiva do letramento.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

VERCEZE, R. M. A. N.; SILVINO, E. M. **O Livro Didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim.** - Revista Teoria e Prática da Educação, Maringá, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/328/361>. Pdf>. Acesso em: 12 de abr de 2017.

KOCHHANN, A; OMELLI, C.; PINTO, U. A. **A prática Interdisciplinar na Formação de Professor: uma necessidade paradigmática.** Disponível em: <http://www.slmb.ueg.br/paidos/artigos> . Acesso em: 20 de abr de 2016.

7 APÊNDICES

Apêndice A – Critérios de Avaliação – Contos 1ª Avaliação

ALUNOS (as)	TÍTULO - É convitativo à leitura e adequado? (1,0)	TEMA (1,0)	ADEQUAÇÃO DISCURSIVA (2,5)	ADEQUAÇÃO DA LINGUAGEM (2,5)	CONVENÇÃO DA ESCRITA (1,5)	COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAL (1,5)	TOTAL DE PONTOS
	TEXTO 1						
	TEXTO 2						
	TEXTO 3						
	TEXTO 4						
	TEXTO 5						
	TEXTO 6						
	TEXTO 7						
	TEXTO 8						
	TEXTO 9						
	TEXTO 10						
	TEXTO 11						
	TEXTO 12						
	TEXTO 13						
	TEXTO 14						
	TEXTO 15						

Apêndice B – Questionário Socioeconômico



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA



Caríssimos (as) alunos (as),

Este questionário tem como objetivo coletar alguns dados que contribuirão com minha pesquisa de mestrado, cujo título é “ O guaraná de Maués e as narrativas Escolares Amazonenses no Ensino de Língua Portuguesa”. A sua colaboração é de extrema importância e será utilizada para os fins mencionados acima. Agradeço, antecipadamente.

QUESTIONÁRIO SÓCIOECONÔMICO

1. Nome: _____ Turma: _____

2. Idade: _____ Local de nascimento: _____

3. Sexo: () M () F

4. Qual sua renda familiar

() Um salário () dois salários () mais de dois salários

5. Seus pais possuem vínculo com meio rural?

() Sim () não

6 Sua família trabalha com a cultura do guaraná

Sim não

4. Como um futuro técnico em Agropecuária, qual a importância da língua portuguesa, para sua formação profissional e pessoal?

Muito Pouco Regular

5. Qual sua maior dificuldade referente às atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa?

Ensino gramatical Produção de texto Interpretação de textos

6. As propostas de leituras e de produção de textos, oferecidas pelo livro didático usado no IFAM/Campus Maués desperta em você,

Muito interesse Pouco interesse Nenhum interesse

7. Em que medida o ensino-aprendizagem proposto no livro didático está próximo do seu contexto cultural?

Muito próximo Pouco próximo Distante muito distante

8. Durante sua vida escolar, o que você praticou com mais frequência nas aulas de Língua Portuguesa?

Leitura e interpretação de texto Leitura e Produção de texto Exercícios gramaticais

11. Qual (quais) modalidade (s) você acha mais importante praticar nas aulas de Língua Portuguesa?

Leitura Interpretação Fala Escrita Todas mencionadas

Apêndice C – Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA



Caríssimos (as) alunos (as),

Durante esta jornada, você ajudou-me muito na coleta de dados para a minha dissertação respondendo questionário e participando das oficinas de produção de textos. Fico agradecida pela boa vontade e colaboração. Preciso de mais um pouco de sua atenção para fazer um balanço daquilo que você sente que aprendeu durante este período de estudo.

Nome: _____

Leia as questões abaixo e escolha a opção que melhor se aplica a cada uma delas.

- 1) O tema gerador para a leitura e produção de texto despertou em você interesse?
() Concordo totalmente () Concordo () Não concordo, nem discordo () Discordo

- 2) As propostas de leitura e de produção de texto, trabalhadas neste período, despertou em você interesse?

Concordo totalmente Concordo Não concordo, nem discordo Discordo

3) Sou capaz de usar meu conhecimento de mundo para produzir um conto, uma crônica e um poema?

Concordo totalmente Concordo Não concordo, nem discordo Discordo

4) Dos textos produzidos nas oficinas, qual deles você teve maior dificuldade?

Conto Crônica Poemas

5) Qual você teve maior facilidade?

Conto Crônica Poemas

6) Os professores devem trazer temas do cotidiano do aluno para produzir conhecimento em sala de aula?

Concordo totalmente Concordo Não concordo, nem discordo Discordo

7) É possível se estabelecer diálogos entre os temas do cotidiano e a matriz curricular?

Concordo totalmente Concordo Não concordo, nem discordo Discordo

8) O ensino-aprendizagem proposto nas oficinas trabalhadas neste período de pesquisa teve significado satisfatório para mim?

Concordo totalmente Concordo Não concordo, nem discordo Discordo

09) Você gostaria de participar de outros projetos dessa natureza?

Concordo totalmente Concordo Não concordo, nem discordo Discordo

10) As narrativas do guaraná trabalhadas nas oficinas podem estabelecer diálogos com os elementos dos textos narrativos na literatura brasileira?

Concordo totalmente Concordo Não concordo, nem discordo Discordo

11) Na sua opinião, a prática interdisciplinar deve ser trazida para o espaço escolar? Deixe um comentário.

12) Deixe um comentário a respeito das atividades desenvolvidas neste período de estudo,
considerando os pontos positivos e negativos.

8 ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____,
aceito participar, de minha livre e espontânea vontade da pesquisa intitulada **O GUARANÁ DE MAUÉS E AS NARRATIVAS ESCOLARES AMAZONENSES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA no Curso Técnico em Agropecuária**, a ser realizada pela pesquisadora mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola – PPGEA/ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.

Estou ciente de que esta pesquisa tem por objetivo:

Analisar o processo de aprendizagem em Língua Portuguesa comparando as manifestações verbais de alunos antes e depois de uma experiência de ensino que trabalha gêneros narrativos com a mediação de tema dominante no contexto econômico, social e cultural de onde residem os alunos - “o guaraná de Maués”.

Fui informado (a) ainda que a pesquisa será realizada através de formulário, apresentação de projetos de pesquisas e análise qualitativa dos mesmos.

Sei que tenho direito de não responder a qualquer pergunta que me for feita pelo

pesquisador, caso não queira ou não me sinta a vontade. Além disso, o pesquisador me garantiu que todas as informações que forneci, bem como meu nome permanecerão em sigilo caso não autorize sua divulgação.

Sei também que em qualquer momento, posso me comunicar diretamente com a pesquisadora responsável para esclarecimentos ou dúvidas pelos telefones: (92) 99162-1598

Tenho ciência de que esta pesquisa pertence à área da Docência, não apresentando qualquer risco a minha vida, a minha saúde ou a saúde de outros participantes ou pessoas próximas.

Informo também que, o pesquisador explicou-me previamente e de forma muito clara todas as informações acima, bem como as dúvidas que tive e, estando esclarecido (a) sobre os objetivos desta pesquisa concordo em participar, sabendo que tenho reservado o direito de retirar meu consentimento a qualquer momento sem sofrer qualquer penalidade ou constrangimento.

Maués, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do Participante

Assinatura do responsável – nº Identidade

Assinatura do Pesquisador

Anexo B – Termo de Concessão



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

TERMO DE CONCESSÃO

Eu,.....
declaro que todos os participantes foram devidamente informados dos objetivos da pesquisa analisar o processo de aprendizagem em Língua Portuguesa comparando as manifestações verbais de alunos antes e depois de uma experiência de ensino que trabalha gêneros narrativos com a mediação de tema dominante no contexto econômico, social e cultural de onde residem os alunos - “o guaraná de Maués”. No Instituto Federal do Amazonas *campus* Maués/Am por meio de uma reunião coletiva. Nesta ocasião, todos os participantes concordaram em CONCEDER os direitos autorais prestados à Prof^a Maria do Socorro Libório dos Santos, do IFAM/Maués, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, para eventual publicação em trabalhos acadêmicos, na íntegra ou em parte, bem como a utilização das imagens obtidas para os mesmos fins. Outrossim, declaro que todos os participantes foram devidamente informados sobre a preservação de sua identidade em todos os trabalhos acadêmicos provenientes dessa pesquisa.

Maués, de de 2015

Assinatura do representante da turma

RG: _____

Anexo C – Termo de Concessão 2



UFRRJ

**INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

TERMO DE CONCESSÃO

Eu,
declaro que todos os participantes foram devidamente informados dos objetivos da pesquisa **O GUARANÁ DE MAUÉS E AS NARRATIVAS ORAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA** no Instituto Federal do Amazonas *campus* Maués/Am por meio de uma reunião coletiva. Nesta ocasião todos os participantes concordaram em **CONCEDER** os direitos autorais prestados ao Professora Maria do Socorro Libório dos Santos, do IFAM/Maués, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, para eventual publicação em trabalhos acadêmicos, na íntegra ou em parte, bem como a utilização das imagens obtidas para os mesmos fins. Outrossim, declaro que todos os participantes foram devidamente informados sobre a preservação de sua identidade em todos os trabalhos acadêmicos provenientes dessa pesquisa.

Maués, de de 2015

Assinatura pelo IFAM/Maués

RG.....

Anexo D – Termo de Concessão e Autorização de Pesquisa



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS - *CAMPUS MAUÉS*

TERMO DE CONCESSÃO E AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Leonor Ferreira Neta Toro, Diretora Geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM *Campus Maués*, CPF N° 050.033.692-04, RG. N° 0456977-6 – SESEG-AM, autorizo a mestrando MARIA DO SOCORRO LIBÓRIO DOS SANTOS, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) a realizar a pesquisa: **“O guaraná de Maués e narrativas escolares amazonenses no Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – *Campus Maués*”**, orientado pela professora Dr. Ana Cristina Sousa dos Santos. Declaro que a comunidade escolar tomará conhecimento da pesquisa e da preservação da sua identidade em todos os trabalhos acadêmicos, e estará à disposição para atender a aluna mestranda. Declaro, ainda que fica autorizado o direito de imagens deste *Campus*, para fins de realização da pesquisa e de eventos correlacionados a educação, congresso, seminários etc.

Maués-AM, 29 de maio de 2015.

Leonor Ferreira Neta Toro
Diretora Geral *Campus Maués*
Port. N° 77 – GR/IFAM/2010

(contemporâneos)

A Lenda

Um casal de índios pertencente à tribo Maués, vivia junto por muitos anos sem ter filhos mas desejava muito ser pais. Um dia eles pediram a Tupã para dar a eles uma criança para completar aquela felicidade. Tupã, o rei dos deuses, sabendo que o casal era cheio de bondade, lhes atendeu o desejo trazendo a eles um lindo menino.

O tempo passou rapidamente e o menino cresceu bonito, generoso e bom. No entanto, *Jurupari*, o deus da escuridão, sentia uma extrema inveja do menino e da paz e felicidade que ele transmitia, e decidiu ceifar aquela vida em flor.

Um dia, o menino foi coletar frutos na floresta e *Jurupari* se aproveitou da ocasião para lançar sua vingança. Ele se transformou em uma serpente venenosa e mordeu o menino, matando-o instantaneamente.

A triste notícia se espalhou rapidamente. Neste momento, trovões ecoaram e fortes relâmpagos caíram pela aldeia. A mãe, que chorava em desespero, entendeu que os trovões eram uma mensagem de *Tupã*, dizendo que ela deveria plantar os olhos da criança e que deles uma nova planta cresceria dando saborosos frutos.

Os índios obedeceram aos pedidos da mãe e plantaram os olhos do menino. Neste lugar cresceu o guaraná, cujas sementes são negras, cada uma com um arilo em seu redor, imitando os olhos humanos.

POEMAS

MAUÉS BELA

Muitos exaltam sua terra
Também vou a minha exaltar
Minha terra é Maués bela
Capital do guaraná

Em suas águas tão serenas,
Muitos vêm se deleitar
Ela é o berço das morenas
Que embelezam este lugar
Dos vultos da sua história
Guardamos com gratidão
É guardado na memória
Homero de Miranda Leão

Maués o seu povo deseja

De você para sempre lembrar
Dos festejos da nossa igreja
E da festa do guaraná

Nesse seu aniversário
Pedimos com devoção
Cuidar do nosso povo
Nossa Senhora da Conceição.

(Lucas Henrique)

MINHA CIDADE

Encantos, magias, saudades
Á gostoso falar de ti
Motivos, razões não me faltam
Te amo, me alegra: sou daqui

Tuas manhãs me fascinam
Levanto disposto a caminhar
Mirando tuas matas, tuas praias
Tomando teu escudo: o guaraná

Tua gente cabocla, decente
Tão forte disposta a lutar
Teu povo tem garra: é valente
A espera te leva a sonhar

.....

Te chamaram por diversos nomes
No tempo da tua mocidade
Agora Maués eu te chamo
Meu chão, meu lar, minha cidade.

.....

Famílias, soldados e freiras
De longe vêm trabalhar
Se entregam demais em teus braços
Que quando chega o regresso
Te escolhe entre mil pra morar.

.....
(**Francisco Canindé Pereira de Góes**)

MAUÉS O QUE TU ÉS PARA MIM

Maués, tu também és um pedaço
Deste torrão brasileiro
Teus olhos de ti herdaram
São grandes hospitaleiros.

Que de braços abertos vivem
Esperando alguém chegar
Seja bem-vindo amigo
Nós queremos te abraçar.

Escuta Maués querida
Agora vou decantar
Tuas praias são altar sagrado
Nas noites lindas de luar

As praias são mistério
Não podemos desvendar
De dia é lazer para todos
A noite é para meditar

.....
São tantas belezas tantas
Que difícil de contar
A única terra do mundo
Onde nasceu o Guaraná

Maués, tu fostes
És e serás
Para todo universo
A Terra do Guaraná

(**Maria Aldair de Almeida Serra**)

MINHA TERRA

Minha terra tem sateré-mawé
Onde se colhe o guaraná
As cereçaporangas daqui
Não existem em outro lugar

Essa cidade com lindas belezas
Que aqui se formou
E essa magnífica natureza
Foi Deus quem a criou

Muitos que aqui moram
Não querem isso reconhecer
Os gringos com os olhos a adoram
Logo cedo no amanhecer

Na minha terra tem saterê-mawé
Com o seu verdadeiro guaraná
E quem dessa bebida experimenta
Não quer mais Maués deixar

.....

(Rosana Oliveira Barbosa)

Anexo F - Textos dos alunos na primeira escrita

CONTOS

A MULHER QUE TOMOU O GUARANÁ E ENGRAVIDOU

Certa vez, uma linda mulher que morava em uma pequena comunidade localizada no município de Maués. Ela sonhava em realizar o sonho do marido, que era ser pai mais^O havia um problema ela não estava conseguindo realizar o sonho do marido^A, pois ela não estava conseguindo engravidar.

Certo dia, conversando com seu marido^P notou que ele estava muito triste desanimado^P pois o maior sonho não estava conseguindo realizar, depois dessa conversa a mulher se desesperou pois ela amava muito seu esposo. Queria muito ter um filho com ele, e logo pediu ajuda para sua mãe que não sabia o que fazer, sua mãe^A perguntou se ela^A tinha tomado o guaraná, a filha respondeu não, então a mãe pediu para ralar o guaraná^A e tomar.

Passou um tempo^P a filha foi ao médico e recebeu a notícia que ia realizar o sonho de ser mãe. O médico perguntou o que ela tinha tomado e ela^A respondeu o guaraná, a mulher chegou em casa, esperou o marido chegar do trabalho e contou que estava grávida, o esposo ficou muito feliz, pois sua maior felicidade estava a caminho.

Depois dessa notícia, o casal ficou feliz para sempre, graças ao guaraná que sua esposa tomou.

TEXTO 1 (Elian Jorge)

UM PRESENTE PARA A LUA

Certo dia, o índio mais forte da tribo dos maués resolveu construir uma escada para levar um presente até a lua, ele chamou toda sua família e passou meses construindo uma escada^A degrau por degrau até que a escada^A ficou pronta e ele viu que já podia até deitar nas nuvens. todos os dias, ao chegar a^O noite^P ele esperava a lua surgir para tentar conversar com ela^P e um dia de tão curiosa^P a lua o perguntou:

- Índio^P o que de tão interessante tu queres me mostrar?

O índio lhe responde:

- Quero ti mostrar um dos mais belos frutos que cultivamos em minha tribo o “ guaraná “, ele cura muitas doenças, dá energia e deixa as pessoas mais alegres, só que tão querendo estragar com ele, usando muito veneno para ele produzir muito e não estão pensando na nossa comunidade, nas futuras gerações.

A lua fica muito surpresa com a notícia e resolve lhe dar outro presente em troca.

- Pode deixar^P índio^P eu vou falar com o sol e juntos vamos mandar chuva de fertilidade para toda eternidade e assim ninguém mais precisaria[©] usar adubos artificiais para acelerar o processo de crescimento do guaraná”.

O índio ficou feliz, e de lá pra cá, ficaram muito amigos.

TEXTO 2 André

A HISTÓRIA DO DNA DO GUARANÁ

Em um lugarzinho no meio da selva Amazônica existia uma aldeia chamada Beija-flor, ela recebe[©] este nome por causa da existência de muitos pássaros da espécie do beija-flor. A tribo que vive a^O muitos e muitos anos nesse lugar se chama “Tupinambá”, os homens

caçam, pescam e fazem o plantio de seus alimentos, enquanto as mulheres preparam os alimentos e cuidam das crianças indígena.

O cacique Raí com sua mulher Tamas, e seus dois filhos, Tuá^P a mais velha^P e Mani^P o mais novo^P viveram muito felizes. Mani costumava brincar e caçar pelas redondezas da aldeia, em um dia qualquer



o indiozinho estava caçando quando viu um lindo pássaro e o matou. Chegando à aldeia^P o pajé o viu com o pássaro e pergunta:

- Meu pequeno Mani, o que fez com este pássaro? E o indiozinho responde:

-Vou tirar as penas. Acho que vão achar elas^P bonitas.

-E por elas serem bonitas^P você se acha no direito de matar o pássaro?

O pajé logo diz que Mani deve levar o pássaro de volta ao local onde o achou se não algo grave podia acontecer. O indiozinho^P muito levado^P nem ligou. Dias após a conversa com o pajé, Hani adoeceu e acaba ficando cego. E sua mãe desesperada faz um pedido ao Pajé, que fala que a mãe deve pegar os olhos do menino e os enterrar, e todos os dias cuidar, até nascer uma planta, assim Hani voltaria a enxergar.

Algumas semanas depois^P nasce uma plantinha que os índios começam a chamar de guaraná. Muitos anos depois cientistas aparecem e começam a estudar a planta, em homenagem a uma amiga dois cientistas **eles** dão o nome científico a planta de Paullinia Cupana. Hani se matou dias após a chegada dos cientistas, quando todos os índios da aldeia faziam um ritual chamado Çapó, nesse ritual todos os índios tomam um caldo que as índias preparam de um fruto que elas ralam, os índios acreditam que esse caldo dá sabedoria. Após o Çapó os índios fazem o ritual da tucandeira, onde os índios usam uma espécie de luva cheia de formigas tucandeiras.

Hani morre e nasce sua lenda, a lenda do índio que mudou a história de sua aldeia, que logo fica conhecida como a aldeia do guaraná, por causa do plantio do guaraná que os índios fazem.

TEXTO 3

O Cura-cura

Em uma vila, do interior de Maués, morava um menino que ninguém sabia o nome dele, ele era conhecido como o filho do curador. Ele gostava de brincar e caçar sozinho. Certo dia, ele viu seu pai curar uma menina de 13 anos. Então ele pediu ao pai que ensinasse ele a curar. Seu pai respondeu que sim, mais^O para isso o menino tinha que se entregar a um espírito da floresta, mas quando chegasse o tempo certo, o pai lhe contaria essa História.

Certo dia, o pai do menino, sentindo-se cansado, chamou o filho para iniciar o

processo de cura. O menino todo empolgado assumiu a responsabilidade, sabendo que havia uma paciente a sua espera. Então seu pai lhe contou a história sobre a origem do Guaraná.

O waraná era o nome do menino que morreu na pajelança e sua mãe e sua mãe ao enterrar seu olho dizia: meu filho, tu ainda vai ser conhecido no mundo todo. Ainda vai curar muitas enfermidades, ainda vai ser muito cobiçado. E a partir daí existem muitos mistérios sobre o Waraná, hoje guaraná.

Após contar esta história para seu filho, falou que o espírito da floresta que o menino teria que invocar era o espírito do Waraná, mas para invocar o waraná^O, era preciso fazer uma coisa - O menino então seguiu: tomou uma cuia com guaraná ralado, invocou o espírito do waraná^O e curou a menina que sofria de uma doença no coração. O pai do menino^P orgulhoso^P passou sua confiança a seu filho.

Em pouco tempo^P o menino já havia curado a vila toda, mas logo começou a ficar orgulhoso e se negar a atender as pessoas. O pai do menino sempre falava: Meu filho^P você recebeu esse dom^P então não deve se negar de fazer o bem para as pessoas, mas o menino, já estando rapaz^P não ligava.

Foi então que seu pai, ficando bem velhinho, ficou muito doente. Então o menino fez uma promessa ao espírito do Waraná: Caso o espírito desse mais uns anos de vida a seu pai, ele voltaria a curar as pessoas. O waraná deu mais uns anos de vida para seu pai. O menino então voltou a curar as pessoas. Quando seu pai morreu, o menino ficou conhecido como o cura-cura.

TEXTO 4 (Alan Batista)

AS TRÊS MENINAS DO GUARANÁ CLONADO

Era uma família que vivia numa cidadezinha do Amazonas, juntamente com suas três filhas e quatro filhos, foi que um homem apareceu vendendo guaraná e pai das meninas ia passando por perto e comprou cem pé^z de guaraná e homem falo^O para ele não leva^O as meninas para o plantel^O do guaraná foi que ele levo^O para planta na sua rosa chegando- lá ele

chamou os quatro filho^z homens para e com ele para planta e foram. (organizar melhor o período)

Eles plantaram só a metade do guaraná foi quando as meninas chegaram na rosa^O e começaram a planta^O os resto do guaraná^A quando elas deram a mais velha começou aparece^O raiz pelo pé dela e ficou muita sustada^O a menina do meio começou aparece^O galhos e folhas e na mais criança começou aparece^O olho do guaraná^A foi que as três correram muito para chega^O sua casa foi quando chegaram a sua casa começaram a se liga^O as três que foram o guaraná clonado

Obs: *Atendimento individual*

TEXTO 5 Kellen

O DOUTOR QUE APRENDEU E FEZ UM LIVRO SOBRE A ALDEIA YANCAM

Era uma vez uma aldeia chamada YANCAM uma aldeia^A muito conhecida, uma vez foi um doutor fazer uma visita para o povo que morava lá aldeia^A. O mesmo não conhecia bem os costume dessa aldeia^A, mas já tinha ouvido falar no çapó, e era isso que mais ele queria pesquisar.

Chegando lá, ele foi muito bem recebido pelo NAM, NAM^A é senhor mais velho da tribo e que conta as histórias. Então esse senhor lhe falou:

-Se quer saber sobre o çapó, o senhor tem que compartilhar deste costume, se não as coisas não acontecem. O Dr. aceita?

Ele pensou e respondeu:

-Sim.

Então ele pediu para sua esposa preparar o çapó e começou a passar para eles na sala, e o NAM começou a falar dos costumes deles e do çapó, o doutor ficava ouvindo o que NAM falava.

- Olhe seu doutor, vou lhe dizer tudinho. Para fazer o çapó o guaraná tem que ser ralado pela mulher porque foi o filho da deusa que morreu e aí foi plantado o olho desse curumim.

- Ah, é?

- Tem mais, ele deve começar ser passado pela direita e pelo dono da casa onde foi recebido e não pela mulher. As crianças não podem tomar também, os rapazinhos que já estão preparados podem beber, as meninas que já menstruaram também, as que estão menstruadas não podem.

-Por que as meninas menstruadas não podem beber o guaraná?

-Porque elas estão de resguardo e dá azar na conversa.

O tuxaua continuou falando, falando, mais^O o doutor achou que era tudo mentira, não acreditou, e quando a cuia de çapó passou por ele , ele não quis tomar, aí o tuxaua falou:

-Seu doutor o çapó é a raiz, se o senhor não tomar, não vai conseguir aprender nossa história, porque rejeitar o çapó é perder a origem do conhecimento, origem de tudo.

Aí o doutor pediu desculpa do tuxaua e prometeu participar daquilo ali. Quando ele aprendeu tudo, ele escreveu m livro sobre a aldeia.

TEXTO 6 Iana Paula e Kamila Leite

A PLANTAÇÃO DE GUARANÁ MÁGICO

Era uma vez, um rapaz cujo nome era Benjamim. Ele morava com seus pais. . Um belo dia, Benjamim estava preparando nitrato de amônia e sulfato de sódio para pôr em sua plantação de guaraná, porém, ele não percebeu que sem querer, ele^A tinha colocado porções mágicas (seu pai era um mago profissional, e mexia com porções poderosas de magias) em suas porções químicas.

Ao chegar a tarde, Benjamim estava se dirigindo à sua plantação para distribuir de forma adequada suas porções químicas na plantação. Ao chegar à noite, a plantação de guaraná estava brilhando com uma coloração verde e do nada começaram[‡] a se transformar em coisa humanoides[‡] e eram horríveis dando um medo desconforme grande.

Eram grandes, com braços fortes, pernas musculosas e mãos feitas por folhas e correram para a mata, mas deixaram várias pegadas grandes no chão. Ao amanhecer^P

Benjamim estava terminando de tomar seu café e partiu para o seu guaranazal. Ao chegar lá^P tomou um grande susto. Ele não encontrou a sua plantação e se sentiu muito chateado, pois a sua plantação^A era muito grande e rica. Mas ele não deixou com que a tristeza acabasse^O com o seu dia. Ele juntou pistas e chamou seus amigos Bruno, Marcus e Lucas para o ajudarem na procura de quem tinha roubado a sua plantação.

Mas seu pai teve uma desconfiança. Ele não encontrou suas porções mágicas e perguntou a Benjamim se ele tinha visto ela^A. Benjamim disse^P ele encontrou alguma porções mas^P não percebeu que tinha colocado nas suas porções químicas. Então o pai lhe disse que o filho criou uma espécie de monstro que agora vive na floresta amazônica e se você ficar lá por muito tempo, você pode ser morto pelo clã do guaraná.

TEXTO 7 (Vinícius Gabriel)

O GUARANÁ E O BOTO

O guaraná nasceu na cidade de Maués no Amazonas. Na Amazônia é cultura do povo mauesense. O guaraná é símbolo de vida, sabedoria, inteligência, longevidade principalmente no grande ritual (çapó). Numa roda onde irá acontecer o ritual, jamais podemos recusar o çapó, pois assim recusando estaremos quebrando a tradição, a cuia tem que passar por todos até voltar ao que começou a passar a cuia.

Em Maués, essa cultura da cultura é comemorada no festival do guaraná na praia onde vem atrações de fora, desfile das candidatas à rainha do guaraná, lenda do guaraná, é um festival que é para lembrar não só a origem do guaraná mas sim sua história.

Nesse período que o festival dura três noites o boto sai do rio e vem a praia para encantar as meninas e leva-las com ele. Ele vem todo vestido de branco com um chapéu branco ele é alto, bonito e muito sagaz.

Por isso nesses dias as meninas devem tomar muito cuidado. Já aconteceu muitos desaparecimentos de meninas durante o festival do guaraná e a maioria nunca foi encontrada dizem que o boto encantou e as levou para o fundo do rio.

Ele sempre vem no festival do guaraná porque é o período que a história da cidade e do guaraná é lembrada e também porque vem bastante pessoas de fora e a praia fica bem lotada, bastante movimentada e o rio fica agitado.

Observação:

Usar essa informação para transformar numa historinha, conto.

TEXTO (Fabíola de Oliveira)

O GUARANÁ E O JURUPARI

A história começou numa fazenda, onde existia um guaranazal^Δ, onde^Δ havia uma família^Δ que fazia plantio do guaraná. chegados recentemente na fazenda uma família^{ΔΔ}, que não sabia o que existia no guaranazal então a família^Δ começou a dar continuidade no plantio de guaraná^Δ, e depois de três meses aconteceu algo inexplicável^O no guaranazal^Δ, aparece um monte de aves pretas para ruer^O o plantio de guaraná.

Enquanto as aves roíam o guaraná, aparece um homem saindo do guaranazal^Δ não era bem um homem era um bicho feio com um grito, barulho muito esquisito, espantava as aves fazendo com que as aves^Δ fossem embora.

Com o passar de alguns dias quase todo o começo de noite o barulho acontecia no guaranazal a família começou a se desesperar^P pois o barulho aumentava e cada vez mais tava[©] vindo em direção a casa e da família^Δ os cachorros começaram a latir e latir.

Então o pai desesperado pegou toda a sua família^{ΔΔ} e colocou ela na canoa, num rio que dava no final do quintal da casa e começou a remar desesperadamente, até que então ficaram a noite toda no meio do rio. E quando foi de manhã assim que o sol apareceu voltaram a^Δ fazenda e os cachorros aviam^O sumido e a casa tava[©] do mesmo jeito.

Até hoje, dizem que era o espírito do Jurupari que tinha comido aquele indiozinho, que deu origem ao guaraná.

TEXTO 09 (Francilene Almeida)

O GUARANÁ

Há muito tempo um senhor chamado Antenor que morava em uma comunidade no interior Paracuni com sua esposa. Antenor [^] era um senhor que todas as manhãs tomava guaraná ele era dono de maior terras[≠] onde havia o plantio do guaraná [^] na comunidade.

Seu Antenor era um homem muito trabalhador, todos os dias ele acordava cedo e antes de tudo ralava o guaraná na língua do pirarucu, como ele aprendeu com a sua família e só depois comia alguma coisa, ele aprendeu que aquela bebida era uma fonte de energia, que dava força para as pessoas trabalharem, pena que nunca conseguia convencer sua esposa a tomar aquela bebida.

- É, ela veio do meio dos brancos e tem outros costumes^P era o que seu Antenor sempre dizia.

Dona Dalva^P sua mulher^P vivia amarelona, sem prazer pra nada, parecia uma lesma, um dia ficou muito doente e seu Antenor resolveu levar sua mulher no médico [^], o médico passou um monte de remédio e dona Dalva melhorou, engordou um pouco, mais^O não era aquela mulher de energia e alegre.

Seu Antenor disse^O quer saber de uma coisa vou levar essa mulher no pajé seu Antenor levou sua mulher no pajé e quando chegou lá^O o pajé começou a concentração e disse pra seu marido

-O senhor ajudou tantas pessoas através da recomendação do guaraná e não consegue mostrar os milagres do guaraná pra sua mulher?

-É né^P por isso que eu trouxe ela aqui com o senhor por que^O dizem que santo de casa não faz milagre.

O pajé falou para ela. Olha minha senhora^P o guaraná é um remédio espiritual, ele espanta as forças do mal como inveja, olho grande, feridas, dor de cabeça, preguiça e outras e outras coisas ruins, e a senhora nem se ligou na importância que o guaraná tem, a senhora

quer ser mais alegre e ter mais energia?

- Eu quero. Ela respondeu pro pajé.

Então vamos espantar todo esse espírito fraco que tem na senhora. Toda manhã, a senhora rala o guaraná na língua do pirarucu e antes de tomar o primeiro gole, lembra do olho direito do índio. Faça isso uns três meses, depois o espírito do guaraná já vai se acostumando em você que quando tomar nem mais precisa lembrar disso, basta tomar que tudo vai melhorar, a senhora vai ficar mais alegre e ter mais ânimo.

E assim D. Dalva fazia, depois de uns seis meses, dava gosto conversar com D. Dalva. Seu Antenor ficou muito satisfeito e eles foram muito felizes. Com 59 anos ele era muito sadio e alegre e ela que era desanimada também ficou outra mulher.

TEXTO 10 (Crislane)

O LENDÁRIO GUARANÁ

Há muito tempo atrás nas margens do rio maués^O - açú^P encontrava-se uma aldeia, cuja aldeia^A havia um casal que não podia ter filhos e todos os dias a mulher se encontrava solitária enquanto seu marido trabalhava. Certa vez^P andando pela mata ia questionando sobre sua possibilidade de ter filho, de repente, ela ouviu uma voz dizendo:

- Você vai dar luz a um filho!!!

Assustada e sem saber o que fazer^P responde.

-Como assim? Eu já sei que não vou poder mesmo.

Então^P a voz desconhecida disse^P

-Vai lá no centro da mata sem nenhum tipo de armamento, lá tem uma planta com um formato desconhecido, galhos longos, folhas grandes, cores fortes e um fruto que tem um formato de olhos que resplandecem beleza. Pegará[©] o fruto^P farás dele bebida e toma. Pelo valor da bebida e o amor ao teu marido^P darás luz a um filho que será um grande guerreiro, corajoso, destemido e um excelente filho.

Imediatamente^P ela saiu em busca desta misteriosa planta, ao encontrar a planta^A, fez o que lhe foi ordenado.

O tempo foi se passando, com muita felicidade, juntamente com seu marido^P aguardavam ansiosamente a chegada de seu primeiro filho. Nascendo saudável e forte, os pais deram o nome ao menino de RAONE.

RAONE, cresceu, sendo um rapaz amado pelos seus pais e por todos. Ele era destemido, corajoso e possuía uma grande habilidade de caçar. Em uma de suas aventuras pela mata sombria e escura, RAONE sem saber como^P se perdeu na mata a qual conhecia como a palma da mão.

Para seus pais juntamente com a aldeia a qual os amavam tanto foram em busca de RAONE, mas infelizmente não tiveram a possibilidade de encontra-lo. O tempo foi passando, certo dia seu pai saiu com aquela esperança de encontrar seu filho novamente, de repente deparou-se com um arbusto e ali se encontrava o punhal, o arco e a flecha de RAONE; triste por aquilo e ao mesmo tempo feliz tornou-se conhecimento que dali daquela planta foi o começo e fim daquele filho tão amado que foi concedido a eles.

Desde então fizeram com que se expandisse territorialmente e se tornasse conhecida aquela magnífica planta que deram-lhe o nome de GUARANÁ, que foi o começo de fim uma história que prevalece em nosso município e se faz presente em nossas vidas até hoje.

TEXTO Nº 11 Zózimo Júnior

SEU DOMINGOS

Em um certo dia numa comunidade do município de Maués, chamada; bom jesus^O, morava a família do seu domingos^O. Toda manhã seu domingos^O, ia feliz capina[©] o seu guaranazeiro e fazer colheita do guaraná, sua mulher Jacira, ficava lhe esperando sentado na ponte do porto de sua casa.

Quando certo dia seu domingos^O resolveu levar a sua mulher junto a ele para o guaranazeiro, sendo que ela nunca tinha ido no guaranazeiro do seu marido, chegando ao local, na metade da colheita do guaraná^P eles ouçam[©] uma voz bem forte vindo da mata, sua mulher ficou bastante com medo. O marido correu até a beira para pegar sua canoa e salvar a sua mulher.

Mas a voz era muito forte que Jacira ficou alucinada. Chegando em^O sua casa, seu marido chamou um velho índio curandeiro para curar a sua mulher. Logo o índio viu que

precisava levar Jacira para sua aldeia. Porque só assim, ela ia voltar ao seu normal.

Então, seu domingos^O levou Jacira para aldeia. Chegando na[≠] aldeia, o índio junto com seu povo preparou o ritual do çapó para a mulher do seu domingos que logo foi voltando ao seu normal.

Çapó: ritual dos índios nas aldeias, Quando chega visitas de pessoas na comunidade, Com a guaraná ralado na cuia, vai passando-se de mão em mão, Até chegar ao final do ritual, é uma bebida forte que chama também os deuses da natureza. Para fortificar os índios e as visitas.

TEXTO 12- (Arlindo Agosto)

UYACANDA TUPI, O COLHEDOR

Noite de lua cheia, noite em que uma luz chegaria próximo a^O lua, quase a tocando-a. No próximo nascer do sol, o guaraná está pronto para colher e só o índio Uyacanda Tupí sabia que nesse próximo dia o guaraná estaria pronto para colheita.

Uyacanda conhecia bem as estrelas e com elas marcava o tempo de cada planta que iria brotar frutas, mais^O o guaraná era sempre quando uma estrela chegava perto da lua, mas isso somente o índio sabia o dia.

No dia de lua cheia^P ele saía pela madrugada da tribo[≠] e entrava na floresta vagando até encontrar algo claro iluminando uma pequena parte da mata ele chegava no[≠] local e via a planta do guaraná esperava até o sol nascer e quando olhou ele já estava cheio do fruto.

Agradeceu a lua e o sol e colheu o guaraná e voltou a tribo sem nem mesmo saber o caminho as pessoas da tribo já sabiam que quando o Uyacanda sumia ele voltava pela manhã sempre com uma sexta cheia do guaraná todo ano. Ele chegava na[≠] tribo com todos o saldando as pessoas perguntavam como ele achava guaraná, ele fala que o guaraná era dado pela lua, e Uyacanda ficou conhecido como o colhedor.

TEXTO 13 (Marcus Vinícius)

O GUARANÁ

Era uma vez, em uma cidade no interior do Amazonas chamada Maués, mais conhecida como a Terra do Guaraná, morava um homem chamado Anselmo que ficou encantado nas águas do Rio Maués-Açu.

O guaraná é a tradição de Maués, todos os anos no mês de novembro, entre os dias

27,28 e 29 é feita a festa do Guaraná, onde são expostas várias coisas que vem^O do guaraná, como: artesanatos, o pó de guaraná, os sucos, as vitaminas etc, como também as apresentações de palco com coreografia, lendas e o mito do guaraná.

A história começa assim: Certo dia, depois da festa, logo no começo de dezembro, apareceu, na ponta da maresia, um pé de guaraná com uma florzinha diferente das outras que costumamos ver. Todos que passavam, ficavam encantados com aquela florzinha que aos poucos foi se transformando em olho.

Anselmo era um rapaz jovem e muito divertido, conhecido por todos do seu bairro, ele passava por aquele lugar todos os dias. Ao ver aquele pé de guaraná com uma florzinha nascendo, ficou pensativo e falou para o seu colega:

- Não sei por que, mas quando passo por aquele pé de guaraná, percebo que tem um olho que me segue. Quando eu viro pra direita, vejo que o olho está me olhando, pra esquerda, a mesma coisa, será que é só comigo?

- Acho que é impressão sua Anselmo.

Depois de uns dias, Anselmo falou de novo com o colega dizendo que achava que aquele olho parecia de uma pessoa e que parecia querer lhe falar alguma coisa. E ele começou a ficar pensativo.

No outro dia Anselmo contou ao colega que sonhou que aquele olho era o espírito de uma das filhas do guaraná e que ela estava ali para espantar os maus espíritos e que tinha gostado muito dele.

Um certo dia, Anselmo saiu para tomar banho e até hoje não voltou. Dizem que ele se encantou e ficou morando debaixo da água, e ela, na praia. E em todas as festas do guaraná eles se encontram para cuidar dos filhos do guaraná.

TEXTO 14- Virna Antunes

HISTÓRIA DO GUARANÁ

Em uma certa floresta de Maués, havia numa tribo um casal de índios que se amavam muito, estes não tinham filhos, mas, desejavam. Certa noite, a linda índia teve um sonho e nele ela pedia a um dos deuses para dar-lhe a criança que o casal tanto almejava, o deus, com voz de trovão disse a índia que tivesse calma, que logo ela teria o filho, e, assim, a índia acordou espantada, chamando o marido com voz tremulada, logo, falando o seu sonho a ele.

Passados alguns meses^P a tribo recebeu a notícia que a índia espera^Q uma criança e

todos dão graças ao deus, fazendo oferendas, danças, acontece um lindo festejo na pequena tribo, pois, todos sabiam que o casal era merecedor.

Finalmente^P o lindo garoto nasceu, trazendo harmonia e felicidade para todos. O lindo ^Δ garoto cresceu, bondoso, mais^O causando inveja e ódio para um grande vilão, este vilão ^Δ planejou matar o menino, no meio da floresta este ^Δ deu o bote, matando o lindo menino ^Δ. O deus revoltado manda uma tempestade. Ao encontrar o garoto^P o deus transmite uma mensagem para a linda índia pedindo a ela para enterrar os olhos do garoto.

No local onde é[©] enterrado os olhos do garoto, nasce[©] a planta do guaraná.

TEXTO Júlisson Rainne

Anexo G – Textos dos alunos após a reescrita

CONTOS

A MULHER QUE TOMOU O GUARANÁ E ENGRAVIDOU

Certa vez, uma linda mulher chamada Iana que morava em uma pequena comunidade localizada no município de Maués. Ela sonhava em realizar o sonho do marido, que era ser pai, mas havia um problema: não conseguia engravidar .

Certo dia, Iana conversando com seu marido, notou que ele estava muito triste e desanimado, pois seu maior sonho não estava conseguindo realizar. Após essa conversa, a mulher ficou preocupada, pois sentia muito amor por ele.

Por não saber o que fazer, foi pedir ajuda a sua mãe que perguntou se ela tinha tomado o remédio ensinado, a filha respondeu que não, então a mãe pediu para todos os dias a filha ralar o guaraná e tomar.

Passou um tempo, Iana foi ao médico e recebeu a notícia que ela ia ser mãe, e realizar o sonho do marido. O médico perguntou o que a jovem esposa havia feito, e ela respondeu que tomou um remédio que a mãe havia lhe ensinado - guaraná. Então ela chegou a casa, esperou o marido chegar do trabalho e contou que estava grávida , o esposo ficou muito feliz, pois sua maior felicidade estava a caminho .

Depois dessa notícia, o casal ficou feliz para sempre, graças ao guaraná que sua esposa tomou .

TEXTO 1- Crislane

O GUARANÁ E O BEIJA-FLOR

Em um lugarzinho no meio da selva Amazônica existia uma aldeia chamada Beija-flor, ela recebeu esse nome por causa da existência de muitos pássaros da espécie do beija-flor. A tribo que vive há muitos nesse lugar se chama “Tupinambá”, os homens caçam, pescam e fazem o plantio de seus alimentos, enquanto as mulheres preparam os alimentos e cuidam das crianças indígenas.

O cacique Raí com sua mulher Tamas e seus dois filhos, Tuá, a mais velha, e Mani, o mais novo, viveram muito felizes. Mani costumava brincar e caçar pelas redondezas da aldeia, em um dia qualquer o indiozinho estava caçando quando viu um lindo pássaro e o matou. Chegando à aldeia, o pajé o viu com o pássaro e pergunta:

- Meu pequeno Mani, o que fez com este pássaro? E o indiozinho responde:

-Vou tirar as penas. Acho que vão achar elas bonitas.

-E por elas serem bonitas você se acha no direito de matar o pássaro?

O pajé logo diz que Mani deve levar o pássaro de volta ao local onde o achou se não algo grave podia acontecer. O indiozinho muito levado nem ligou. Dias após a conversa com o pajé, Hani adoeceu e acabou ficando cego e morreu. E sua mãe desesperada, faz um pedido ao Pajé, que aconselhou a mãe a pegar os olhos do menino e os enterrar, e todos os dias cuidar, até nascer uma planta, assim Hani voltaria a enxergar por meio daquela planta.

Algumas semanas depois, nasce uma plantinha que os índios começam a chamar de guaraná. Muitos anos depois, cientistas aparecem e começam a estudar a planta, em homenagem a uma amiga, dois cientistas dão o nome científico a planta: *Paullinia Cupana*. E aquele lugar começou a se chamar de A Aldeia do Guaraná.

TEXTO 2

UM PRESENTE PARA A LUA

Certo dia, o índio mais forte, da tribo dos maués, resolveu construir uma escada para levar um presente até a lua. Ele chamou toda sua família e passaram meses construindo degrau por degrau. Quando a escada ficou pronta, ele viu que podia até deitar nas nuvens.

Ao chegar à noite, ele esperava a lua surgir para tentar conversar com ela. Um dia, de tão curiosa, a lua o perguntou:

- Índio, o que de tão interessante tu queres me mostrar?

O índio lhe responde:

-Quero mostrar um dos mais belos frutos que cultivamos em minha tribo - o guaraná. Ele cura muitas doenças e deixa as pessoas mais alegres, só que tão querendo estragar com ele, usando muito adubo químico para ele produzir muito e não estão pensando na nossa comunidade, nas futuras gerações.

A lua fica muito surpresa com a notícia e resolve lhe dar outro presente em troca.

-Pode deixar comigo, índio, eu vou falar com o sol e juntos vamos mandar chuva de fertilidade para toda eternidade. Assim ninguém mais precisará usar fertilizantes artificiais para acelerar o processo de crescimento do guaraná.

O índio ficou feliz. Desde então ficaram amigos.

TEXTO 3

AS TRÊS MENINAS DO GUARANÁ CLONADO

Era uma família que vivia numa cidadezinha do Amazonas, juntamente com suas três filhas e quatro filhos. Num dia, chegou um homem vendendo guaraná, o pai das meninas, seu José, ia passando por perto e comprou cem mudas.

O vendedor ao vender as mudas, falou ao seu José que não levasse suas filhas para o plantio, mas ele não ligou e levou as moças e os rapazes para a roça. Chegando lá, ele mandou os quatro rapazes plantarem as mudas.

Eles plantaram só a metade das mudas de guaraná e as meninas começaram a plantar o restante. De repente, elas perceberam que começou aparecer raiz pelo pé da moça mais velha, na do meio, começou aparecer galhos e folhas, na mais nova, começou aparecer olho do guaraná.

Isso deixou as moças muito assustadas, e elas saíram correndo para casa. Chegando lá, lembraram de que aquelas mudas eram de guaraná clonado.

TEXTO 4

O CURA-CURA

Em uma vila, no interior de Maués, morava um menino que ninguém sabia o nome, ele era conhecido como o filho do curador. Gostava de caçar sozinho. Certo dia, ele viu seu pai curar uma menina de 13 anos. Então ele pediu ao pai que o ensinasse a curar. Seu pai respondeu que sim, mas para isso o menino tinha que se entregar a um espírito da floresta, e quando chegasse o tempo certo, o pai lhe contaria essa História.

Certo dia, o pai do menino, sentindo-se cansado, chamou o filho para iniciar o processo de cura. O menino, todo empolgado, assumiu a responsabilidade, sabendo que havia uma paciente a sua espera. Então seu pai lhe contou a história sobre a origem do Guaraná.

O Waraná era o nome do menino que morreu na pajelança e sua mãe ao enterrar seu olho dizia:

- É, meu filho, tu ainda vai ser conhecido no mundo todo. Ainda vai curar muitas enfermidades, ainda vai ser muito cobiçado. E a partir daí existem muitos mistérios sobre o Waraná, hoje guaraná.

Após contar esta história para seu filho, falou que o espírito da floresta que o menino teria que invocar era o espírito do Waraná, mas para invoca-lo era preciso obedecer a um

ritual. O menino então o fez: tomou uma cuia com guaraná ralado, invocou o espírito do Waraná e curou a menina que sofria de uma doença no coração. O pai do menino, orgulhoso, passou sua confiança a seu filho.

Em pouco tempo, o menino já havia curado a vila toda, mas logo começou a ficar orgulhoso e se negar a atender as pessoas. O pai do menino sempre falava:

- Meu filho, você recebeu esse dom então não deve se negar a fazer o bem para as pessoas, mas o menino, já rapaz não ligava.

Foi então que seu pai, já idoso ficou muito doente. Então o menino fez uma promessa ao espírito do Waraná: Caso o espírito desse mais uns anos de vida a seu pai, ele voltaria a curar as pessoas. O Waraná deu mais uns anos de vida para seu pai. O menino então voltou a curar as pessoas. Quando seu pai morreu, o menino ficou conhecido como O Cura-cura.

TEXTO 5

A ALDEIA YANCAM NO LIVRO DO DOUTOR

Era uma vez, uma aldeia muito conhecida que se chamada YANCAM. Num certo dia, foi um doutor fazer uma visita para o povo que nela habitava. O mesmo não conhecia bem os costume de lá, mas já tinha ouvido falar no çapó, e era isso que mais ele queria pesquisar.

Chegando à aldeia, ele foi muito bem recebido pelo NAM, senhor mais velho, encarregado de contar as histórias. Então esse senhor lhe falou:

-Se o senhor quer saber sobre o çapó e sobre a nossa aldeia tem que compartilhar com a gente do nosso costume, caso contrário, não as coisas não acontecem. O Dr. aceita?

Ele pensou e respondeu:

-Sim. Aceito.

Então ele pediu para sua esposa preparar o çapó e começou a passar para eles na sala, e o NAM começou a falar dos costumes deles e do çapó, o doutor ficava ouvindo o que o NAM falava.

- Olhe seu doutor, vou lhe dizer tudinho. Para fazer o çapó o guaraná tem que ser ralado pela mulher, porque esse fruto nasceu do olho do curumim que morreu e ele era o filho da deusa.

- Ah, é?

- Tem mais, ele deve começar ser passado pela direita e pelo dono da casa onde foi recebido e não pela mulher. Os rapazinhos que já estão preparados e as meninas que já são moças formadas, isto é, já menstruaram, podem beber o çapó, mas as crianças e as moças

menstruadas, não.

-Por que as meninas menstruadas não podem beber o guaraná? – perguntou o doutor.

-Porque elas estão de resguardo e dá azar na conversa.

O NAM continuou falando, falando, mas o doutor achou que era tudo mentira, não acreditou dá um gole, quando a cuia de çapó passou por ele, ele não quis tomar, aí o NAM falou:

-Seu doutor, o çapó é raiz, se o senhor não tomar, não vai conseguir aprender nossa história, porque rejeitar o çapó é perder a origem do conhecimento, origem de tudo.

Aí o doutor pediu desculpa ao NAM e prometeu participar daquilo ali. Quando ele aprendeu tudo, ele escreveu um livro sobre a aldeia.

TEXTO 06

A PLANTAÇÃO DE GUARANÁ MÁGICO

Em uma comunidade do interior de Maués morava um rapaz que se chamava Benjamim. Seu pai era um mago profissional que mexia com porções poderosas de magias. . Um belo dia, Benjamim estava preparando nitrato de amônia e sulfato de sódio para pôr em sua plantação de guaraná, porém, ele não percebeu que sem querer, havia colocado porções mágicas. Ao chegar à tarde, Benjamim estava se dirigindo à sua plantação para distribuir nela de forma adequada suas porções químicas.

Ao chegar à noite, a plantação de guaraná estava brilhando com uma coloração verde e do nada começaram a se transformar em seres humanoides. Esses seres eram grandes, com braços fortes, pernas musculosas e mãos feitas por folhas horríveis e davam um medo desconforme grande.

De repente, eles entraram correndo para a mata, mas deixaram várias pegadas grandes no chão. Ao amanhecer, Benjamim estava terminando de tomar seu café e partiu para o seu guaranazal. Ao chegar lá, ele tomou um grande susto, não encontrou a sua plantação, que era muito grande e rica, e se sentiu muito chateado, mas não deixou com que a tristeza acabasse com o seu dia. Ele juntou pistas e chamou seus amigos Bruno, Marcus e Lucas para ajudá-lo na procura de quem tinha havia roubado a sua plantação.

Mas seu pai teve uma desconfiança. Ele não encontrou suas porções mágicas e perguntou a Benjamim se ele havia visto. E Benjamim disse ter encontrado algumas porções, mas não percebeu que tinha colocado nas suas porções químicas. E seu pai então disse:

-Você criou uma espécie de monstro que agora vive na floresta amazônica e se você ficar lá por muito tempo, você pode ser morto pelo clã do guaraná.

Benjamim saiu imediatamente da floresta e contou para as outras pessoas o que tinha acontecido. Seus colegas falaram que o espírito do guaraná não gosta de veneno na sua plantação.

TEXTO 7

A FESTA DO GUARANÁ E O BOTO ENCANTADOR

O guaraná nasceu na cidade de Maués no Amazonas. Ele representa a cultura do povo mauesense. O guaraná é símbolo de vida, sabedoria, inteligência, longevidade principalmente no grande ritual (çapó).

Em Maués, é realizada a Festa do Guaraná, para comemorar a colheita. As atividades da festa acontecem na praia. Nesse período, vêm atrações de fora, acontecem desfiles das candidatas à rainha do guaraná, lenda do guaraná, muitas moças e rapazes também vêm de outras cidades, e se comemora toda a cultura desse fruto e da nossa cidade.

As moças da cidade ficam doida, paquerando os rapazes que vem de fora. A festa dura três dias e três noites. O boto, muito esperto, aproveita disso, sai do rio e vem à praia para encantar as meninas e levá-las com ele. Ele vem todo vestido de branco com um chapéu branco e é alto, bonito, bronzeado e muito sagaz.

Em uma das festas, duas moças conheceram dois rapazes muito bonitos e ficaram se gabando pras colegas que tinham arranjado um namorado. Quando acabou a festa, uma sumiu pra nunca mais voltar e a outra ficou grávida e até hoje não viu mais o rapaz que a engravidou.

Já aconteceram muitos desaparecimentos de meninas durante a Festa do guaraná e a maioria nunca foi encontrada, dizem que o boto encantou-as e as levou para o fundo do rio.

Ele sempre vem no festival do guaraná porque é o período que a história da cidade e do guaraná é lembrada e também porque vem bastante pessoas de fora e a praia fica bem lotada, e sabe que as meninas bonitas vão estar lá. A praia fica bastante movimentada e o rio fica agitado.

TEXTO 8

O GUARANÁ E O JURUPARI

A história começou numa fazenda, onde existia um grande guaranazal. Lá, havia uma família recém-chegada que começou um plantio de guaraná sem saber que já existia outro antes. Após três meses em que a família já estava lá trabalhando, aconteceu algo inexplicável: um bando de aves pretas para roer todo plantio.

Enquanto as aves roíam o guaraná, apareceu um homem saindo do guaranazal, não era bem um homem, era um bicho feio com um grito que fazia um barulho muito esquisito, espantava as aves fazendo com que as elas fossem embora.

Com o passar de alguns dias, quase todo o começo de noite, o barulho acontecia no guaranazal e a família começou a se desesperar, pois o barulho aumentava cada vez mais e estava vindo em direção a casa da família e os cachorros começaram a latir.

Então, o pai, desesperado, pegou toda a sua família e os colocou na canoa num rio que dava acesso ao quintal da casa e começou a remar desesperadamente. A família ficou a noite toda no meio do rio. Quando chegou a manhã, assim que o sol apareceu, voltaram à fazenda, os cachorros haviam sumido e a casa estava do mesmo jeito.

Até hoje, dizem que era o espírito do Jurupari que tinha comido o indiozinho, que deu origem ao guaraná.

TEXTO 09

A MULHER QUE VIVIA AMARELONA

Há muito tempo, morava com sua esposa, em uma comunidade chamada Paracuni, um senhor que era dono da maior plantação de guaraná, seu nome era Antenor. Ele aprendeu com seus pais, a tomar guaraná todas as manhãs.

Seu Antenor era um homem muito trabalhador, todos os dias ele acordava cedo e antes de tudo, ralava o guaraná na língua do pirarucu, como ele aprendeu, e só depois comia alguma coisa. Ele sabia que aquela bebida dava energia e força para as pessoas trabalharem, pena que não conseguia convencer sua esposa a tomar.

- É, ela veio do meio dos brancos e tem outros costumes.

Dona Dalva que vivia amarelona, sem prazer pra nada, parecia uma lesma. Um dia, ficou muito doente e seu Antenor resolveu levar sua mulher ao médico, o médico passou um monte de remédio e dona Dalva melhorou, engordou um pouco, mas não era aquela mulher de energia e alegre.

Seu Antenor disse :

-Quer saber de uma coisa, vou levar essa mulher no pajé, e assim ele fez. Quando chegou lá, o pajé começou a concentração e disse pro seu Antenor:

- O senhor ajudou tantas pessoas, através da recomendação do guaraná e não consegue mostrar os milagres do guaraná pra sua mulher?

-É verdade , por isso que eu trouxe ela aqui com o senhor por que dizem que santo de casa não faz milagre.

O pajé falou para ela. Olha minha senhora o guaraná é um remédio espiritual, ele espanta as forças do mal como: inveja, olho grande, feridas, dor de cabeça, preguiça e outras e outras coisas ruins, e a senhora nem se ligou na importância que o guaraná tem, a senhora quer ser mais alegre e ter mais energia?

- Eu quero, Seu Pajé. Ela respondeu.

-Então vamos espantar todo esse espírito fraco que tem na senhora. Toda manhã, a senhora rala o guaraná na língua do pirarucu e antes de tomar o primeiro gole, lembre-se do olho direito do índio. Faça isso uns três meses, depois o espírito do guaraná já vai se acostumando em você, que quando tomar nem mais precisa se lembrar disso, basta tomar que tudo vai melhorar, a senhora vai ficar mais alegre e ter mais ânimo.

E D. Dalva fazia isso todos os dias, depois de uns seis meses, dava gosto conversar com D. Dalva. Seu Antenor ficou muito satisfeito e eles foram muito felizes. Com 59 anos ele era muito sadio e alegre e ela que era desanimada também ficou outra mulher.

TEXTO 10

O LENDÁRIO GUARANÁ

Há muito tempo às margens do Rio Maués-açu encontrava-se uma aldeia, onde havia um casal que não podia ter filhos e todos os dias a mulher se encontrava solitária enquanto seu marido trabalhava. Certa dia, andando pela mata i, questionando sobre sua possibilidade de ter filho, de repente ela ouviu uma voz dizendo:

- Você dará luz a um filho!!!

Assustada e sem saber o que fazer, ela responde:

-Como isso será possível?

A voz desconhecida fala:

-Terás que ir ao centro da mata sem nenhum tipo de armamento, lá acharás uma planta com um formato desconhecido, galhos longos, folhas grandes, cores fortes e um fruto que tem um formato de olhos que resplandecem beleza. Pegarás o fruto, farás dele uma bebida e a

tomarás. Pelo valor dessa bebida e tanto amor quem tens no coração, darás a luz a um filho que será um grande guerreiro, corajoso, destemido e será um excelente filho.

Então, imediatamente, ela saiu em busca desta misteriosa planta; ao encontrá-la, fez o que lhe foi ordenado.

O tempo foi se passando, com muita felicidade juntamente com seu marido aguardavam ansiosamente a chegada de seu primeiro filho que tanto esperavam. Nascendo saudável e forte, os pais deram o nome ao menino de RAONE.

RAONE, então já um rapaz amado pelo seus pais e por todos, era destemido, corajoso e possuía uma grande habilidade de caçar; em certo dia chuvoso, em uma de suas aventuras pela mata sombria e escura, RAONE sem saber como se perdeu na mata a qual conhecia como a palma da mão.

Pora tanto seus pais juntamente com a aldeia a qual os amavam tanto foram em busca de RAONE, mas infelizmente não tiveram a possibilidade de encontra-lo. Anos se passaram e certa vez seu pai saiu com aquela esperança de encontrar seu filho novamente, de repente deparou-se com um arbusto e ali se encontrava o punhal, o arco e a flecha de RAONE; triste por aquilo e ao mesmo tempo feliz tornou-se conhecimento que dali daquela planta foi o começo e fim daquele filho tão amado que foi concedido a eles.

Desde então fizeram com que se expandisse territorialmente e se tornasse conhecida aquela magnífica planta que deram-lhe o nome de GUARANÁ, que foi o começo de fim uma história que prevalece em nosso município e se faz presente em nossas vidas até hoje.

TEXTO 11

DONA JACIRA E A CURA PELO ÇAPÓ

Em uma comunidade do município de Maués, chamada Bom Jesus, morava a família do seu Domingos. Todas as manhãs, seu Domingos ia feliz capinar o seu guaranzeiro e fazer colheita do guaraná, sua mulher, Dona Jacira, ficava lhe esperando sentado na ponte do porto de sua casa.

Um certo dia, seu Domingos resolveu levar a sua mulher para o guaranazal, sendo que ela nunca tinha ido lá. Chegando ao local, na metade da colheita do guaraná, eles ouviram uma voz bem forte vindo da mata, sua mulher ficou bastante com medo. O marido correu até a beira para pegar sua canoa e salvar a sua mulher.

Mas a voz era muito forte que Jacira começou a ter alucinações e passou muito mal. Seu marido ficou preocupado e logo levou sua esposa para casa. Sem saber o que fazer,

chamou um índio curandeiro, que morava numa aldeia perto dali.

Logo o índio viu que precisava levar Jacira para sua aldeia, então, seu Domingos falou para ela:

- Jacira, minha querida, precisamos buscar sua cura, então vamos ter que ir até a aldeia do índio.

Chegando à aldeia, o índio reuniu seu povo, preparou o ritual do çapó¹⁴ para a mulher do seu domingos que logo foi voltando ao seu normal.

TEXTO 12

UYACANDA TUPI, O COLHEDOR

Numa pequena aldeia, localizada no Rio Marau, todos os anos, num certo tempo, acontecia um fato muito interessante. Na noite de lua cheia, uma luz inexplicável se aproximava da lua, quase a tocando-a. No nascer do sol seguinte, o guaraná estava pronto para colher.

Uyacanda conhecia bem as estrelas e com elas marcava o tempo de cada planta que iria brotar frutas. Do guaraná era sempre quando uma estrela chegava perto da lua, mas isso somente o índio sabia o dia.

No dia de lua cheia, pela madrugada, ele saía da tribo e entrava na floresta, vagando até encontrar algo claro iluminando uma pequena parte da mata ele chegava ao local e via a planta do guaraná, esperava até o sol nascer e quando olhou ele já estava cheio do fruto.

Agradecia a lua e o sol, colhia o guaraná e voltava para a tribo sem nem mesmo saber o caminho. As pessoas da tribo já sabiam que quando o Uyacanda sumia, ele voltava pela manhã sempre com uma cesta cheia do guaraná todo ano.

Ele chegava à tribo, saldando a todos e as pessoas perguntavam como ele achava guaraná, e ele respondia que o guaraná era dado pela lua, e Uyacanda ficou conhecido como o colhedor.

TEXTO 13

O GUARANÁ E O ANSELMO

¹⁴ **Çapó:** ritual dos índios nas aldeias, Quando chega visitas de pessoas na comunidade, Com a guaraná ralado na cuia, vai passando-se de mão em mão, Até chegar ao final do ritual, é uma bebida forte que chama também os deuses da natureza. Para fortificar os índios e as visitas.

Em uma cidade chamada Maués, mais conhecida como a Terra do Guaraná, morava um homem chamado Anselmo que ficou encantado nas águas do Rio Maués-Açu.

O guaraná é a tradição de Maués, todos os anos no mês de novembro, entre os dias 27,28 e 29 é realizada a festa do Guaraná, onde são expostas várias coisas que vêm do guaraná, como: artesanatos, o pó de guaraná, os sucos, as vitaminas, etc, como também as apresentações de palco com coreografia, lendas e o mito do guaraná.

A história começa assim: Certo dia, depois da festa, logo no começo de dezembro, apareceu, na praia da ponta da maresia, um pé de guaraná com uma florzinha diferente das outras que costumamos ver. Todos que por ali passavam, ficavam encantados com aquela florzinha que aos poucos foi se transformando em olho.

Anselmo era um rapaz jovem e muito divertido, era conhecido por todos do seu bairro, ele passava por aquele lugar todos os dias. Ao ver aquele fato, ficou pensativo e falou para o seu colega:

- Não sei por que, mas quando passo por aquele pé de guaraná, percebo que tem um olho que me segue. Quando eu viro pra direita, vejo que o olho está me olhando, pra esquerda, a mesma coisa, será que é só comigo?

- Acho que é impressão sua, Anselmo.

Depois de uns dias, Anselmo falou de novo com o colega dizendo que achava que aquele olho parecia de uma pessoa e que parecia querer lhe falar alguma coisa. E ele começou a ficar pensativo.

No outro dia Anselmo contou ao colega que sonhou que aquele olho era o espírito de uma das filhas do guaraná e que ela estava ali para espantar os maus espíritos e que tinha gostado muito dele.

Um certo dia, Anselmo saiu para tomar banho e até hoje não voltou. Dizem que ele se encantou e ficou morando debaixo da água, e ela, na praia. E em todas as festas do guaraná eles se encontram para cuidar dos filhos do guaraná.

TEXTO 14- Virna Antunes

HISTÓRIA DO GUARANÁ

Em uma das florestas de Maués, havia uma tribo com um casal de índios que se amavam muito. O casal não tinha filhos, mas desejavam tê-los. Certa noite, a linda índia teve um sonho e nele ela pedia a um dos deuses a criança que tanto almejava. O deus, com voz de trovão disse a índia que tivesse calma, que logo ela teria o filho, e, assim, a índia acordou espantada, chamando o marido com voz tremulada e foi logo, contando o seu sonho a ele.

Passados alguns meses, a tribo recebeu a notícia que a índia esperava uma criança e todos dão graças ao deus, fazendo oferendas, danças e acontece um lindo festejo na pequena tribo, pois, todos sabiam que o casal era merecedor.

Finalmente, o lindo garoto cresceu trazendo harmonia e felicidade para todos e cresceu bondoso, mas causando inveja e ódio para um grande vilão, que planejou sua morte dando-lhe um bote no meio da floresta, O deus revoltado mandou uma tempestade. Ao encontrar o garoto o deus transmite uma mensagem para a linda índia pedindo a ela para enterrar os olhos do garoto.

No local onde foram enterrados os olhos do garoto, nasceu a planta do guaraná.

TEXTO 15 Júlisson

Anexo H – Poesias

O GUARANÁ

Vocês conhecem essa fruta

Que deixa o sujeito animado?
É o guaraná que mesmo com sono
Não deixa o homem cansado.

Bebi num copo
um pó bem ralado
com a água, misturado
É o guaraná, por todos amado.

Tem uma rica composição
Tem valor medicinal
Também usado na alimentação
E na parte comercial

Ele e da cidade de Maués
Que e a terra do guaraná
Hoje no mundo inteiro conhecido
E todos querem importar.

Marcos Sávio Perrone

FESTA DO GUARANÁ

Quando chega o mês de novembro,
É um corre- corre pra lá e pra cá,
Pessoas buscando ganhar uns trocados,
Nas noites da festa do guaraná

A colheita é celebrada
Desse fruto muito nobre.
A cidade fica agitada
E cada um usa o que pode

Os turistas que aqui chegam
Querem logo o turbinado
Ficam com muita energia
E ninguém fica parado
Arlindo Agosto

O GUARANÁ, O OURO DA PLANTAÇÃO

De um lindo fruto
Na cidade de Maués

Nasce uma grande lenda
Da tribo satere mawe
Que serve de tradição
Ralado na própria mão
O fruto que vem do chão
Alimentando a população
Histórias de uma linda índia
Que chorando cai no chão
Vendo seu filho morto
Matado pelo seus irmãos
Mas a índia não desisti e grita
Pedindo compaixão
Para os deuses da etnia
Lhe dê-se atenção
Para índia foi falado
Seus olhos plante ao chão
Nascendo o fruto cobiçado
Sendo o ouro de nossa plantação.
Marcos Paulo

MAUÉS DO GUARANÁ

Cidade de belas praias
Cidade como essa não há
Cidade da qual me orgulho
Minha Maués do guaraná
Espírito de Vitória
Força para lutar
Cidade de muita glória
Maués do guaraná.

O mês de novembro anuncia
O que está para chegar
O grande dia esperado
A Festa do guaraná.

Em cada canto da cidade
Beleza é o que mais há
Terra de grande Torrão
Maués do guaraná.

Nilton Menezes

MINHA TERRA TEM GUARANÁ

Na minha terra tem guaraná
Fruto de muito valor
Pode até ter em outro lugar
Mas não dá o mesmo vigor

Ele cura até doença
E também dá energia
E isso não é crença
Ele dá sabedoria

O turista quando chega
Logo pede pra provar
Mas não sabe que quem prova
Em Maués já quer morar

CANÇÃO DO GUARANÁ

Na minha terra tem guaraná
Onde a lenda fez nascer
Dos olhos do indiozinho
Filho de Onhamançabê

Não permita deus tupã
Que levem pra outro lugar
Este fruto tão valioso
Tão gostoso de provar

Bom é tomar guaraná
Energético que dá força
E coragem pra estudar

Por isso, meus amigos
Temos muito que aprender
Cuidar bem dessa cultura

Pra não desaparecer

O GUARANÁ

Antes do sol raiar
Vai o caboclo pra lida
Após tomar seu guaraná
Alimento que dá vida

Com valor na medicina
Traz consigo muita cafeína
Esse o é fruto do guaraná

Todos querem uma muda
E na sua roça plantar
Porque seu fruto ajuda
O dinheiro aumentar
Basta você ter cuidado
Pra planta não envenenar
Não use agrotóxico
E use adubo natural

Alan Batista

PLANTA BELA E COBIÇADA

Planta bela e cobiçada
Que um dia foi plantada
Hoje tem muito valor
Para o pobre e pro doutor

Foi do olho do indiozinho
Que morreu por traição
Ele nasceu tão pequenino
Mas foi fruto de uma paixão

Essa historia é conhecida
Aqui e em todo lugar
Do fruto que dá o elixir que alonga a vida
Essa planta é o guaraná

Fabiola Cruz

O GUARANÁ

O guaraná é uma bebida
Muito forte e poderosa
A mulher gosta de beber
Pra ficar bonita e formosa

No homem, o guaraná dá vigor
Inteligência e energia
Fica cheio de amor
E trabalha noite e dia

Nilton

CORDEL DO GUARANÁ

Meus senhores visitantes
Na festa do guaraná
Preste muita atenção
Pra história que vou contar

Com esta rima verdadeira
Que agora vou decantar
Dos olhos da índia guerreira
Nasceu o nobre guaraná

Se em semente ou é clonado
Ele tem muito valor
Esse fruto cobiçado
Que o sateré plantou

Rejuvenesce e alonga a vida
Ele é o nosso elixir
Encoraja a nossa lida
Coisa igual eu nunca vi

Em bastão ou em pó

De maneira habitual
Compartilho meu *çapó*
Num valioso ritual

Tem valor na medicina
Também na alimentação
Muito rico em cafeína
Ele dá muita disposição

É preciso mais carinho
Com o produtor de guaraná
Ele mostra o caminho
Para o doutor pesquisar

De longe vem o turista
Pra terra do guaraná
Quando vai leva saudade
E fica querendo voltar
E precisa ser mais assistido
Para sua produção melhorar

Um apelo às autoridades
Essa cultura incentivar
Porque Maués é o berço
Do gostoso guaraná

Aqui nós nos despedimos
Agradecendo a atenção
Quem gostou da rima
Bate na palma da mão.
Pode ter em outros lugares
Mas como em Maués, não.

(Coletivo)